



EVANGELIZAÇÃO NO HORIZONTE DA VONTADE CATIVA. DESAFIOS DA ANTROPOLOGIA DA REFORMA PROTESTANTE.

Claus Schwambach¹

I. CAMPOS DE TENSÃO NA COMPREENSÃO TEOLÓGICA DA EVANGELIZAÇÃO

“*Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a guardar todas estas coisas*” (Mt 28.18-20). Com essa ordem de Jesus, deixada como tarefa aos discípulos, a missão e a evangelização passam a figurar como uma das atividades essenciais da igreja cristã. E já uma breve olhada na história da igreja cristã irá revelar que a igreja tem procurado, ao longo dos séculos, desincumbir-se dessa tarefa de diferentes modos. Diferentes modelos de trabalho missionário foram desenvolvidos. Uma diversidade de enfoques do que vem a ser a “missão” surgiu. Essa história da evangelização e da missão cristãs, entretanto, não foi isenta de tensões e dilemas, muitos deles de cunho teológico. Poderíamos talvez falar de *três campos de tensão* que perpassam a compreensão teológica e a práxis evangelística da igreja, em especial, aquela que se encontra na tradição da reforma protestante:²

1 Claus Schwambach (Dr.). É professor de Teologia Sistemática e Ética, bem como Diretor Geral da Faculdade Luterana de Teologia. Desde 2004, representa a América Latina e o Caribe na *Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial (World Evangelical Alliance)*. O presente artigo representa a versão ampliada de uma palestra proferida no dia 14/05/2008 no Simpósio de Teologia 2008, realizado nos dias 13 e 14 de maio de 2008, na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, que versou sobre o tema: “O ser humano entre saúde e salvação”. Determinados enfoques do artigo espelham este *Sitz im Leben* original em que o assunto foi abordado. **IMPORTANTE:** A tradução de diversos trechos de obras em alemão ou latim foi feita pelo próprio autor ao longo do artigo e não será mencionada expressamente sempre que este for o caso.

2 Sobre o assunto: Siegfried KETTLING. *Die reformatorische These “Vom unfreien Willen” und der evangelistische Ruf zum Glauben*. In: Klaus Teschner (Ed.). *Die Botschaft von der freien Gnade. Evangelisation in unserer Zeit. Festschrift für Johannes Hansen zum 60.*

Em primeiro lugar, sempre representou um desafio estabelecer uma relação teologicamente equilibrada entre o *batismo* e a *conversão*. De um lado, não raro, aquelas pessoas que valorizam o chamado evangelístico à fé e à conversão acabam relativizando ou até desprezando o valor do batismo, em especial, do batismo de infantes. De outro lado, não raro, pessoas que dão importância central ao batismo como ação poderosa de Deus no início da vida da pessoa acabam minimizando ou até desprezando o chamado evangelístico à conversão. Os primeiros enfatizam a importância da dimensão subjetiva no evento da salvação. Já os últimos destacam a centralidade do ato objetivo de Deus em favor da humanidade. Onde há posições extremadas de um ou outro lado, surge um profundo hiato entre batismo e conversão. Batismo e conversão são dissociados, destruindo-se assim os intensos elos de *unidade* bíblico-teológicos que deveriam existir entre esses dois pólos.

Um segundo exemplo que poderíamos mencionar é o da inter-relação entre a *justificação do ímpio pela graça* e a *justificação por obras*. De um lado, na evangelização corre-se o risco de enfatizar a gratuidade da salvação e da justificação de tal maneira, que todo o falar em uma “nova obediência” como fruto da salvação já é visto como legalismo e farisaísmo. Enfatiza-se corretamente que a salvação acontece pela graça, mediante a fé, não por obras. Mas raramente aborda-se a questão da nova obediência como consequência natural e fruto da graça obtida. O discurso sobre a graça de Deus torna-se, dessa forma, em um discurso sobre uma “graça barata”, sem cruz, sem serviço e sem discipulado. Evangelização torna-se, assim, chamado para usufruir os benefícios de Cristo, mas não mais de entrar no discipulado e no seguimento deste. De outro lado, há quem articule o chamado evangelístico quase sempre como apelo para que a pessoa faça a “sua parte”, tornando-se ativa no ato da sua salvação e tomando o destino derradeiro e eterno de sua vida em suas próprias mãos. Para chegar a Cristo, ela *deve* arrepender-se, mostrar publicamente que está contrita, abandonar previamente certos pecados e vícios etc. Assim as obras, que deveriam ser fruto e implicação da salvação experimentada, são colocadas, já no contexto da própria práxis evangelizadora, como pré-condição humana para que a pessoa receba a graça de Deus.

Um terceiro e último assunto que tem afetado diretamente a compreensão teológica e a práxis da evangelização é a questão como o *chamado evangelístico à fé* se relaciona com a *vontade* do ser humano. O Catolicismo Romano e grandes segmentos do Protestantismo entendem que a evangelização tem como público-alvo pessoas que, ao serem confrontadas

com o evangelho, são colocadas numa situação em que podem, ao menos em certa medida, optar se querem ou não aceitar a oferta do evangelho. Entende-se que a pessoa tem uma porção mínima de livre-arbítrio, de maneira que possa decidir sobre seu futuro eterno. Entende-se que quem não defende o livre-arbítrio está menosprezando a responsabilidade humana perante Deus. Parte-se do princípio que a oferta da salvação é universal, e que Deus quer que todos cheguem ao conhecimento da verdade e sejam salvos, mas que cabe ao ser humano aceitar ou rejeitar isso, ou, no mínimo, não resistir nem desprezar a oferta de Deus. Deus efetuou a salvação em Cristo e fez todo o necessário para que as pessoas pudessem ser salvas, mas, para ser salvo, é imprescindível que a pessoa também faça a “sua parte”, cooperando de certa forma com Deus. Esse primeiro grupo entende, portanto, que não há como conceber a evangelização sem pressupor o livre-arbítrio do ser humano. Afirmar que este tenha uma vontade cativa seria o mesmo que declarar a falência da evangelização cristã.

O outro pólo é composto por pessoas, igrejas e movimentos que destacam que a pregação cristã deve necessariamente pressupor uma *vontade cativa* no ser humano. Enfatizam que aqueles que defendem o livre-arbítrio em questões de salvação estão minimizando a obra de Cristo, relativizando a graça divina e reintroduzindo a salvação por obras e méritos humanos na evangelização cristã. Para esse grupo, a ênfase na vontade cativa do ser humano pode ser tão extremada, que toda e qualquer prática visando evangelizar e chamar pessoas à fé e à conversão já lhes parece suspeita e é vista até mesmo como um absurdo. Em decorrência, surge o risco do desprezo à evangelização.

A questão teológica que se torna aguda, nesse contexto, é: qual dessas duas posições extremadas a práxis evangelística deve pressupor? Com qual delas – o livre ou o servo arbítrio – o chamado evangelístico à conversão forma uma unidade complexa? A abordagem que segue visa aprofundar justamente as reflexões em torno deste terceiro foco de tensões na compreensão teológica da evangelização cristã. Trata-se, no fundo, da questão do horizonte antropológico da evangelização: qual concepção do ser humano a evangelização e, de forma geral, a própria pregação e missão cristãs devem, afinal, pressupor?

Como o cerne da problemática nos encontra de forma clássica no conflito entre o humanista Desidério Erasmo de Roterdã e o biblista Martinho Lutero, queremos tomar o embate teológico entre esses dois pais da igreja cristã como princípio heurístico para nossa abordagem do assunto. Num *primeiro momento*, pretendemos abordar de forma mais extensiva as ênfases e diferenças da posição de cada um deles. Num *segundo momento*,

queremos tratar dos principais questionamentos que têm sido feitos aos que defendem que o ser humano possui uma vontade cativa em questões de salvação, sob o ponto de vista da teologia da evangelização e da missão. Partindo de Lutero, tentaremos nos expor à pergunta como é possível conceber a evangelização no horizonte da doutrina da vontade cativa. E, em *terceiro lugar*, gostaríamos de abordar uma questão inevitável que desponta nesse contexto, a saber, a problemática em torno da eleição ou predestinação divina, que já terá despontado ao longo da abordagem. Em síntese, *tentaremos compreender melhor a antropologia de Lutero e traçar as implicações teológicas e práticas para a evangelização e, no fundo, para o todo da teologia protestante*. Em toda abordagem que segue, tomaremos como base o livro que Lutero escreveu contra Erasmo: *Da vontade cativa*; em latim: *De servo arbitrio*³, procurando dar amplo espaço para que Lutero mesmo venha à voz.

3 Martinho LUTERO. *Da Vontade Cativa*, in: Martinho Lutero. Obras Seleccionadas. Vol. 4: Debates e Controvérsias II. Ed. p. Comissão Interluterana de Literatura. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1993, p. 17-216. O texto é tradução de *De Servo Arbitrio Mar. Lutheri ad Erasmus Roterodamum* (1525), in: WA 18-600-787. Para uma introdução, cf. o citado vol. 4 das Obras Seleccionadas, p. 11-16 – A “Introdução” é de autoria de Martin N. Dreher. **Obs.:** Doravante este escrito será citado da seguinte forma: Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4]. Em nossa abordagem, levaremos em conta também algumas análises deste escrito do Reformador: Siegfried KETTLING. *Vom unfreien Willen*, in: Kurt Heimbucher (Ed.). *Luther und der Pietismus*. Dillenburg: Gnadauer Verlag; Giessen/Basel: Brunnen Verlag 1983, p. 120-157; Siegfried KETTLING. *Typisch evangelisch. Grundbegriffe des Glaubens*. 5. ed. Giessen: Brunnen Verlag 1992, p. 83-124; Siegfried KETTLING. *Die reformatorische These “Vom unfreien Willen”*, p. 15-28; Hans Joachim IWAND. *Die Freiheit des Christen und die Unfreiheit des Willens*, in: Hans J. Iwand. *Um den rechten Glauben, Gesammelte Aufsätze*, hg. v. K. G. Steck. München: Chr. Kaiser 1965, p. 247-268; Rudolf HERMANN. *Luthers Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1967, parte VIII; Klaus SCHWARZWÄLLER. *Theologia crucis*. München: Chr. Kaiser 1970; Oswald BAYER. *Pecado e vontade cativa*, in: Oswald Bayer. *A teologia de Martinho Lutero. Uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal 2007, p. 127-140, especialmente p. 132-140; Eberhard HAHN. *Wie (un-)frei sind wir? Der Streit um den Willen und seine Konsequenzen*, in: Rolf Hille; Herbert H. Klement (Eds.). *Ein Mensch – was ist das? Zur theologischen Anthropologie*. Bericht von der 13. Studienkonferenz des Arbeitskreises für evangelikale Theologie (AfeT) 14.-17. Sept. 2003 in Bad Blankenburg. Helmut Burkhardt zum 65 Geburtstag gewidmet. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag; Giessen/Basel: Brunnen Verlag 2004, p. 131-145. A abordagem científica recente mais ampla e profunda que conhecemos sobre *De servo arbitrio* é a dissertação de Thomas REINHUBER. *Studien zu Luthers Bekenntnis am Ende von De servo arbitrio. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Evangelisch-theologischen Fakultät na der Eberhard-Karls-Universität Tübingen*. (Dissertação). Tübingen 1998, p. 8. [Obs.: As páginas citadas no presente artigo remetem para esta dissertação. Mais tarde, o autor publicou a mesma em livro: Thomas REINHUBER. *Kämpfender Glaube. Studien zu Luthers Bekenntnis am Ende von De servo arbitrio*. (TBT 104). Berlin; Nova York: De Gruyter 2000].

II. LIVRE-ARBÍTRIO *VERSUS* VONTADE CATIVA – SOBRE A RELEVÂNCIA TEOLÓGICA DA QUESTÃO

O ser humano é, afinal, livre ou determinado? Ele pode optar pela sua salvação? Ele pode rejeitar a salvação? Ele possui livre-arbítrio? E se ele não possui livre-arbítrio, mas um servo árbitro (vontade cativa), não seria ele uma mera marionete nas mãos de Deus? Existe predestinação? Se existe, há uma predestinação para a salvação ou também uma para perdição (dupla predestinação)? Sim, se existe predestinação, porque ainda evangelizar e fazer missão, se aqueles que Deus predestinou de um ou outro modo acabarão sendo salvos, com ou sem o nosso esforço evangelístico ou missionário?

Quem deseja empreender um estudo aprofundado sobre as possibilidades da vontade humana em questões de salvação logo constatará que o tema pode levar a um *tumulto* entre as pessoas. Poderá surgir agitação entre as pessoas, despontarão dúvidas, perguntas, questionamentos, críticas, tensões, posições divergentes e defendidas de forma acalorada etc. Levando em conta esse fato, não seria melhor calar sobre essas questões, para “não levantar poeira” desnecessária? O embate entre Lutero e Erasmo começa justamente com essa questão!

Erasmo defende uma tese muito clara a respeito: “‘Há certas coisas que são de tal gênero que, mesmo que fossem verdadeiras e pudessem ser sabidas, não conviria expô-las a ouvidos públicos’”.⁴ Erasmo teme o tumulto, prefere “não levantar poeira”.

Lutero é de posição bem diferente. Por isso, responde a essa colocação de Erasmo:

“[A]qui... confundes e misturas tudo, como é teu costume... e mais uma vez incorreste em desprezo e injúria contra a Escritura e contra Deus. Eu disse ... que as coisas que são transmitidas ou provadas nas Sagradas Letras não apenas são claras, mas também salutares, podendo – mais: devendo – por isso, ser seguramente divulgadas, aprendidas e sabidas. Assim sendo, é falsa tua afirmação de que não devem ser expostas a

4 Assim Desiderius ERASMUS, num trecho de seu escrito *De libero arbitrio διατριβη sive collatio*, que Lutero cita em: Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 35. Cf. Erasmo de ROTERDÃ. *Ausgewählte Schriften*. Vol. 4. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1969, p. 1-195. **Obs.:** Doravante este escrito será citado como: Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio διατριβη sive collatio*. No texto também aludiremos a esta obra como a *Diatribē*. Detalhes sobre esta obra de Erasmo: Martinho LUTERO, *Obras Seleccionadas*, vol. 4, p. 15ss.

ouvidos públicos, se te referes às coisas contidas na Escritura.⁵ ... trata essa causa como se tu e eu tivéssemos um processo em que estivesse em jogo uma quantia reparável de dinheiro ou qualquer outra coisa de pouquíssima importância, cuja perda ... não deve abalar alguém a ponto de não ceder, fazer e tolerar, conforme a situação, para que não seja necessário causar tal tumulto ao mundo. Portanto, dás a entender claramente que essa paz e tranqüilidade da carne te parecem muitíssimo mais valiosas do que a fê, a consciência, a salvação, a Palavra de Deus, a glória de Cristo....⁶ Quanto tumulto houve sob os ... profetas! ... Acaso isso foi paz? O mundo e seu deus não podem nem querem a palavra do verdadeiro Deus; o verdadeiro Deus não quer nem pode calar; ora, que outra coisa pode acontecer senão tumulto no mundo todo se esses dois deuses estão em guerra um contra o outro? Portanto, querer fazer cessar esse tumulto não é outra coisa do que querer suprimir e proibir a Palavra de Deus. Pois sempre que a Palavra de Deus vem, ela vem para mudar e inovar o orbe”.⁷

“A verdade e a doutrina devem ser pregadas sempre, publicamente e com constância, nunca devendo ser torcidas e ocultadas, pois não há nenhum escândalo nelas. Elas são a vara da retidão. E quem te deu poder ou direito de prender a doutrina cristã a lugares, pessoas, tempos e situações, quando Cristo quer que ela, libérrima, seja divulgada e reine no orbe? Com efeito, ‘a palavra de Deus não está presa’ [2 Tm 2.9], diz Paulo; e Erasmo haverá de prendê-la?”.⁸

As palavras, com as quais Lutero se dirige a Erasmo de Roterdã ao discutirem a questão do livre-arbítrio do ser humano, mostram bem para o ponto sensível da abordagem de um tema como este até os dias de hoje. Erasmo achava que o assunto, se uma pessoa tem ou não livre-arbítrio nas questões relativas à sua salvação, poderia trazer muito tumulto e inquietação entre o povo e que talvez fosse mais sábio para os teólogos, se ficassem calados a esse respeito. E isso ele defende em nome da paz e da harmonia. Já Lutero, como sua resposta o mostra, não consegue ficar calado sobre esse assunto. Ele entende que, se nem mesmo Deus fica calado em

5 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 35.

6 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 38.

7 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 39.

8 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 42.

sua palavra revelada⁹, também os teólogos não devem fazê-lo, mesmo que isso resulte em muito tumulto e inquietação. Para Lutero, essa é inclusive uma característica típica da Palavra de Deus. Segundo ele, “essa é a sorte mais constante da Palavra de Deus, por causa dela o mundo é tumultuado. Cristo afirma isso publicamente: ‘Não vim’, diz ele, ‘trazer a paz, mas a espada’ [Mt 10.34]. E em Lucas: ‘Vim trazer fogo à terra’ [Lc 12.49]”.¹⁰

Não há dúvidas: estamos diante de assuntos complexos e arduos a soluções lógicas. São assuntos que causam crises, questionamentos em relação ao modo de agir de Deus e, não raro, discussões acirradas. Quando um conflito desponta, sempre de novo estaremos diante da decisão: ou calar a respeito e evitar conflitos e questionamentos; ou abordar esses assuntos, dispondo-nos a suportar os rumores. Nesta abordagem, optamos pela segunda das alternativas. Por quê?

- Porque, como Lutero já afirmava, é um assunto que é abordado na Palavra de Deus e a nós compete abordá-lo;

- Porque a teologia tem uma dívida para com a comunidade cristã, pois há muitas dúvidas e indagações a esse respeito, que não tem sido respondidas de forma satisfatória, normalmente para “evitar polêmicas”. São dúvidas que surgem cedo ou tarde em todas as pessoas que sinceramente lêem a Bíblia. Surgem entre os eruditos e estudados, mas também entre o povo simples de Deus.

- Porque este assunto é um foco de controvérsia permanente entre o catolicismo romano – âmbito em que o livre-arbítrio é afirmado – e a teologia luterana – âmbito em que, via de regra, o servo arbítrio é afirmado.

- Porque há uma diversidade de posições sobre esses assuntos no âmbito do próprio Protestantismo brasileiro e mundial. A questão, se o ser humano possui um arbítrio livre ou cativo, é um foco de controvérsias permanente entre a tradição luterana e outras tradições evangélicas.

Inclusive, dentro do próprio âmbito do Pietismo protestante, seja luterano ou reformado, há diferentes correntes nessa questão: há os que defendem que o ser humano não possui livre-arbítrio nas questões relativas à salvação, conforme Lutero afirmava. Para os representantes dessa vertente, o Pietismo só terá algo a contribuir se articular os seus enfoques dentro das coordenadas confessionais da Reforma. Mas também há os que defendem que o ser humano possui livre-

⁹ As passagens bíblicas que Lutero aborda neste contexto são: Mt 10.34; Lc 12.49; 1 Co 6.5; Sl 2; Mt 12.30; 16.26; At 14.5; 17.6; 1 Rs 18.17; Mt 24.6.

¹⁰ Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 39.

arbítrio e que não é realmente possível evangelizar e chamar pessoas à conversão, se não se pressupor que o ser humano tem liberdade para aceitar ou rejeitar a oferta da graça de Deus. Para essa vertente, o Pietismo tem alguns enfoques realmente diferentes da Reforma e somente terá algo a contribuir caso se distinguir da Reforma nesses pontos. Talvez seja por causa dessa vertente pietista que representantes do protestantismo luterano do séc. XIX chegaram a afirmar que o Pietismo não pode ser visto como filho da Reforma, mas sim, como um bastardo da mística católico-romana.

- Por fim, esse tema precisa ser abordado porque nele é a própria questão da verdade e da salvação que estão em jogo. Porque é nele que se define, se somos cristãos evangélicos ou não. Porque é nele que se define, se para nós o ser humano é salvo por graça, por causa dos méritos de Cristo, mediante a fé, ou se afinal é salvo por obras próprias ou a partir de uma cooperação ou sinergia entre o que Deus faz (a parte de Deus) e o que o ser humano pode fazer para ser salvo (a “nossa” parte).

Temos, em resumo, um tema absolutamente central do Cristianismo diante de nós, que já há séculos vem ocupando os debates no seio da igreja e teologia cristãs e que atinge a “totalidade da teologia”.¹¹ Esse conflito pertence às questões que, em última instância, nunca foram e talvez nunca serão bem resolvidas durante a história da igreja, fazendo com que o tema seja retomado sempre e sempre de novo. Afinal, não se trata somente da questão do livre-arbítrio ou da vontade cativa (= servo-arbítrio) em si, mas de questões relativas à compreensão do próprio ser e agir de Deus, da pergunta pela teodicéia, do questionamento acerca da responsabilidade humana em assuntos de ética e de salvação e, por fim, da pergunta pelo mal em sua origem e abrangência. No transcorrer das discussões, encontram-se tentativas de solução que se tornam norteadoras, mas elas não esgotam os méritos da questão, que afloram sempre e sempre de novo, como é típico de questões absolutamente fundamentais. Nesse sentido, o debate entre Lutero e Erasmo não é somente clássico, mas paradigmático.¹² Pois eles retomam assuntos discutidos desde a Antiguidade clássica¹³ e antecipam aquele que se tornou o tema mais importante da Modernidade ocidental – a

11 “... [dahinter] verbürgt bzw. enthüllt sich ... eine Gesamtschau von Theologie, die in diametral entgegengesetzte Richtungen weist: Wer Gott ist und was er tut, wie es um den Menschen bestellt ist, worauf sich die Erlösung durch Jesus Christus bezieht...”. Assim Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 132.

12 Assim Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 8.

13 Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 45ss.

questão da liberdade.¹⁴

III. O CONFLITO ENTRE ERASMO E LUTERO SOBRE A VONTADE HUMANA

1. *De servo arbitrio* – Centralidade teológica e preocupação pastoral da obra

O livro *De servo arbitrio* (*Da vontade cativa*)¹⁵, cujo contexto de surgimento abordaremos mais abaixo, é, sem dúvida, uma das obras de Lutero que mais tem gerado polêmicas e discussões, não somente católico-romanas e luteranas, mas também intra-protestantes. Entretanto, representantes da teologia contemporânea têm sempre de novo chamado a atenção que nesse livro despontam temas absolutamente centrais da antropologia cristã. O livro é complexo e sua leitura é uma tarefa por vezes ingrata. Há frases radicais de Lutero que chocam a muitos. O conhecido teólogo alemão e pesquisador de Lutero, Hans Joachim Iwand, afirmou em sua introdução a *De servo arbitrio*: “O leitor sempre de novo chegará a passagens as quais ele ‘não consegue acompanhar’”.¹⁶ Siegfried Kettling, um dos teólogos representativos do Pietismo luterano alemão atual, escreveu: “Na leitura – esta é minha experiência – me acontece sempre de novo assim: a gente primeiramente fica fascinado, depois provocado, mais tarde irritado e inclusive frustrado – mas, no fim, convencido de forma inusitada e infinitamente *liberto* com a compreensão da vontade *cativa*”.¹⁷ Quanto à centralidade do conteúdo, o já citado Hans Joachim Iwand afirmou: “Quem não largar este escrito de suas mãos com o *reconhecimento de que a teologia evangélica tem seu centro nesta (!) doutrina da vontade cativa*, este o leu em vão”. Interessante é também o que Klaus Schwarzwäller, outro pesquisador de Lutero, escreveu: “Nenhum escrito antes ou depois deste fez valer o evangelho em tal concentração e com uma tal ênfase como este. ... Pois Lutero apresenta aqui com uma precisão insuperável a pergunta teológica pela verdade”.¹⁸ O pietista Siegfried Kettling, ao iniciar um artigo sobre esse escrito, publicado em uma edição especial que trata das relações entre Reforma luterana e Pietismo, destacou algo que, a nosso

14 “Die Freiheit ist das Programm der neuzeitlichen Humanität“. Assim Hermann KRINGS. Art. *Freiheit*, in: Hermann Krings et. al. (Eds.). *Handbuch philosophischer Grundbegriffe*. Vol. 2. Studienausgabe. München 1972, p. 493-510, aqui 493.

15 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 17ss.

16 Apud Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 122s .

17 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 122s .

18 Apud Siegfried Kettling, *Vom unfreien Willen*, p. 121.

ver, é importante: que justamente nós, que nos encontramos no âmbito do Pietismo de tradição luterana, que tem enfatizado com demasiada insistência a necessidade da pregação evangelística, consideremos: “Ninguém é obrigado a ser evangélico, nem um Pietista e pessoa pertencente a Movimento de Comunhão Pietista precisa ser evangélico...; quem, entretanto, é *evangélico*, este não pode ser evangélico de outra forma, a não ser com um alegre e grato Sim para a vontade cativa! Quem diz Não neste ponto, este diz não para a Reforma, e – o que é mais amplo – [diz] não para o evangelho, diz não para a graça, não para a fé, não para a Escritura e em meio a tudo isso diz, em última análise, não para Jesus Cristo!”.¹⁹

Se já esses posicionamentos mostram algo da relevância e da centralidade do assunto, essa impressão se tornará ainda mais densa ao levarmos em conta o que o próprio Reformador pensava sobre esse escrito. Quando Capito e Butzer, amigos de Lutero, quiseram editar, já no ano de 1537, uma primeira edição das “Obras de Lutero” – alem.: “*Luthers Gesammelte Werke*” –, este se mostrou muito crítico e cético. Embora Lutero fosse autor de várias obras que se tornaram em Best Sellers de seus dias, seu desejo principal era que a Bíblia fosse estudada e seu temor era de que, em lugar da Bíblia, fossem lidos seus livros. Em sua resposta aos dois amigos, ele escreveu: “Eu desejaria, que eles [meus escritos] fossem todos consumidos [pelo fogo], pois não reconheço nenhum como minha obra autêntica, exceto, entretanto, o *De servo arbitrio* e o Catecismo”.²⁰

Como vemos, de todas as suas obras, Lutero afirmou a centralidade dessas duas. Nelas ele próprio vislumbrava, de alguma forma, os dados de sua teologia que julgava serem os mais importantes. No Catecismo – entenda-se no *Catecismo Menor* e no *Catecismo Maior* – Lutero faz uma afirmação e uma exposição das principais doutrinas da fé cristã. Já no livro *De servo arbitrio* ele apresenta a sua rejeição à doutrina que poderá colocar a pureza da fé cristã em perigo, a saber, a doutrina do livre-arbítrio, tal qual defendida por Erasmo. Inclusive no final do escrito *De servo arbitrio*, Lutero – a despeito da crítica ferrenha que fez a Erasmo – agradeceu a este por não tê-lo importunado e enfadado com questiúnculas periféricas e insignificantes, mas por ter lhe dado a oportunidade de escrever sobre a *vontade cativa*, que é, para ele, o verdadeiro *ponto central*, a *questão em si*, lat. *rem ipsa*:²¹

“... elogio e me gabo muito em ti [Erasmo] o seguinte: és o

19 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 122.

20 Martinho Lutero, apud: Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 120.

21 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* – WA 18,786,26.

único que atacou a questão em si, isso é, a questão essencial, e não me fatigaste com aqueles assuntos secundários sobre o papado, o purgatório, as indulgências e outras coisas desse tipo que mais são frivolidades do que questões [sérias], pelas quais até agora quase todos tentaram caçar-me em vão. Tu como único reconheceste o ponto central de toda [controvérsia]...; por isso te agradeço de coração”.²²

Para Lutero, faz parte do ser cristão o tentar compreender o que as Escrituras falam a respeito das possibilidades da vontade humana em relação à salvação:

“Por conseguinte, não é ímpio, impertinente ou supérfluo, mas antes de tudo salutar e necessário que o cristão saiba se a vontade efetua alguma coisa ou nada naquilo que concerne à salvação. ... Pois tratamos de investigar do que o livre-arbítrio é capaz, o que sofre, de que modo se relaciona com a graça de Deus. Se ignorarmos isso, absolutamente nada saberemos das coisas cristãs e seremos piores do que todos os gentios. Quem não percebe isso deve reconhecer que não é cristão. Quem, todavia, o repreende ou despreza, fique sabendo que é o maior inimigo dos cristãos. Pois se ignoro o que, até que ponto e quanto eu posso e faço em relação a Deus, de igual modo me será incerto e ignoto o que, até que ponto e quanto Deus pode e faz em mim, já que Deus opera tudo em todos. Entretanto, se ignoro as obras e a potência de Deus, ignoro o próprio Deus. Se ignoro a Deus, não posso venerar, louvar, agradecer e servir a Deus, pois não sei quanto devo atribuir a mim mesmo e quanto a Deus. Portanto, se queremos viver piedosamente, é necessário que mantenhamos uma distinção certíssima entre a força de Deus e a nossa, entre a obra de Deus e a nossa. Vês, assim, que esse problema é uma das partes de toda a suma das coisas cristãs; dele depende e nele está em jogo o conhecimento de si mesmo, assim como o conhecimento e a glória de Deus”.²³

Essas colocações são suficientes para demonstrar o quanto o livro *De servo arbitrio* é desafiador e, ao mesmo tempo, quão centrais os temas lá abordados são para a fé cristã. Entretanto, o ponto para o qual Lutero afunila a totalidade de sua resposta a Erasmo, a totalidade de suas convicções de fé adquiridas na leitura e no ouvir a voz das Escrituras,

22 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 29.

23 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 29.

é de cunho profundamente *pastoral*, é sua preocupação em auxiliar as pessoas a encontrarem a *certeza da salvação*. *De servo arbitrio* não é, de forma alguma, algum tipo de tratado dogmático. É, antes de mais nada, *interpretação das Escrituras a serviço da cura d’almas*²⁴ e da *correta orientação doutrinária e poimênica da comunidade cristã*:

“Digo ainda não só o quanto são verdadeiras essas coisas – sobre isso falaremos mais amplamente ... a partir das Escrituras –, mas também o quanto é religioso, piedoso e necessário sabê-las. Pois ignorando-se essas coisas, não podem subsistir nem a fé nem qualquer culto a Deus. Por isso seria verdadeiramente ignorar a Deus, e com tal ignorância não pode haver salvação, como se sabe. Pois se duvidas ou desprezas o saber que Deus tudo pré-sabe e tudo quer não de modo contingente, mas de modo necessário e imutável, como poderias crer em suas promessas, nelas confiar e te firmar com certeza? Quando ele promete, é preciso que estejas certo de que ele sabe, pode e quer dar o que promete. Do contrário, não o terás na conta de veraz e fiel, o que é incredulidade e a maior impiedade e negação do Deus altíssimo. Como, porém, estarás certo e seguro se não sabes que ele sabe, quer e fará certa, infalível, imutável e necessariamente o que promete? Não é só preciso que estejamos certos de que Deus o quer e fará necessária e imutavelmente, mas também que nos gloriemos nisso... Assim, pois, a fé cristã é inteiramente extinguida, as promessas de Deus e todo o Evangelho desabam por completo, caso se nos ensine e caso creiamos que não é preciso saber a presciência necessária de Deus e a necessidade das coisas que hão de acontecer. Este, pois, é o único e supremo consolo dos cristãos em todas as adversidades: saber que Deus não mente, mas tudo faz imutavelmente, e que a sua vontade não se pode resistir e que não se pode mudá-la ou impedi-la”.²⁵

2. O teólogo Martinho Lutero *versus* o humanista Desidério Erasmo de Roterdã

O livro de Lutero, *De servo arbitrio*, foi escrito no ano de 1525, como resposta a um escrito de Erasmo, escrito no ano anterior, em 1524, no qual este defendia o livre-arbítrio, *De libero arbitrio διατριβη sive*

24 Cf. Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 37.

25 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 33s.

collatio.²⁶ O embate que desponta nessas obras possui uma série de aspectos históricos e teológicos interessantes, que procuraremos arrolar a seguir:

2.1 A avaliação teológica do “livre-arbítrio” como estopim do conflito

O que ocasionou o início do debate acirrado que culminou com a escrita de *De servo arbitrio*? O ponto de partida já se encontra no ano de 1518. Desde aquele ano, Erasmo não conseguia aceitar uma tese de Lutero que feria profundamente sua convicção humanística, a saber, que o ser humano não possui livre-arbítrio. Em sua *Disputa de Heidelberg*, em 1518, na tese Nr. 13, Lutero havia afirmado: “Após a queda, o livre-arbítrio é um mero nome [ou título], e quando ele faz aquilo que está nele, ele cai em um pecado mortal”.²⁷ Se o livre-arbítrio é meramente um nome – em latim, uma *res de solo titulo* – então ele não tem poder para nada em relação à salvação. E tudo o que ele fizer a partir de si mesmo, necessariamente resultará em pecado – segundo Lutero, em “pecado mortal”, em distinção a pecados veniais. Outro momento em que Lutero defendeu essa tese tida como errônea por Erasmo, foi em seu escrito *Assertio omnium articulorum* (*Reafirmação de todos os artigos de Martin Lutero, que foram condenados pela mais recente bula de Leão X, 1520*), elaborado como ataque à bula de ameaça de excomunhão.²⁸ Justamente essa tese estava incomodando Erasmo há anos, provocando-o a escrever *De liberium arbitrium* em 1524.²⁹ Em *De servo arbitrio* Lutero se posiciona detalhadamente sobre as diversas partes dessa obra de Erasmo. Inclusive, o caráter não sistemático do escrito de Lutero se deve justamente ao fato de simplesmente ir reagindo aos capítulos do livro de Erasmo.

2.2 Escrituras ou Tradição Eclesiástica – qual o critério último na busca da verdade?

Erasmo de Roterdã era, assim como Lutero³⁰, um teólogo muito

26 Cf. Erasmo de ROTERDÃ. *Ausgewählte Schriften*. Vol. 4. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1969, p. 1-195. Detalhes sobre esta obra: Martinho LUTERO, *Obras Seleccionadas*, vol. 4, p. 15ss.

27 “Liberum arbitrium post peccatum res est de solo titulo” – WA 1,354,5 = Martinho LUTERO. *Obras Seleccionadas*. Vol. 1: Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1987, p. 38. Cf. Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 231; Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 133.

28 WA 7,94-151 – cf. especialmente 7,142,22-149,7.

29 Vale ressaltar que há registro de diversas trocas de correspondência entre Lutero e Erasmo neste período. Cf. Martin N. DREHER. *Da Vontade Cativa. Introdução*, p. 12s.

30 Seguimos, neste esquema, a estrutura de uma das melhores abordagens que conhecemos sobre a questão, que é de Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 123ss.

preocupado com a situação da igreja de sua época e com a necessidade de se fazer reformas. Como adepto do pensamento humanista, filólogo, erudito, adepto da filosofia e dos escritos antigos, Erasmo acreditava que o Cristianismo de sua época apenas iria melhorar, se voltasse a ser algo mais próximo às raízes do Cristianismo. Por isso, os representantes do Humanismo daqueles dias defendiam o lema *ad fontes* – de volta às fontes antigas. Isso valia tanto para o âmbito da filosofia, como da teologia. Nesse espírito, Erasmo elaborou uma edição do Novo Testamento grego, para que a teologia e a igreja tivessem novamente acesso às Escrituras na língua original. Lutero recebeu essa edição do NT grego com grande gratidão e a usou como base na tradução do NT para a língua alemã. Como filho fiel da igreja de sua época e como humanista, Erasmo entendia que as tão desejadas reformas consistiriam, em boa medida, no empenho das pessoas por mudanças morais.³¹ Apostavam na dignidade humana e na boa vontade das pessoas de mudarem. Isso fez com que, de um lado, ele admirasse Lutero e seus esforços. De outro lado, ao ver que Lutero enfatizava uma série de coisas que contradiziam a tradição eclesiástica de sua época, passou a ter ressalvas quanto ao tipo de mudanças que a Reforma protestante estava trazendo. O humanista Erasmo queria reformas, mas não pelo preço de rupturas tão radicais com a mãe igreja e sua tradição passada e presente. Lutero apelava para a autoridade exclusiva das Escrituras Sagradas nas questões da fé e da teologia. Lutero criticava tremendamente a mistura entre filosofia aristotélica e teologia que ele via na teologia escolástica de seu tempo, pois para ele essa mistura entre filosofia, tradição eclesiástica e Bíblia, resultava em confusão e perda da clareza do evangelho. Já para Erasmo, a verdade *não* está *somente* na Escritura, mas na Escritura *e* na interpretação dos Pais da Igreja, na Escritura *e* na Tradição, na Escritura *e* no magistério papal, na Escritura *e* na filosofia, na Escritura *e* no bom senso da razão humana.³² Erasmo valoriza, dentro da tradição eclesiástica, a voz dos Pais da Igreja, dos Santos, dos Mártires e dos Concílios. Cria que estes agiram inspirados pelo Espírito Santo e que eram os melhores intérpretes das

31 Para uma abordagem deste aspecto em Erasmo, cf. Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 139s.

32 Sobre este aspecto, cf. detalhes na introdução ao escrito de Lutero, encontrada em Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 15. Uma obra clássica que trata da admiração mútua, da troca de correspondências entre Lutero e Erasmo, bem com do crescente conflito entre ambos, é Karl ZICKENDRAHT. *Der Streit zwischen Erasmus und Luther über die Willensfreiheit*. Leipzig 1909, p. 1-15. Vale destacar neste ponto também que Erasmo respondeu ao escrito *De servo arbitrio*, tendo sua resposta o título de *Hyperaspistes* – in: Erasmo de ROTERDÃ. *Ausgewählte Schriften*. Vol. 4, p. 201ss. Lutero nunca respondeu a esse escrito de Erasmo.

passagens que ele considerava obscuras nas Escrituras. Na introdução de seu escrito *Diatribes*, Erasmo ressalta que “o debate é necessário, pois Lutero não só discute com os Pais da Igreja, mas também com todas as universidades, concílios e decretos papais”.³³ Isso mostra um pouco da amplitude desse debate, bem como a profundidade do compromisso de Erasmo com a tradição eclesiástica.³⁴ Já Lutero coloca a autoridade da Escritura – reiteradas vezes – acima da autoridade dos Pais da Igreja, do Papa e dos Concílios, como o vemos em algumas partes em *De servo arbitrio*:

“Nós, contudo, sabemos e estamos certos de que é pela Palavra de Deus que a liberdade cristã é afirmada, para que não nos deixemos escravizar por tradições humanas e leis. ... [Tu, porém, Erasmo, defendes que] ao mesmo tempo devem-se igualmente tolerar e observar em amor as leis dos pontífices, se assim talvez possam subsistir, sem tumulto, tanto a salvação eterna pela Palavra de Deus quanto a paz do mundo. Eu já disse ... que isso não é possível. ... O verdadeiro Deus não pode tolerar isso. Assim a Palavra de Deus e as tradições humanas pugnam em implacável discórdia, da mesma maneira como Deus mesmo e Satanás se opõe um ao outro e um destrói as obras e arruína os dogmas do outro, como se dois reis assolassem os reinos um do outro”.³⁵

Lutero inclusive adverte Erasmo acerca das implicações pastorais de se colocar a Tradição ao lado ou acima das Escrituras:

“É com a mesma prudência que aconselhas ... que, ‘se alguma coisa foi definida incorretamente nos concílios, não se deveria admiti-lo publicamente, para não dar oportunidade de desprezar a autoridade dos pais’. É claro que o papa quis ouvir isso de ti, e o ouve com mais prazer do que ao evangelho. ... Entrementes, porém, Erasmo, que farão as almas que foram

33 Assim Martin N. DREHER. *Da Vontade Cativa. Introdução*, p. 14.

34 Entre as críticas que Lutero faz, encontramos esta, na qual ele cita um trecho da *Diatribes* de Erasmo e o critica: “Que haveremos de dizer também quanto ao que acrescentas: ‘Aos quais de bom grado submeto minha opinião em toda parte, quer compreenda o que prescrevem, quer não o compreenda?’ Que dizes, Erasmo? Não basta que tenhas submetido a [própria] opinião às Escrituras? Tu a submetes também aos decretos da Igreja? Que pode ela decretar que não esteja decretado nas Escrituras? Ademais, onde fica a liberdade e o poder de julgar esses autores dos decretos, como ensina Paulo em 1 Co 14.29: ‘Os demais julguem?’ Não te agrada ser juiz sobre os decretos da Igreja, embora Paulo o prescreva?”. Cf. Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 22. Entre os principais Pais da Igreja, aos quais Erasmo recorria, mencione-se Orígenes, Ambrósio e Jerônimo.

35 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 41.

ligadas e mortas por aquele estatuto iníquo? Isso não te importa? Tu, todavia, és sempre de opinião ou fazes de conta que és de opinião que se podem observar estatutos humanos sem perigo ao lado da pura Palavra de Deus. ... [D]igo mais uma vez: não se pode observar estatutos humanos junto com a Palavra de Deus, porque aqueles amarram as consciências, ao passo que esta as liberta, e eles se combatem mutuamente, como água e fogo, a menos que sejam observados livremente, isso é, como estatutos que não amarram. ... Em consequência, portanto, a autoridade dos pais deve ser considerada indiferente, e os estatutos propostos incorretamente ... devem ser rompidos e lançados fora, pois Cristo é superior à autoridade dos pais”.³⁶

Nesse contexto, Lutero presta contas a Erasmo a respeito da postura fundamental que perpassa toda a sua argumentação, a saber, a de fazer *asserções* ou afirmações contundentes a partir das Escrituras. Trata-se – Lutero remete a Rm 10.9s; Mt 10.32; 1 Pe 3.15; Jo 16.8 e 14; 2 Tm 4.2 nesse contexto³⁷ – da confissão que afirma o que crê até a morte ou que põe a vida em jogo no ato da confissão. Erasmo havia criticado o fazer *asserções*. Já Lutero qualifica Erasmo de um acadêmico cético, por fazer apenas comparações, insinuações, julgar muitas questões obscuras e deixar dúvidas sobre questões claras nas Escrituras. Lutero entende que somente as *asserções* fazem jus à clareza, com a qual o Espírito Santo revela a Palavra de Deus:

“Chamo de *asserção*, porém ..., apegar-se com constância, afirmar, confessar, defender e perseverar com firmeza... Depois falo da *asserção* das coisas que nos foram transmitidas por Deus nas Sagradas Letras. ... Estejam longe de nós cristãos os céticos e acadêmicos, mas perto os assertores ... Entre os cristãos não há nada mais conhecido e difundido do que a *asserção*. Suprime as *asserções*, e suprimiste o cristianismo. E mais: o Espírito Santo lhes é dado dos céus para glorificar a Cristo e para que ele seja confessado até a morte, a menos que morrer por causa da confissão e *asserção* não seja *asserir*. ... Por que, pois, também tu afirmas: ‘Não me deleito com

36 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 43s. Cf. p. 52s, no qual Lutero afirma que “teria perseverado e até hoje seria assim impressionado [com a Tradição Eclesiástica] se a consciência insistente e a evidência das coisas não me coagissem na direção contrária”, fazendo com que ele se apegasse tão-somente às Escrituras (p. 53).

37 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 20s.

asserções’ e preferes essa atitude a seu oposto?”³⁸

“Deixa-nos ser assertores e aplicar-nos a asserções e deleitar-nos com elas; favorece tu teus cétricos e acadêmicos, até que Cristo tenha chamado também a ti. O Espírito Santo não é um cétrico, nem escreveu em nossos corações coisas dúbias ou opiniões, e, sim, asserções mais certas e firmes do que a própria vida e toda experiência.”³⁹

Para Lutero, é possível fazer asserções porque o fundamento da vida da pessoa não está em si, mas em Deus.⁴⁰ Isso Lutero reitera repetidas vezes durante *De servo arbitrio*, o que mostra que seu interesse não é meramente o de um acadêmico que se esconde atrás de uma análise neutra, mas sim, a de um pastor, preocupado com as implicações existenciais da doutrina cristã. Na última frase dessa obra ele afirma:

“E visto que és humano, pode acontecer com facilidade que não entendas de forma correta ou não examines com suficiente diligência as Escrituras e os ditos dos pais, sob cuja orientação crês alcançar o alvo. Isso denuncia com clareza suficiente o fato de escreveres que não fazes assertivas, mas apenas comparações. Assim não escreve a pessoa que tem uma visão profunda do assunto e o entende corretamente. Eu, no entanto, NÃO FIZ COMPARAÇÕES NESTE LIVRO MAS FIZ E FAÇO ASSERÇÕES e não quero deixar o juízo [sobre o que disse] nas mãos de ninguém, mas aconselho a todos que prestem obediência”.⁴¹

2.3 A obscuridade *versus* a clareza das Escrituras (*claritas scripturae*)

A insistência de Erasmo na Tradição da Igreja se deve, em última análise, ao fato de ele julgar que as Escrituras são obscuras e contraditórias em muitas passagens e que somente essa tradição eclesiástica poderá auxiliar a compreendê-las. Embora Lutero indubitavelmente prezasse a Tradição, a autoridade das Escrituras estava, para ele, acima daquela. Lutero cria também que, em relação ao que Deus revelou, as Escrituras são claras, e não obscuras. Antes de se pronunciar sobre esta “clareza das Escrituras”, Lutero distingue, porém, entre Deus e as Escrituras, o que dá origem à distinção entre o *Deus abscondito* e o *Deus revelado*:

38 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 21.

39 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 23.

40 Sobre o significado das “asserções” em *De servo arbitrio* cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, 75s.

41 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 216.

“A distinção que faço ... é a seguinte: Deus e a Escritura de Deus são duas coisas [diferentes], não menos do que são duas coisas o Criador e a criatura de Deus. Ninguém duvida que há muitas coisas absconditas em Deus, coisas que ignoramos, como ele mesmo diz no tocante ao último dia: ‘A respeito daquele dia ninguém sabe senão o Pai’ [Mc 13.32]. E At 1.7: ‘Não vos compete conhecer os tempos e momentos’. E mais uma vez: ‘Eu conheço os que escolhi’ [Jo 13.18]. ... Mas que na Escritura há algumas coisas abstrusas e que nem todas são patentes, isso é divulgado pelos ímpios e sofistas, por cuja boca também tu falas aqui...”⁴²

Para Lutero, ali onde o Espírito Santo age, não pode haver coisas obscuras nas Escrituras. Se há, é apenas porque as pessoas ainda não se aplicaram a conhecer bem a letra e a gramática das Escrituras. Ou se há algumas passagens com declarações obscuras, haverá clareza em outras passagens na própria Escritura, de modo que não é necessário recorrer à Tradição como autoridade última. A Escritura é sua própria intérprete. Lutero arrola um amplo conjunto de passagens bíblicas como referência para sua posição (Rm 10.18; 15.4; 2Tm 3.16; 2Co 3.14; 4.3ss; Rm 11.33; Is 40.13; 1Co 2.12).

“Admito, por certo, que nas Escrituras há muitas passagens obscuras e abstrusas, não por causa da majestade dos assuntos, mas por causa da [nossa] ignorância em matéria de vocabulário e gramática. No entanto, elas absolutamente não impedem o conhecimento de todas as coisas nas Escrituras. Pois que coisa mais sublime pode ainda permanecer oculta nas Escrituras depois que os selos foram rompidos e a lápide foi removida da entrada do sepulcro e depois que foi revelado aquele sumo mistério: Cristo, o Filho de Deus se fez ser humano, Deus é trino e uno...? Se tiras Cristo das Escrituras, que encontrarás nelas ainda? Portanto, todas as coisas contidas na Escritura estão reveladas, embora algumas passagens sejam obscuras porque ainda não conhecemos as palavras. ... Cristo nos abriu a inteligência para que entendamos as Escrituras”⁴³.

Nesse contexto, em crítica a Erasmo, Lutero defende uma *dupla clareza da Escritura*:

“... existe uma dupla clareza da Escritura, assim como existe uma dupla obscuridade; uma é externa, colocada no

42 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 23s.

43 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 24.

ministério da Palavra; a outra, situada na cognição do coração. Se falas da clareza interna, nenhum ser humano percebe nem um único i nas Escrituras, a menos que tenha o Espírito de Deus. Todos têm um coração obscurecido, de modo que, mesmo que digam e saibam recitar toda a Escritura, nada dela percebem ou conhecem verdadeiramente. Não crêem em Deus, nem que são criaturas de Deus, nem qualquer outra coisa... Pois para compreender toda a Escritura e qualquer parte dela se precisa do Espírito. Se falas da clareza externa, não resta absolutamente nada obscuro ou ambíguo; tudo o que há nas Escrituras foi conduzido à luz certíssima e declarado ao orbe todo pela Palavra”.⁴⁴

Essa mesma tese, Lutero aborda também numa outra passagem, mas de forma um pouco diferente:

“Nós dizemos o seguinte: os espíritos devem ser examinados ou provados por um juízo dúplice. Um é o juízo interior, consistindo em que cada um, iluminado para si e unicamente para sua salvação através do Espírito Santo ou um dom singular de Deus, julga e discerne com toda a certeza os dogmas e as opiniões de todos. Disso se diz em 1Co 2.15: ‘O espiritual julga todas as coisas e não é julgado por ninguém’. Isso concerne à fé e é necessário para qualquer cristão, mesmo particular. Chamamo-lo acima de clareza interior da Sagrada Escritura. ... o outro é o juízo externo, pelo qual julgamos com toda a certeza os espíritos e dogmas de todos, não só para nós mesmos, mas também para os outros e por amor da salvação dos outros. Esse juízo é próprio do ministério público da Palavra e do ofício externo, e concerne principalmente aos líderes e pregadores da Palavra. Fazemos uso dele ao fortalecermos os fracos na fé e ao refutarmos os adversários. Chamamo-lo acima de clareza externa da Sagrada Escritura. Assim dizemos o seguinte: todos os espíritos devem ser provados em face da Igreja tendo a Escritura por juiz. ... as Sagradas Escrituras são uma luz espiritual, muito mais clara do que o próprio sol, principalmente nas coisas que dizem respeito à salvação ou necessidade”.⁴⁵

44 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 25s.

45 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 65. Lutero remete aqui para uma série de passagens bíblicas, que examina neste contexto: Dt 17.8-11; 1 Ts 5.21; 2 Pe 1.19; Sl 19.9; 119.105; 143.10; Rm 1.2; 3.21; 2 Co 3.7 e 4; 2 Pe 1.19; Fp 2.15s; Jo 5.39;

O embate entre Lutero e Erasmo se dá, nesse sentido, sob o horizonte maior da pergunta pela reta interpretação das Escrituras e pelo lidar crítico com a Tradição eclesiástico-teológica. Lutero aprendeu a lidar com liberdade em relação às declarações de Pais da Igreja que defenderam o livre-arbítrio. Ao mesmo tempo, insiste na interpretação gramatical e não tropológico-alegórica das Escrituras. Sua busca é pelo sentido gramatical, no qual a clareza externa das Escrituras se expressa.

2.4 Conflito antropológico: é a alma uma instância “neutra”, dotada de livre-arbítrio?

Erasmo, e com ele a maioria dos teólogos medievais e, em especial, os que aderiram o Humanismo⁴⁶, cria que o ser humano era constituído de modo tripartite como carne/corpo, alma e espírito.⁴⁷ Assim, conforme as idéias encontradas no *Enchiridion militis christiani* (*Pequeno manual do militante cristão*) de Erasmo, ele acreditava que “o espírito transformamos em deuses, mas a carne, com suas concupiscências e afetos baixos, em animais”. No meio [do espírito e da carne] estaria postada a alma, em si e por si mesma indefinida, podendo tanto se voltar para baixo, para o animal, como para cima, para o divino; decidir-se, portanto, tanto pelo que é bom como pelo que é mau. Erasmo segue uma tradição que remonta a Orígenes, que por sua vez interpreta diversas passagens bíblicas, tendo uma compreensão tricotômica de 1Ts 5.23 como referência. Erasmo escreve:

“O corpo ou a carne [é] a parte inferior, na qual a antiga serpente inscreveu a lei do pecado através do pecado original, através da qual nós somos provocados àquilo que é vergonhoso e pela qual nós somos amarrados como vencidos pelo Diabo. Então [vem] o espírito, no qual se mostra a semelhança com a natureza divina, no qual o bondoso criador impregnou conforme a sua imagem aquela lei da virtude com o seu dedo, isto é, com seu espírito. Através dele nós estamos ligados a Deus e somos um com ele. Como parte terceira e intermediária entre estes dois ele colocou a alma, que é apta às percepções e impulsos naturais. Esta pode, como em um Estado em rebelião, se unir a cada uma das duas partes. Ela

At 17.11; 2 Tm 3.16; Lc 21.15; 2 Pe 1.19 (cf. p. 65-68). Lutero mostra também como a clareza das Escrituras prevaleceu na história da Igreja (cf. p. 70-74)

46 Martin N. Dreher ressalta que, em última instância, no “centro” do debate entre Lutero e Erasmo se encontra a “concepção humanista e reformatória do ser humano”. Martin N. DREHER. *Da Vontade Cativa. Introdução*, p. 11.

47 Assim Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio διατριβη sive collatio*, IIIb3-4, p. 125-129.

é atraída para cá e para lá. Lhe é livre, para qual delas ela se inclina.⁴⁸ O Espírito nos deixa tornar-nos em deuses, a carne em animais. A alma nos torna em pessoas, o espírito em piedosos, a carne em maus; a alma em nenhum dos dois. O Espírito anela por aquilo que é celeste, a carne por aquilo que é agradável, a alma por aquilo que é necessário. O espírito nos eleva ao céu, a carne nos empurra para baixo, para o inferno; à alma nada é prescrito. Todo o carnal é feio, todo o espiritual é completo, tudo o que diz respeito à alma permanece indecيدido e indeterminado”.⁴⁹

A alma se encontra, portanto, aqui, numa encruzilhada, tendo dois caminhos diante de si. Ela não se encontra em nenhum deles, mas tem toda a liberdade para decidir por qual vai andar. “Ela é aqui, nesta assim chamada antropologia tricotômica, o meio do meio, o fiel da balança, que pode se inclinar para dois lados. A alma é o centro neutro, indeterminado da pessoa, no qual a pessoa tem a escolha e a liberdade de decisão, se ela quer se voltar para o bem ou para o mal, para o espírito ou para a carne”.⁵⁰ Erasmo segue, portanto, uma tradição de Orígenes que Lutero critica:

“Também eu conheço a fábula de Orígenes sobre o tríplice afeto, chamando o primeiro de ‘carne’, o segundo de ‘alma’ e o terceiro de ‘espírito’. A ‘alma’, porém, é aquele afeto intermediário, que se pode inclinar para a carne ou para o espírito. Isso, porém, são fantasias dele; ... Paulo chama de ‘carne’ a tudo que carece do Espírito... Por isso aquelas virtudes máximas das melhores pessoas são carnaais, ou seja, são mortais, inimigas de Deus, não sujeitas à lei nem capazes de sujeitarem-se a ela, e não agradam a Deus”.⁵¹

Sendo assim, à alma seria próprio um livre-arbítrio – nela está localizada a vontade humana.⁵² Em virtude dessa liberdade, “o ser humano poderia lutar contra a carne em favor do espírito”.⁵³ Nesse contexto,

48 Desiderius ERASMUS. *Handbüchlein eines christlichen Streiters*. Welzig-Ausgabe. Vol. 1, p. 141. Erasmo tende, basicamente, a uma visão tricotômica do ser humano – cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 60. Cf. Orígenes de Alexandria, *De principiis*, II,8,4.

49 Desiderius ERASMUS, *Handbüchlein*, p. 143.

50 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 61.

51 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 202.

52 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 204: “vontade”, porém, significa a força suprema nos homens, a saber, a parte principal do livre-arbítrio”.

53 Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134. Uma apresentação detalhada da visão de Erasmo, que via na alma uma instância intermediária neutra, que podia decidir-se entre carne e espírito, encontramos em Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 53-61 (“Die Mitte der

entendia-se, via de regra, que a queda tinha afetado o ser humano, mas não totalmente.⁵⁴ Pecado era visto como fraqueza, mas não como corrupção total. Erasmo sustentava que a “... propensão para o mal, que há na maior parte dos seres humanos, não subtrai de todo a liberdade de arbítrio”.⁵⁵ Já Lutero sustentava que sobre o ser humano a Escritura “não diz ‘voltado ou inclinado para o mal’, mas ‘completamente mau’; e diz que em toda a vida o homem não inventa e não pensa nada exceto o mal”.⁵⁶ Para Erasmo, pelo fato de o ser humano ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, a queda fez com que a semelhança se perdesse, mas que a imagem de Deus no ser humano não tivesse sido totalmente afetada. Por isso, a alma – como um tipo de “parte” intermediária um tanto neutra no ser humano – era vista como tendo ainda forças para, por si mesma, desejar a Deus. Como parte intermediária, a alma não estaria, ao menos em pequena medida, sujeita a grandezas maiores do que ela, mas seria livre em relação a estas:

“Onde, portanto, e de onde se tem aquela situação intermediária ou neutra, ou seja, aquela força do livre-arbítrio que, não sendo Cristo ..., nem engano, nem mentira, nem morte, deveria existir apesar de tudo? ... [A alma é, assim,] algo intermediário que, por si mesmo não [é]... bom nem mau, nem pertencente a Cristo nem a Satanás, nem verdadeiro nem falso, nem vivo nem morto”.⁵⁷

Erasmo cria que, para que ocorressem reformas na igreja, seria necessário apelar mais para esta vontade das pessoas. Pelo fato de o ser humano ter, no fundo, um cerne bom, não totalmente afetado pela queda, uma boa educação humanística e bons ensinamentos morais seriam o suficiente. Lutero se posiciona crítico a esta posição:

“Dizes [Erasmo]: ‘Nem todo o afeto do ser humano é carne, mas há o que se chama alma e há o que se chama espírito, pelos quais nos inclinamos às coisas honradas...’”. Lutero

Mitte. Exkurs: Zur Lozierung der Willensfreiheit in den klassischen Seelenvermögen).

54 Lutero critica a Erasmo, pois para este, “ ‘carne’ não significa um afeto ímpio, e sim fraqueza” – Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 154. Para Lutero, o conceito bíblico de que o ser humano é “carne” significa que “os homens ... não podem sentir outro desejo a não ser pecar” (p. 156). “... observarás nas Escrituras que, onde quer que se trate da carne em antítese ao Espírito, ali podes mais ou menos compreender por carne tudo o que é contrário ao Espírito” (p. 156; Lutero cita neste contexto Gn 6.3; Jo 3.5s; 1 Co 3.3; Jo 6.63; Rm 8.7).

55 Trecho da Diatribe citado por Lutero em Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 157.

56 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 157.

57 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 207.

contrapõe: “Aí tens, portanto, aquele espírito hegemônico, a parte principal do ser humano que se inclina às coisas honestas; isto é, o ladrão da glória divina e que ambiciona a majestade divina, sobretudo quando são extremamente honestos e ilustríssimos por suas elevadas virtudes. Nega agora que estes são carne e corrompidos por um afeto ímpio!”. Baseado em Jo 3.3 e 6, Lutero afirma: “... tudo que for carne é igualmente ímpio e está sob o reino e o espírito de Satanás; pois não existe um reino intermediário entre o reino de Deus e o reino de Satanás, os quais estão mútua e continuamente em luta entre si”.⁵⁸

Toda a noção de Erasmo de que há uma espécie de território neutro no ser humano, no qual a vontade estaria localizada, não leva suficientemente em conta que o ser humano sempre está cativo, estando sob o agir de Deus ou do inimigo:

“Tu, que imaginas que a vontade humana é algo situado em um campo intermediário livre, e abandonada a si mesma, facilmente imaginas, ao mesmo tempo, que há um esforço da vontade em direção a ambas as partes, pois pensas que tanto Deus quanto o diabo estão distantes, como se fossem apenas espectadores daquela vontade mutável e livre; no entanto, que elas, extremamente belicosas entre si, sejam os instigadores e condutores daquela vontade cativa, isso não crês. ... Pois ou reino de Satanás nada será nos seres humanos, e assim Cristo estará mentindo, ou, se o reino é tal qual Cristo o descreve, o livre-arbítrio nada será a não ser um animal de carga cativo de Satanás, o qual não pode ser libertado se antes o diabo não for expulso pelo dedo de Deus”.⁵⁹

Lutero vê o “centro” do ser humano, o cerne da pessoa, como um lugar de luta e conflito. Ele vê o ser humano exposto a forças e grandezas que o transcendem e dominam sobre ele. Em questões de salvação, portanto, o centro do ser humano já está sempre ocupado, dominado e cativo. Em vão o ser humano tenta se catapultar para fora desse conflito. A passagem clássica em que Lutero expressa isso é a que segue:

“Dessa maneira, a vontade humana está colocada no meio, como um jumento. Se Deus está sentado nele, ele quer e vai como Deus quer (...). Se Satanás está sentado nele, ele quer e vai como quer Satanás, e não está em seu arbítrio correr

58 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 164-165.

59 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 173.

para um dos dois cavaleiros ou procurá-los; antes, os próprios cavaleiros lutam para o obter e possuir. ... Segue-se, por isso, que sem a graça de Deus o livre-arbítrio absolutamente não é livre, e, sim, imutavelmente cativo e servo do mal, já que por si só não pode voltar-se ao bem”.⁶⁰

A vontade humana é tal qual animal de montaria, havendo sempre alguém em seu controle. O ser humano é passivo. A zona neutra, da qual Erasmo fala, é pura ilusão. O ser humano não é, portanto, para Lutero, algum ser intermediário entre Deus e animal, mas ele se torna, ele mesmo, em animal – animal de montaria, cavalgado por Deus ou pelo Diabo. O ser humano se encontra sempre no campo de batalha entre Deus e o Diabo, sendo que essa batalha os dois travam nele mesmo e sobre ele. A existência humana é vista por Lutero como estando profundamente ameaçada, não há chão neutro onde possa estar livre desse conflito. Ele está exposto a forças, realidades e poderes que o transcendem e o tem em suas mãos. Ontologicamente, o ser humano não possui estabilidade própria, mas sua substância ou subsistência é passiva. Em nenhum momento o ser humano se possui a si mesmo em suas próprias mãos – sempre está nas mãos de outras forças.⁶¹ “Os perigos, tentações e demônios⁶² não advêm à subsistência humana casualmente, mas eles ameaçam o ser humano e o colocam em perigo de modo essencial, no cerne de sua existência. O ser humano não é um centro [ou meio; Lutero chama esse centro, por vezes, de coração] firme, em si mesmo subsistente, mas ameaçado, disputado e ocupado”.⁶³ O coração do ser humano é como um barco agitado pelas ondas imperiosas e pelos ventos medonhos do infinito oceano. Sua vida balança em meio ao medo, à preocupação, à esperança, à depressão, ao orgulho, à inveja, à alegria, à tristeza, à segurança, e assim por diante. Ele é um brinquedo nas mãos de seus afetos. Sua existência é ameaçada por diversos demônios, como o espírito da tristeza e outros. Ele não é dono de si mesmo e nem tem poder sobre si mesmo. O ser humano se encontra numa batalha, indício de que o mal ainda não foi eliminado. Essa realidade do mal, que ele não consegue entender e muito menos dominar, o domina e o escraviza.

60 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 49 = WA 18,126,23-28. Para uma abordagem mais detalhada e outras indicações bibliográficas, cf. Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 138s.

61 Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 67s. Entra aqui toda a discussão sobre a “substância” ou subsistência ontológica do ser humano. Cf. op. cit., p. 67-69, onde o assunto é abordado com mais profundidade.

62 Uma análise sobre o significado do mal e dos “demônios” para a teologia de Lutero e para hoje, cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 77-85 [excursus].

63 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 69 .

Somente Deus pode libertá-lo.⁶⁴

2.5 Conflito hamartiológico: a queda afetou o ser humano de forma total ou só parcial?

Para Lutero, como já vimos em parte, o pecado corrompeu o ser humano por inteiro, de maneira que também a sua vontade, enquanto potencialidade da alma, estava corrompida pelos efeitos do pecado, não estando mais livre nas questões relativas à salvação do ser humano.⁶⁵ Ele questionava profundamente a interpretação que Erasmo fazia da luta da carne contra o espírito, da qual fala o apóstolo Paulo. Enquanto Erasmo entendia que carne e espírito eram duas “partes” do próprio ser humano, estando a alma como terceira “parte”, no meio das duas, Lutero entendia que carne e espírito eram duas grandezas totalizantes, que sempre determinavam sobre o todo do ser humano como unidade complexa de corpo, alma e espírito. Ou seja, tudo o que o ser humano é (corpo, alma e espírito) está sendo dominado ou pela carne, que Lutero identificava com a velha natureza pecaminosa, ou pelo espírito, que Lutero identificava com a nova vida dada por Cristo. Lutero e Erasmo divergem, portanto, em sua interpretação do ensino paulino da luta carne X espírito. Lutero, retomando escritos antipelagianos de Agostinho, defendia tanto contra os teólogos escolásticos como contra o Humanismo de Erasmo que “a pessoa inteira é ela mesma ambas as coisas, espírito e carne, lutando, portanto, consigo mesma”.⁶⁶ A existência do ser humano é perpassada por essa profunda ruptura interna.

“A *Diatribes* sonha que o ser humano é íntegro e são, tal como ele é em suas próprias coisas para a vista humana. ... A Escritura, porém, define que o ser humano é corrupto e cativo, e ainda despreza e ignora soberbamente sua corrupção e seu cativo.⁶⁷

De que maneira nós, já caídos, seremos capazes de qualquer coisa em relação às primícias do Espírito que nos foram tiradas, principalmente tendo em vista que Satanás já

64 Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 68-70.

65 Lutero destacou algumas vezes em *De servo arbitrio*, que a questão em discussão não era a liberdade em questões relativas à vida terrena, e sim, estritamente relativas à salvação ou à perdição. Por exemplo em WA 18,241,28s (trata-se da liberdade *coram deo*, e não, *coram mundo*). Para Lutero, não há meio termo entre carne X espírito e nem entre perdição X salvação. Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 61-63.

66 Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134.

67 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 87.

reina em nós com pleno poder, que prostrou o primeiro ser humano com uma única tentação quando ainda não reinava nele?⁶⁸

Nós estamos fora de nosso alcance, ocultos, não temos domínio sobre nós mesmos. Nem mesmo temos domínio sobre o nosso consciente – para não falar do inconsciente –, não temos domínio sobre a nossa consciência, nem sobre as imagens e os sonhos que nos fascinam e assustam; antes somos radicalmente cativos”.⁶⁹

Para Erasmo, o ser humano está terrivelmente doente e enfraquecido, mas em sua alma ainda há um restinho de forças naturais suficientes para dar uma resposta própria, a partir das próprias forças, ao chamado de Deus para a salvação.⁷⁰ Já para Lutero, que nesse ponto seguia o apóstolo Paulo, o ser humano está simplesmente morto em seus delitos e pecados (cf. Ef. 2.1; Cf. toda a argumentação de Paulo em Rm 1-3). Por isso Lutero critica:

“... não passa de pura invencionice dialética a afirmação de que há no ser humano um querer médio e puro, e os que afirmam isso não podem prová-lo. ... Antes, a realidade é tal como o expressam estas palavras de Cristo: ‘Quem não é comigo, é contra mim’ [Lc 11.23]. Ele não diz: ‘Quem não é comigo, nem contra mim, mas está no meio’. Pois se Deus está em nós, Satanás está ausente, e só o querer o bem está presente. Se Deus está ausente, Satanás está presente, e só o querer o mal está em nós. Nem Deus nem Satanás permitem um mero e puro querer em nós; antes, como disseste corretamente... nós queremos o pecado e o mal, falamos o pecado e o mal, fazemos o pecado e o mal”.⁷¹ Lutero mantém, nesse sentido, a posição que vinha defendendo há diversos anos: “o livre-arbítrio é um termo vazio, cuja realidade se perdeu”.⁷²

“Não toleramos nem aceitamos aquele meio termo que – de bom coração, creio eu – nos aconselhou [Erasmo], a saber: que admitamos o livre-arbítrio [ao menos] um pouquinho, a fim

68 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 89.

69 Assim a explicação da concepção de Lutero por Oswald BAYER. *Pecado e vontade cativa*, in: Oswald Bayer. *A teologia de Martin Lutero. Uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal 2007, p. 133. Pano de fundo bíblico é Jr 17.9.

70 Veja Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 132ss.

71 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 82s.

72 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 83.

de suprimir mais facilmente a contradição das Escrituras e os inconvenientes referidos anteriormente. Pois com este meio-termo nada se resolveu da questão, e tampouco se progrediu nalguma coisa. ... Por isso deve-se chegar ao extremo de negar todo o livre-arbítrio e atribuir tudo a Deus...”⁷³

Para Erasmo, é possível ajudar o ser humano a partir de uma boa educação (humanista). Para Lutero, somente algo equivalente a uma ressurreição de mortos pode ajudá-lo – um milagre que, para Lutero, somente Cristo poderia fazer por ele.⁷⁴

“A *Diatribes* nos inventa continuamente tal ser humano, que é capaz de [fazer] o que se prescreve ou ao menos reconhece que não é capaz. ... A Escritura, porém, propõe um ser humano que não só está amarrado, é miserável, cativo, enfermo e morto, mas que, por obra de Satanás, seu príncipe, acrescenta a suas [demais] misérias essa miséria da cegueira, de modo que crê ser livre, beato, estar solto, ser potente, são e vivo.”

Para Erasmo, ainda sobrou no ser humano caído alguma liberdade que lhe permite aceitar a graça. Para Lutero, a vontade é tão escrava do pecado que o ser humano, após a queda, não tem mais como fazer absolutamente nada por sua salvação. A vinculação constitutiva do pecado hereditário com a vontade cativa é atestada na seguinte passagem de Lutero:

“Pois confesso e sei comprovar a partir das Escrituras que todos os homens descendem de um só homem, Adão, e dele trazem e herdaram, por meio do nascimento, a queda, culpa e pecado, que o mesmo Adão cometeu no paraíso pela maldade do diabo, e que, juntamente com ele, todos nascem, vivem e morrem em pecado e seriam culpados da morte eterna, se Cristo não nos tivesse socorrido, assumindo, como cordeirinho inocente, tal culpa e pecado, pagando por nós com o seu sofrimento e defendendo-nos ainda diariamente, como fiel e misericordioso Mediador, Salvador, único Sacerdote e Bispo de nossas almas”.

“Com isso rejeito e condeno como puro engano toda doutrina que engrandece o nosso livre-arbítrio, posto que se opõe diametralmente a esse auxílio e graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois, visto que, fora de Cristo, a morte e o pecado são nossos senhores e o diabo, nosso deus e príncipe, não existe força nem poder, sabedoria ou esperteza com que

73 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 179s.

74 Cf. Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 125.

podéssemos preparar-nos para a justiça e a vida ou procurá-las; pelo contrário, somos forçados à cegueira e ao cativo, propriedade do demônio e do pecado, para fazer e pensar o que agrada a ele e afrontar a Deus e seus mandamentos”.

“De modo que repudio tanto os novos como os antigos pelagianos, que não querem admitir que o pecado hereditário seja pecado, dizendo que seria apenas uma deficiência ou falha. Visto, porém, que a morte abrange a todos os homens, o pecado hereditário não pode ser entendido como uma deficiência, mas, sim, como pecado gravíssimo, como diz S. Paulo: ‘O salário do pecado é a morte’ [Rm 6.23] e ainda: ‘O aguilhão da morte é o pecado’ [1 Co 15.56]. Assim também diz Davi no Salmo 51[.5]: ‘Eu fui concebido em pecado, e minha mãe me gerou em pecado’.”⁷⁵

Lutero enfatiza que o pecado afetou o ser humano em sua totalidade, bem como o gênero humano em sua totalidade:

“... provamos que nas Escrituras se encontram indicações abundantíssimas de que não apenas uma porção, ou a parte mais excelente ou principal do ser humano, é carne, mas que todo o ser humano é carne; e não só isso, mas [também] que todo o povo é carne; e não sendo isto na verdade suficiente, que todo o gênero humano é carne”.⁷⁶

2.6 Livre-arbítrio: concordância na definição e discordância quanto ao papel na salvação

Nós conseguimos identificar bem a posição de Erasmo em sua *definição* do que vem a ser o livre-arbítrio: “... nós entendemos neste ponto sob livre-arbítrio a força da vontade humana, pela qual o ser humano pode voltar-se por si mesmo para aquilo que conduz para a eterna redenção ou [a força da vontade humana] pela qual ele pode se afastar desta”.⁷⁷ Isso quer

⁷⁵ Citação extraída de Martim LUTHER. *Da ceia de Cristo – confissão* (1528), in: Martim Luther. Obras Seleccionadas. Vol. 4: Debates e Controvérsias. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1993, p. 369s = WA 26,502,25-503,31. Para uma análise desta questão: Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 137-139. Bayer sugere que, para evitar mal-entendidos, se fale, em lugar de pecado hereditário, de pecado original [alem. “Ursünde”], em correspondência com a terminologia latina usual “*peccatum originale*” ou “*peccatum originis*” – pecado da origem. O termo “origem” significa, para Lutero, tanto origem histórica quanto determinação básica que caracteriza o ser (p. 138).

⁷⁶ Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 163 (Lutero interpreta, nas págs. 159-164 Is 40.2ss)

⁷⁷ Em latim: “Porro liberum arbitrium hoc loco sentimus vim humane voluntatis, qua se

dizer que “está em nossa liberdade voltar nossa vontade para a graça ou afastar-nos dela – assim como somos livres para abrir os olhos para a luz que brilha em nossa direção ou, ao contrário, cerrá-los diante dela”.⁷⁸

Quanto à *definição* do que vem a ser o livre-arbítrio, Lutero concorda em boa medida com Erasmo, embora o acuse muitas vezes durante o escrito *De servo* de inconstância e de cair em contradições.⁷⁹ Ele também define o livre-arbítrio como uma espécie de capacidade da alma do ser humano, segundo a qual a *razão*, a quem é atribuída a capacidade de reconhecer o bem e o mal, e a *vontade*, a quem é atribuída a capacidade de escolher o bem ou o mal, atuam em conjunto.⁸⁰ Livre-arbítrio é, portanto, uma livre capacidade de escolha do bem ou do mal a partir da razão (que reconhece o bem e o mal) e da vontade (a quem compete efetuar a escolha entre um deles). Dos dois elementos que compõe o livre-arbítrio – razão e vontade – é a *vontade*, para Lutero e Erasmo, que exerce a função principal, que é a de *escolher*.⁸¹

“Creio, então, que ‘força da vontade humana’ signifique a potência, ou faculdade, ou habilidade, ou aptidão de querer, não querer, escolher, desprezar, aprovar, refutar e quaisquer que sejam as ações da vontade. ... ou seja, a própria ação da vontade, de modo que devamos imaginar-nos que essa força

possit homo applicare ad ea, quae perducunt ad aeternam salutem, aut ab iisdem avertere” – citado conforme Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio διατριβη sive collatio*, I b 10. Contra isso Lutero em WA 18,667,29-668 (= Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel. Vol. 4], p. 74ss). Importante, neste contexto, é também a definição do teólogo escolástico Pedro Lombardo, em seu livro de *Sentenças*, que era muito difundido na Escolástica (aqui em latim): “Liberum vero arbitrium est facultas rationis et voluntatis, qua bonum eligitur gratia assistente, vel malum eadem desistente. Et dicitur ‘liberum’ quantum ad voluntatem, quae ad utrumlibet flecti potest; ‘arbitrium’ vero quantum ad rationem, cuius est facultas vel potentia illa, cuius etiam est discernere inter nonum et malum. Et aliquando quidem, discretionem habens boni et mali, quod malum est eligit; aliquando vero quod bonum est. Sed quod bonum est, nisi gratia adiuta non elegit; malum erro per se eligit.” (Sent. II, d 24, cap. 3 – apud. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 55. Esta definição de Pedro Lombardo Lutero cita em *De servo arbitrio* – WA 18,155,5-8.

78 Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio διατριβη sive collatio*, IIa.

79 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 74ss.

80 “Pois ‘livre-arbítrio’ é um termo muitíssimo magnífico, amplo e rico, com o qual o povo julga que se designa (como o exigem o sentido e a natureza do vocábulo) a força que pode voltar-se livremente para qualquer uma das duras [direções, SC. Para o bem ou para o mal], e que essa força não cede nem está sujeita a ninguém”. Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 50; cf. também WA 18,280,6; 285,14s; 282,3-32 etc. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 56.

81 “Voluntatem autem [puto] pro summa vi in hominibus, nempe, pro principali parte liberi arbitrij”. WA 18,280,28-30.

seja algo intermediário entre a própria vontade e sua ação, de sorte que por ela a própria vontade produz a ação de querer e não querer, e por ela é produzida a própria ação de querer e não querer.”⁸²

Lutero entende que, para Erasmo, justamente esta força, em pequena medida, é aplicada também à salvação, invadindo assim uma esfera que é exclusiva de Deus: “Portanto, segundo Erasmo, o livre-arbítrio é uma força de vontade, que pode, por si mesma, querer e não querer a palavra e a obra de Deus, pelas quais é conduzida às coisas que excedem sua capacidade de captar e compreender. Porém, se pode querer e não querer, também pode amar e odiar. Se pode amar e odiar, também pode, em certa modesta medida, cumprir a lei e crer o Evangelho. ... Mas então o que resta aqui para a graça e o Espírito Santo? Isso é atribuir inteiramente a divindade ao livre-arbítrio, já que querer a lei e o Evangelho, não querer o pecado e querer a morte são coisas que cabem unicamente ao poder divino, como diz Paulo em mais de uma passagem [1 Co 2.14; 2 Co 3.5]”.⁸³

Embora Lutero, como vimos, concorde em boa medida com a *definição* de Erasmo, a sua *posição* é diametralmente oposta da de Erasmo, sendo que conseguimos identificá-la bem em uma das frases de sua crítica a esta compreensão de Erasmo: “Não cogitas quanto atribuis ao livre-arbítrio com o pronome reflexivo ‘se’ ou ‘a si mesmo’; ao dizeres que ele pode aplicar-‘se’ [à salvação], exclusis simplesmente o Espírito Santo com todo o seu poder, como se fosse supérfluo e desnecessário”.⁸⁴ Lutero insiste, por essa razão, na indisponibilidade do milagre da fé provocado pela Palavra de Deus – que Lutero denomina de *promissio* = promessa.⁸⁵ Para Lutero, o “livre-arbítrio é um nome inteiramente divino, que não

82 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 75.

83 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 77.

84 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 78 = WA 18,665,13-16. Veja também Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134; Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 138.

85 “O ato de voltar-se para a salvação, a fé, de modo algum é obra do ser humano, mas obra exclusiva de Deus – assim como a promessa divina que produz a fé também é obra exclusiva de Deus, em cujo cumprimento e consumação ninguém pode impedi-lo, justamente por ele ser onipotente.” Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134. Bayer remete aqui para a definição de fé de Lutero: “A fé é uma obra divina em nós que nos modifica e nos faz renascer de Deus, Jo 1[.13]” - cf. Martin LUTERO, *Prefácio à Carta aos Romanos*, in: Obras Seleccionadas, Vol. 8, p. 133.

pode competir a ninguém exceto tão-somente à majestade divina. ... Se é atribuído aos homens, isso não seria mais do que se lhes fosse atribuída a própria divindade”.⁸⁶

Pensando no significado desse dado para nossa discussão atual, o teólogo pietista Siegfried Kettling escreve: “Quantos evangélicos (pietistas?) iriam assinar embaixo disso [da posição de Erasmo] sem receio, sim, de forma até bem engajada. Afinal, Erasmo não afirma, de modo algum, que nós não precisaríamos da salvação (Jesus Cristo) ou que nós conseguiríamos criar a salvação para nós mesmos.”⁸⁷ Não, a salvação está aí, ela é *oferecida*, estendida ao ser humano. E apenas nisto reside a liberdade humana, que ela pode se *decidir*: ou agarrá-la (‘voltar-se’) ou passar ao léu dela (‘se afastar’). O que poderia haver de falso nisto?”⁸⁸ De fato, a definição de Erasmo, se comparada com a posição de muitos no mundo protestante de hoje, seria aceita imediatamente. Suspeitamos até que o Protestantismo de hoje esteja, não raro, crivado de *cripto-erasmianos*, de adeptos escondidos de Erasmo, talvez muitos destes de modo até inconsciente. Afinal, hoje em dia tornou-se comum e normal entender o anúncio do evangelho de acordo com a linguagem do mercado, como a oferta de um produto. Quem decide se aceita ou rejeita, se compra ou não, é sempre o freguês. A graça de Deus é vista sempre como uma oferta, uma possibilidade. Está em nossas mãos torná-la em realidade para nossas vidas. Deus dá, mas para que a dádiva seja nossa, tudo depende de nossa decisão. Não causa espanto que o conhecido pesquisador de Lutero, Hans Joachim Iwand, em sua introdução ao *De servo*, tenha dito com todas as letras e de forma bastante contundente: “Aqui o Protestantismo moderno seguiu a Erasmo, e não a Lutero”.⁸⁹

Resumindo: para Lutero, o ser humano em sua totalidade está dominado pelo inimigo, sendo que principalmente o “coração”, o centro da existência humana, o centro da vontade, estava totalmente afetado e escravizado pelo pecado.⁹⁰

86 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 50.

87 Cf. Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134.

88 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 136.

89 Hans Joachim IWAND, *Das der freie Wille nichts sei* (Einleitung), p. 253.

90 Lutero articula esta posição na 3. e principalmente na 4. parte de *De servo arbitrio* – p. ex. WA 18,241,5-14; 232,20-30.

2.7 O conflito em relação à cooperação do ser humano em questões de salvação

Como teólogo humanista, Erasmo partilhava de um conhecido e importante dogma da teologia medieval: “*Facere quod in se est*” – faça aquilo que está em ti ou ao teu alcance, ao alcance de tuas forças e de tua vontade. Segundo esse dogma da teologia escolástica medieval, Deus salvava o ser humano a partir de sua graça e por conta do que Cristo havia feito por ele. Como a vontade do ser humano não havia sido, nessa concepção, totalmente atingida pelo pecado e pelo inimigo, Erasmo, seguindo os ensinamentos da Escolástica, afirmava que essa vontade, por ser *livre*, seria capaz de se preparar e de receber essa graça. Deus fazia tudo o que era necessário para a salvação, mas ao ser humano cabia, a partir de sua vontade, que era livre, aceitar a graça divina, não rejeitá-la. Dessa forma, Erasmo partilhava a noção de que, no fundo, havia uma espécie de *cooperação* entre a graça de Deus, que fazia absolutamente tudo o que era necessário para a salvação, e a vontade livre do ser humano, a quem cabia não resistir, nem rejeitar, mas aceitar a graça e optar por ela.

Resumindo, no coração do evento maravilhoso e gracioso da justificação, no centro do milagre do novo nascimento e da nova criação, Erasmo admite o livre-arbítrio, deixa o ser humano tornar-se ativo em prol de sua salvação e cooperar com Deus. Ele não aceita que o pecado traga uma bancarrota total do ser humano, impossibilitando qualquer decisão de própria força em favor de Deus.

2.8 Apenas um “mínimo” de livre-arbítrio – A insistência de Erasmo

Nesse contexto, é realmente importante destacar que, para Erasmo, não era assim que a vontade do ser humano era totalmente livre. Pelo contrário. Em sua *Diatribes*, ele fez questão de enfatizar que ao ser humano restava apenas uma faísquinha de livre-arbítrio – o termo latino que ele usa é *modiculum* – coisinha insignificante, extremamente módica.⁹¹ O espaço de ação do livre-arbítrio, para ele, existia sim, mas era realmente mínimo – quase nada,⁹² mas existia! Num outro contexto, ele usa o termo latino *perpusillum*:⁹³ o livre-arbítrio constitui, “em meio ao vasto e grande mar da graça, apenas

91 Cf. Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, in: Siegfried Kettling. Typisch Evangelisch. Grundbegriffe des Glaubens. 5. ed. Giessen: Brunnen Verlag; R. Brockhaus 1994, p. 100.

92 “Nossos [adversários], porém, sustentam que o que nos faz merecer a graça é algo mínimo ou quase nada.” Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 197. (“aliquid vel modiculum sibi relinqui volunt”). Da mesma forma, o mérito do ser humano é qualificado por Erasmo, segundo o Reformador, como um “mérito insignificante” (p. 197).

93 Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, IV, 7s (cf. p. 170-172).

um *perpusillum*, apenas uma coisa mínima, apenas um pontinho isolado, que Erasmo quer segurar como potencialidade e ato do ser humano: anuir à palavra da graça e não resistir a ela”.⁹⁴ Ainda em outra passagem, Erasmo afirma que “bem pouco é aquilo que o livre-arbítrio faz aqui, e justamente isso que ele pode fazer, é um presente da graça de Deus, que primeiro criou o livre-arbítrio e, então, também o libertou e o curou”.⁹⁵ Em suma, também Erasmo ensinava claramente que o ser humano não consegue, de modo algum, salvar a si mesmo. Erasmo igualmente afirmava de forma categórica que o ser humano precisa de Cristo, precisa do evangelho, precisa da graça de Deus. Também para Erasmo, a salvação é um presente da graça de Deus. Mas por causa da porçãozinha módica de liberdade que restou no ser humano, bem como para não minimizar a sua responsabilidade e, por fim, para que Deus não possa ser acusado de ser injusto ou até culpado pela perdição de tantas pessoas, Erasmo postula que, para que a salvação aconteça, o ser humano precisa fazer uso dessa porção módica de livre-arbítrio, aceitando a salvação. Para ele, a “negação dessa minúscula co-participação do ser humano em sua salvação arruinaria tanto a responsabilidade do ser humano como a imagem de Deus quanto um Deus inteiramente bom e bondoso”, sim “estaria abolida, por um lado a responsabilidade do ser humano e com ela toda ética; por outro lado, nesse caso também o mal que o ser humano faz teria que ser posto na conta de Deus”.⁹⁶

Já para Lutero, se o ser humano fosse fazer aquilo que estivesse dentro de seu alcance, a única coisa que conseguiria fazer seria cair em “pecado mortal”. Pois desde a queda, tudo - até mesmo as coisas boas, dignas, honrosas e mais nobres que o ser humano é capaz de fazer – está totalmente marcado pelo pecado. Por essa razão, até mesmo essa modestíssima porção de livre-arbítrio coloca, para Lutero, a absoluta gratuidade da salvação em risco. Essa porçãozinha é como uma pitadinha de fermento, capaz de fermentar toda a massa e, desse modo, corromper a pureza do evangelho da graça de Deus. Ela é como uma gotícula de limão que, caída no leite, é capaz de coalhá-lo por inteiro. Uma porção modestíssima de livre-arbítrio já é demais quando alguém quer fazer a salvação eterna e gratuita depender, por um mínimo que seja, da cooperação humana.

2.9 Lutero: a defesa do livre-arbítrio minimiza a obra de Cristo e anula a graça

Mesmo que a graça de Deus seja responsável por quase toda a

94 Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134.

95 Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, IV, 8 (p. 173).

96 Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 134.

salvação, se a salvação depender desse mínimo que o ser humano tem que fazer, então já não se pode mais falar que ela é totalmente operada por Deus, então a profundidade dos efeitos do pecado no ser humano é minimizada e relativizada, então nem tudo depende somente de Cristo, então a aceitação da graça por essa faísca de livre-arbítrio precisa ser qualificada teologicamente como “obra” da própria pessoa em favor de sua própria salvação – Lutero fala inclusive de auto-redenção:

“E assim, estabelecendo o livre-arbítrio, esvazias a Cristo e arruínas toda a Escritura. ... Se, porém, essa parte do homem não foi redimida por Cristo, então não está redimido o que há de melhor no homem, mas é bom e está salvo por si mesmo”⁹⁷.

O resultado dessa concepção é uma apoteose ou divinização do ser humano:

“Lutero viu que, com essa concepção humanística do cerne dignificado do ser humano, a doutrina da redenção do Cristianismo necessariamente irá se tornar no ponto de partida para uma apoteose do ser humano, que supera em muito todo mundo pagão. A fé cristã – um estágio de desenvolvimento no processo de auto-redenção do ser humano: essa é uma tendência que Lutero percebe na concepção de Erasmo e que ele está decidido a combater até as últimas conseqüências”⁹⁸.

A posição de Erasmo significava para Lutero, além de uma espécie de divinização do ser humano e suas potencialidades, um claro reducionismo tanto na compreensão da profundidade da ruptura causada pelo pecado quanto da profundidade da graça de Cristo, haja vista que Deus salva somente uma parte do ser humano. Dessa forma, o ser humano acaba se elevando acima do próprio Deus:

“Pois se o que há de mais excelente no ser humano [a saber, a alma,] não é ímpio, nem corrupto ou condenado, mas somente a carne, isto é, os afetos mais grosseiros e inferiores, que tipo de redentor, pergunto eu, faremos de Cristo? Porventura atribuiremos tão baixo valor ao preço de seu sangue, de sorte que somente tenha redimido no ser humano aquilo que é de muito pouco valor, ao passo que o que há de mais excelente no ser humano vale por si mesmo, não tendo necessidade de Cristo? Assim que, doravante, pregaremos que

97 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 209.

98 Assim Hans Joachim IWAND. *Erläuterungen zu “M. Luther, Dass der freie Wille nichts sei”*, in: p. 306. Cf. Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 131s.

Cristo não é o redentor de todo o ser humano, mas de sua parte de menor valor, a saber, da carne, enquanto que o próprio ser humano é o redentor de si mesmo em sua melhor parte. Das duas opções, escolhe a que quiseres. Se a melhor parte do ser humano é sadia, ela não carece de Cristo como redentor. Se não carece de Cristo, ela triunfa sobre Cristo com maior glória... Assim acontece, por meio deste dogma sobre a parte principal do ser humano, que o ser humano é elevado acima de Cristo e do diabo, isto é, torna-se deus dos deuses e senhor dos senhores. Onde está agora aquela ‘opinião provável’ que disse que o livre-arbítrio não pode querer nada de bom, mas que aqui sustenta existir uma parte principal, sadia e honesta, a qual certamente não carece de Cristo, mas pode mais do que podem o próprio Deus e o diabo?’⁹⁹

2.10 Palavra de Deus como lei e evangelho; *deus revelatus et deus absconditus*

Para Lutero, Deus sempre fala ao ser humano através de sua Palavra, que é lei e evangelho. Como lei, ela tem por ofício promover o conhecimento e revelar ao ser humano a realidade de seu pecado.¹⁰⁰ Como evangelho, ela tem por ofício anunciar a misericórdia e o perdão divinos no mundo. Entretanto, Lutero percebe nas Escrituras e na própria experiência que nem todos são tocados por essa palavra, seja como lei ou como evangelho. Nesse contexto, ele insere uma outra distinção, que aprofunda aquela sua compreensão de que o ser humano também sofre um agir de Deus que lhe é incompreensível. Trata-se da distinção entre o *deus absconditus* e o *deus revelatus et praedicatus* – o Deus abscondido e o Deus revelado e pregado. Ela decorre da distinção entre Deus e as Escrituras (cf. acima).

O *Deus absconditus* é, para Lutero, uma “vontade oculta e temível de Deus”, uma “vontade [que] não deve ser investigada, mas adorada com reverência como o segredo da majestade divina que mais se deve reverenciar, reservado unicamente a ela e proibido a nós”.¹⁰¹ É ao Deus abscondido que Lutero associa um agir incompreensível de Deus, seja na tragicidade da vida humana, nas absurdidades da história ou na própria eleição. O *deus absconditus* é relacionado com o mal, o sofrimento e

99 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 166.

100 Sobre a Palavra de Deus como lei, na função de mostrar o pecado, Lutero discorre amplamente em, cf. 191-195.

101 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 101.

o acidental. Mas não só! Ele também é relacionado com o riso, com as coisas alegres que acontecem inexplicavelmente, com as boas surpresas. A definição clássica de Lutero é: “O Deus abscondito em majestade, porém, não deplora nem abole a morte, mas opera vida, morte e tudo em todos”.¹⁰² O *deus absconditus* é um “*deus vagus*”¹⁰³ (Deus vago), um Deus inconstante, desregrado, imprevisível. Já o *deus revelatus* é um “*deus certus*”¹⁰⁴ (Deus certo ou que evoca certezas) – “*qui certo loco, verbo et signis certis se ipsum circumscripit*”¹⁰⁵ – que se limitou a si mesmo em um lugar determinado, em uma palavra e em sinais sacramentais determinados.

Erasmus, no intento de defender a justiça de Deus, atribui à vontade e à responsabilidade humana a escolha da salvação ou da perdição. Para Lutero, no entanto, Erasmus fere a soberania divina e não distingue suficientemente as coisas. Pois tanto aquilo que é compreensível e que foi revelado quanto aquilo que é incompreensível precisa necessariamente ser atribuído a Deus. Nada pode estar fora do agir divino, pois ele é aquele através do qual todas as coisas acontecem. Nesse sentido, Lutero denomina de Deus abscondito aquele agir divino que está para além da própria revelação encontrada nas Escrituras, para além da palavra revelada, para além da lei e do evangelho. Para Lutero,

“a respeito do Deus – ou da vontade de Deus – que nos é pregado, revelado, oferecido e cultuado deve-se debater de outra maneira do que a respeito do Deus não-pregado, não-revelado, não-oferecido, não-cultuado. Portanto, na medida em que Deus se oculta e quer ser ignorado por nós, ele absolutamente não nos importa. Com efeito, aqui de fato tem validade a palavra que diz: ‘O que está acima de nós, absolutamente não nos importa’. ... Portanto, devemos deixar de lado a Deus em sua majestade e natureza, pois assim nada temos a ver com ele e assim ele não quis que tenhamos a ver com ele. Mas na medida em que se vestiu e se revelou em sua palavra, pela qual se ofereceu a nós, temos a ver com ele.”¹⁰⁶

Não se trata, para Lutero, de dois Deuses, mas sim, de distinções no ser (e não meramente no agir!) do único e soberano Deus, de acordo com o critério do que ele revelou na sua Palavra ou do que ele não revelou, bem como de acordo com o que nós experimentamos dele. Lutero entende

102 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 101.

103 WA 40 II,386,34.

104 WA 18,387,18 (*De servo arbitrio*).

105 WA 18,386,35 (*De servo arbitrio*).

106 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 101.

que a unidade do ser de Deus só pode ser crida, pois na experiência e na compreensão humana ela não está realmente dada. A distinção entre *deus absconditus* e *deus revelatus* se deve, assim, ao fato de que, na experiência inevitável que seres humanos fazem com Deus, eles não conseguem compreender tudo o que experimentam a partir da Palavra revelada. Há muitas experiências que não se deixam explicar pela Palavra revelada e que mostram que Deus age para além do que revelou ou até em contradição ao que revelou. O exemplo supremo é a própria questão da predestinação: a Palavra ensina que a vontade de Deus é que todos sejam salvos. A mesma Palavra, porém, indica que há pessoas que se perdem ou que têm seu coração endurecido por Deus ou pela vontade de Deus. Assim, o ser humano experimenta, na prática, um conflito insolúvel entre duas vontades de Deus, uma que ele compreende a partir da Palavra e outra que ele não compreende e que também não foi revelada na Palavra. E Lutero percebe sempre de novo nas Escrituras que o ser humano está inevitavelmente exposto, por assim dizer, a ambas as vontades de Deus, o que o faz elaborar a distinção entre *deus absconditus* e *deus revelatus*.

Nesse sentido, a distinção entre *deus absconditus* e *deus revelatus* tem por alvo distinguir, no próprio ser de Deus – o que se espelha, obviamente, também em seu agir – entre sua *incompreensibilidade* e sua *compreensibilidade* a partir do que foi ou não revelado. A isso, corresponde, do lado do ser humano, a *incerteza* e a *certeza*. Há dimensões no ser e no agir de Deus que são absconditas, não reveladas, não compreensíveis e que geram, no ser humano, tentação, dúvidas, medo, pavor e incerteza. Não se sabe com quem se está lidando, se com Deus ou o Diabo, com poderes ou mistérios, com o destino ou com a sorte. E há dimensões no ser e no agir de Deus que foram reveladas, se tornam compreensíveis – embora nem sempre compreensíveis para a razão, mas somente pela fé. O *deus revelatus* se definiu a si mesmo na Palavra, entregou-se ao ser humano, para que ele o invoque e o tenha de modo absolutamente certo e determinado.

Lutero entende que o ser humano está exposto a ambas as dimensões do agir de Deus e que nem tudo o que Deus faz na história ou na vida humana está revelado. Deus em sua majestade é maior que em sua revelação. Tudo o que está revelado poderia ser, praticamente, resumido à lei ou ao evangelho. Mas Deus também age para além da lei e do evangelho, para além da Palavra revelada, de maneira que seu agir permanece inexplicável, intangível e, portanto, *incompreensível* ao ser humano.

É a partir desse pano de fundo que Lutero critica Erasmo:

“A *Diatribes* ... ilude a si mesma com sua ignorância, pois absolutamente não distingue entre o Deus pregado e o

abscôndito, isto é, entre a palavra de Deus e o próprio Deus. Deus faz muitas coisas que não nos mostra através de sua palavra. Ele também quer muitas coisas que não mostra querer através de sua palavra. Assim ele não quer a morte do pecador, a saber, de acordo com sua palavra, mas a quer de acordo com aquela vontade imperscrutável.” Nesse sentido, “o bom Deus não deplora a morte do povo que opera nele, mas deplora a morte que descobre no povo e que ele se esforça para afastar. Com efeito, é disso que trata o Deus pregado: que o pecado e a morte sejam tirados e nós sejamos salvos. Com efeito, ‘enviou sua palavra e os sarou’ [Sl 107.20]. O Deus abscôndito em majestade, porém, não deplora nem abole a morte, mas opera vida, morte e tudo em todos. Pois aí ele não se limitou através de sua palavra, mas se manteve livre sobre todas as coisas”.¹⁰⁷

Ao tratar desse assunto tão sublime, Lutero não perde, entretanto, a perspectiva pastoral. Seu conselho é claro e inequívoco, incluindo as implicações em relação à temática do livre-arbítrio:

“... nós devemos fixar os olhos na Palavra e deixar de lado aquela vontade imperscrutável. Pois é preciso que sejamos dirigidos pela Palavra, não por aquela vontade inescrutável. Aliás, quem poderia dirigir-se por uma vontade inteiramente imperscrutável e incognoscível? Basta saber que em Deus existe certa vontade imperscrutável. O que, porém, por que e em que medida ela quer, isso de maneira nenhuma nos é permitido procurar saber, desejar, tratar ou tocar; apenas devemos temê-lo e adorá-lo”.

“Por conseguinte, dizes com razão: ‘Se Deus não quer a morte, o fato de percermos deve ser imputado a nossa vontade’. Com razão, digo, se te referes ao Deus pregado. Pois esse quer que todos os seres humanos sejam salvos, visto que vem a todos com a palavra da salvação, e a falha é da vontade que não o admite, como diz Mt 23.37: ‘Quantas vezes eu quis juntar teus filhos e tu não quiseste?’” “Mas por que aquela majestade não suprime essa falha de nossa vontade ou não a anula em todos, já que isso não está no poder do ser humano, ou por que nos imputa essa falta, já que o ser humano não pode existir sem ela, isso não é permitido procurar saber. E, mesmo que muito investigasses, não o descobririas, como diz Paulo em

107 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 100.

Rm 11 [sc. 9.20]: ‘Quem és tu, para replicares a Deus?’”.¹⁰⁸

Em outro contexto, justamente ao debater sobre a principal das passagens do NT que Erasmo arrola como prova a favor do livre-arbítrio – Mt 23.37 –, Lutero afirma que “não se deve debater acerca daquela secreta vontade da majestade; ... Que se ocupe, ao contrário, com o Deus encarnado ou (como diz Paulo) com Jesus crucificado, no qual estão todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, porém absconditos [Cl 2.3]; ... Portanto, o Deus encarnado fala aqui: ‘Eu quis e tu não quiseste’. Digo que o Deus encarnado foi enviado para querer, falar, fazer, sofrer, oferecer a todos tudo que é necessário para a salvação, ainda que ofenda muitíssimos que, conforme aquela vontade secreta da majestade, ou foram deixados de lado ou endurecidos, e não recebem aquele que quer, fala, faz e oferece, assim como diz João: ‘A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreendem’ [Jo 1.5]. Do mesmo modo é próprio desse Deus encarnado chorar, lamentar-se e gemer por causa da perdição dos ímpios, embora a vontade da majestade [divina] deixe para trás e repreve propositadamente alguns, de modo que perecem. Não nos cabe perguntar por que ela procede assim, mas deve-se reverenciar a Deus que tanto pode como quer tais coisas”.¹⁰⁹

Esse conselho de Lutero não pode ser entendido no sentido de que Lutero estaria afirmando que a realidade do *deus absconditus* desaparece ali, onde a pessoa fixa seus olhos e sua fé no *deus revelatus*. O que Lutero transmite aqui é a proibição da *especulação* sobre o ser e o agir de Deus que não foram revelados. Trata-se da proibição de querer penetrar especulativamente em seus mistérios, que foram vedados ao ser humano. Nesse sentido, basta saber que a realidade do *deus absconditus* existe, mas as pessoas devem deixar de tentar descobrir o que e porque ele quer algo ou não. Ele pode ser somente *temido* e *adorado* em sua majestade divina.

Resumindo – com palavras do pesquisador Thomas Reinhuber: “Deus está totalmente em Cristo – mas Cristo não é o Deus todo: nestas palavras, conforme minha avaliação, o falar carregado de tensões de Lutero sobre o Deus abscondito e o [Deus] revelado se deixam sintetizar da forma mais simples e, ao mesmo tempo, mais precisa”.¹¹⁰

108 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 100s.

109 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 105s.

110 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 188.

2.11 O pleito de Lutero: deixar Deus ser Deus e não querer perscrutar os seus mistérios

Em diversas partes do *De servo arbitrio*, Lutero se mostra como alguém que pleiteia junto a Erasmo para que este, no que tange a eleição divina e à vontade cativa, deixe Deus ser Deus e o ser humano assumir o seu lugar como ser humano. Uma passagem absolutamente central para Lutero, nesse ponto, é Rm 9-11, em especial, Rm 9. Desse capítulo, merece especial menção o trecho de 9.16-21. Registrem-se aqui apenas mais algumas passagens em que Lutero afirma que ao ser humano não cabe querer perscrutar, mas sim, adorar aos mistérios de Deus em sua vontade incompreensível para nós. Para Lutero, a justiça divina, por ser diferente da humana, será necessariamente incompreensível também para o cristão, de maneira que a ele resta apenas *crer* na justiça divina:

“Não se deve perguntar pela razão da vontade divina, mas simplesmente adorá-la e dar a glória a Deus, visto que, como ele é o único justo e sábio, não fará injustiça a ninguém nem poderá agir de modo estulto ou irrefletido, embora a nós as coisas pareçam diferentes. Os piedosos se dão por satisfeitos com esta resposta”.¹¹¹

Para Lutero, Deus age, no que tange a eleição, sob o contrário e de forma paradoxal, de maneira que seu agir, embora incompreensível, possa ser apreendido apenas pela fé:

“Este é o grau supremo da fé: crer que é clemente quem salva tão poucos e condena tantos, crer que é justo quem, por sua vontade, nos torna necessariamente condenáveis, de modo que parece, como refere Erasmo, que ele se deleita com os tormentos dos miseráveis e que é mais digno de ódio do que de amor. Se, portanto, eu pudesse de algum modo compreender de que maneira é misericordioso e justo esse Deus que mostra tão grande ira e iniquidade, a fé não seria necessária. Agora, como não se pode compreender isso, há lugar para exercitar a fé quando se pregam e divulgam tais coisas...”.¹¹²

O peso que Lutero coloca na necessidade de crer não pode ser subestimado. A fé é único modo de suportar as tensões e dilemas racionais que surgem em decorrência do agir divino. “*Quae supra nos, nihil ad nos*” – “Aquilo que está acima de nós, não nos compete”.¹¹³ Toda especulação

111 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 46. Sobre os paradoxos, cf. op. cit., p. 44s e 47s.

112 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 47.

113 WA 18,685,3. Cf. Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 136.

que o ser humano fizer será arrogância.

Lutero retomará a centralidade da fé no trecho final de *De servo arbitrio*, na assim chamada *Confissão* (veja a parte final deste artigo).

3. Vontade cativa – Um aprofundamento

Quando Lutero fala de livre-arbítrio ou do arbítrio cativo, ele não o faz a partir da compreensão popular do que vem a ser o arbítrio ou a vontade. Ele também não define a questão a partir da filosofia – ou: como diríamos talvez hoje: nem da psicologia, nem da pedagogia, nem do direito ou outra ciência qualquer. Sua definição é *estritamente teológica e cristocêntrica*, pautada no ensino que encontra na totalidade das Escrituras Sagradas do AT e do NT.¹¹⁴ Seguem alguns aspectos, visando aprofundar a percepção de sua compreensão:

3.1 A distinção entre coisas inferiores e coisas superiores

Tentando escutar o que as Escrituras têm a dizer sobre a liberdade do ser humano, e levando em conta as relações do ser humano com Deus, com o próximo e com o mundo, Lutero distingue, em relação à vontade humana, dois âmbitos. O primeiro ele chama de *inferiora* – coisas inferiores. Trata-se das coisas que estão abaixo de nós, que nos foram confiadas – tudo o que tem a ver com dinheiro, propriedade, comida e bebida, zelo ou preguiça, escolha da profissão, perguntas da moda, lugares em que se quer passar as férias etc. Nesse âmbito das coisas inferiores, relativas à administração da nossa vida aqui neste mundo, o ser humano tem livre-arbítrio, podendo escolher uma coisa e desprezar ou rejeitar outra, conforme bem lhe apraz. Aqui ele é senhor sobre suas decisões, embora também estas sejam sempre de novo afetadas pelo pecado. O segundo âmbito ele chama de *superiora* – coisas superiores, que estão acima de nós, relativas ao relacionamento com Deus, à salvação e perdição eternas. Nesse âmbito das coisas superiores, o ser humano, para Lutero, não tem livre-arbítrio. Ele afirma: “... perante Deus ou nas coisas relativas à redenção ou condenação, ele [o ser humano] não possui livre-arbítrio, mas está aprisionado, subjugado, escravizado, ou pela vontade de Deus ou pela vontade de satanás”.¹¹⁵

Lutero o explica no contexto da análise de diversas passagens bíblicas que Erasmo havia usado para fundamentar o livre-arbítrio. Para ele, importa entender que

“... o ser humano está distribuído em dois reinos: um em que é conduzido por seu próprio arbítrio e conselho, sem

114 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 128.

115 Assim Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 129.

preceitos e mandamentos de Deus, a saber, nas coisas que são inferiores a ele. Aqui ele reina e é senhor, sendo deixado na mão de seu próprio conselho. Isso não quer dizer que Deus o tivesse abandonado de tal maneira que não cooperasse em todas as coisas, mas, sim, que lhe concedeu o livre uso das coisas conforme seu próprio arbítrio e não o inibiu com quaisquer leis ou prescrições. ... No outro reino, porém, ele não é deixado na mão de seu próprio conselho, mas é conduzido e guiado pelo conselho de Deus, de modo que, assim como em seu próprio reino o ser humano é conduzido por seu próprio arbítrio sem os mandamentos de outrem, da mesma maneira no reino de Deus é conduzido pelos mandamentos de outrem sem seu próprio arbítrio”.¹¹⁶

3.2 A onipotência divina

Alguns dos aspectos mais complexos da concepção de Lutero a respeito do ser e do agir de Deus reside em sua convicção de que “Deus opera tudo em todos e ... sem ele nada se faz nem é eficaz; pois ele é onipotente e isso faz parte de sua onipotência, como diz Paulo em Ef 1.19”.¹¹⁷ Lutero está convicto de que, se houvesse livre-arbítrio em relação às coisas superiores, todo o falar bíblico a respeito da onipotência de Deus estaria destruído, pois se Deus não é onipotente e cumpre todos os propósitos que estabeleceu, não há mais como confiar em sua Palavra.

3.2.1 A onipotência divina e a relação entre presciência e predestinação divina

Erasmus tem dificuldades em afirmar a onipotência divina de modo tão abrangente como Lutero. Isso se mostra na sua compreensão do agir de Deus na pessoa de Judas e na pessoa do Faraó. Para Erasmo, quando Paulo, em Rm 9, fala que Deus endureceu o coração do Faraó, isso deve ser interpretado de modo “tropológico”, de forma mais simbólica, não tão literal. Por isso, ele despende em seu escrito grande energia em tentar comprovar que é um absurdo pensar que Deus endurece realmente pessoas. Como a Bíblia fala que Deus endureceu o coração do Faraó, ele tenta mostrar – seguindo um ensino de Orígenes – que o Faraó endureceu, ele mesmo, seu próprio coração, por ter abusado do livre-arbítrio.¹¹⁸ Como

116 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 85.

117 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 127. O assunto é amplamente abordado por Lutero, cf. p. 123-154.

118 Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, IIIa2, p. 93.

Deus sabia de antemão a respeito da má vontade no Faraó (presciência), ele simplesmente o entregou ao endurecimento, com o propósito de poder castigá-lo (predestinação).¹¹⁹ Também a respeito de Judas, Erasmo afirma que Deus sabia de antemão que ele iria traí-lo (presciência) e que, por isso, também quis que ele o traísse (predestinação), embora Judas pudesse, conforme Erasmo, ter mudado a sua vontade (livre-arbítrio).¹²⁰ Dessa forma, Erasmo via em Judas e no Faraó não um exemplo contra, mas a favor do livre-arbítrio. A predestinação divina é relativizada, pois Deus pré-destina de acordo com o que ele sabe previamente sobre a boa ou má vontade das pessoas (presciência). Para Erasmo, a presciência antecede a predestinação divina e, com isso, a minimiza – e a tal ponto, que ainda sobra espaço para o livre-arbítrio.¹²¹

Diferente é a posição de Lutero, que, a partir de sua concepção da onipotência divina, deixa a presciência e a predestinação divina praticamente *coincidirem*.¹²² Bíblicamente falando, Lutero segue o ensino que encontra em Rm 8.28s e em Ef 1.11 – esta última é a principal passagem à qual Lutero recorre ao descrever o agir do Deus abscondido, onipotente, em sua majestade soberana.¹²³ De forma geral, Lutero parte do conhecimento de que o Deus Todo-poderoso opera a vida e a morte e tudo em todos. Por isso, também a *predestinação* faz parte desse agir do Deus onipotente. Tanto presciência como predestinação fazem parte, nesse sentido, do agir do *deus absconditus* em sua *onipotência*. Se não se afirmar a onipotência de Deus, que opera tudo em todos, mas a onipotência do livre-arbítrio, então ele será um “Deus despojado do poder e da sabedoria de eleger”, sim, “o ídolo da deusa da fortuna, sob cujo nome tudo acontece às cegas”.¹²⁴

Todo este complexo entrelaçamento entre onipotência, presciência e predestinação divinos em sua relação com a vontade cativa humana, Lutero aborda, entre outros, ao falar sobre o caso de Jacó e Esaú (Gn 25.23; Rm 9.11-13 e contexto; cf. Mt 1.2s). Segue uma extração de algumas afirmações importantes:

119 Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, IIIa5fs, p. 97-99.

120 Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, IIIa9, p. 102-103.

121 Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 271s.

122 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 141: “se Deus tem presciência, isso acontece necessariamente”.

123 Embora formalmente a fórmula “operatur omnia in omnibus” – “opera tudo em todos”, encontrada repetidas vezes em *De servo arbitrio*, pareça ser extraída de 1 Co 12.6, Lutero a entende a partir de Ef 1.11 (e 1.19). Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 157, que arrola as principais provas textuais. Outros textos bíblicos relevantes para sua concepção da onipotência divina são Am 3.6; Lm 3; Dt 32.39 e Is 45.7.

124 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 124.

“Em que o livre-arbítrio ajudou a Jacó? Em que serviu de obstáculo a Esaú, uma vez que pela presciência e destinação de Deus, quando ainda nenhum dos dois havia nascido e não havia feito nada, já estava definido o que cada um haveria de receber, a saber, que aquele serviria e este seria senhor? Os prêmios são definidos antes que os trabalhadores nasçam e trabalhem.” [...] ‘Amei Jacó, mas tive ódio de Esaú’ [Rm 9.13; Mt 1.2s]. [...] E é isso mesmo que demonstra de modo concludente que o livre-arbítrio é nulo, pois o amor de Deus é eterno e imutável e [seu] ódio contra os homens é eterno antes que se fizesse o mundo, não só anteriormente ao mérito e à obra do livre-arbítrio; e tudo acontece em nós necessariamente, dependendo se ele ama ou não ama desde a eternidade, de sorte que não só o amor de Deus, mas também [seu] modo de amar nos acarreta uma necessidade”.¹²⁵

Lutero usa o exemplo de Jacó e de Esaú para destacar a soberania de Deus em sua eleição.

3.2.2 Predestinação em Lutero e em Calvino – Algumas observações

Lutero não fala da predestinação do mesmo modo como Calvino.¹²⁶ Calvino define a predestinação como sendo um *decreto divino eterno, pré-temporal ou supra-lapsário*, que já predeterminou quem será salvo e quem será rejeitado. Embora Lutero constate que a Bíblia fala dos salvos e dos perdidos, bem como da reprovção e da condenação por Deus em seu agir eletivo, Lutero não descreve esse agir predestinatório divino no sentido de um “decreto”, declarando assim a questão por encerrada, mas deixa a questão em aberto, afirmando que “se não todos, [são] salvos alguns e [até] muitos, enquanto que pela força do livre-arbítrio não seria salvo sequer um ...”¹²⁷ Enquanto que a predestinação dos salvos é objeto de louvor (Rm 8.28s e Ef 1.4ss), a rejeição dos ímpios permanece, para Lutero, um mistério do *deus absconditus*, ao qual não compete ao ser humano penetrar especulativamente (Rm 9). A rejeição dos ímpios não é, dessa forma, esclarecida por um “decreto” divino. Antes Lutero tenta fazer jus à assimetria que ele encontra

125 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 143s.

126 A definição mais forte de predestinação que encontramos em Calvino é a seguinte: “Praedestinationem vocamus aeternum Dei decretum, quo apud se constitutum habuit quid de unoquoque homine fieri vellet. Non enim pari conditione creantur omnes: sed aliis vita aeterna, aliis damnatio aeterna praeordinatur. Itaque prout in alterutrum finem quisque conditus est, ita vel ad vitam vel ad mortem praedestinatum dicimos” (Jean CALVIN, *Instituto* III,21,5 – Barth-Ausgabe IV, 374, p. 11-17).

127 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 212.

nos textos bíblicos, de maneira que ele coloca uma clara ênfase na fala de que todos os que foram salvos devem se ver como eleitos e que sobre a razão da condenação dos outros não se deve especular.

À luz disso, no fundo, também Calvino, embora defenda exatamente o contrário de Erasmo, encontra uma solução *racionalmente* aceitável para o problema da predestinação. Seu conceito de Deus e de seu agir está já agora de todo claro. Se alguém não aceita a graça, já está tudo explicado: é porque Deus, por decreto, não o predestinou. Lutero foge de soluções simples e racionais e de respostas muito prontas. Ele deixa essa questão em aberto, admitindo toda a fragilidade da razão humana em tratar do assunto e – como a sua *Confissão* o mostrará (veja abaixo) – aguardando ardentemente o dia em que aquilo que também ele considera racionalmente injusto em relação à predestinação divina, seja de todo esclarecido na eternidade. Em lugar de soluções lógicas e calculistas para o problema da predestinação, ele relata do seu próprio desespero diante dessas questões – desespero este usado por Deus para conduzi-lo à graça:

“... a absurdidade é uma das principais causas para que as palavras de Moisés [endurecimento do coração do Faraó, no relato do Êxodo] e de Paulo [Rm 9] não sejam compreendidas em sua simplicidade. Mas contra que artigo da fé peca esta absurdidade? Ou quem se ofende com ela? A razão humana se ofende, razão que ... [é] cega, surda, estulta, ímpia e sacrílega no tocante a todas as palavras e obras de Deus...”¹²⁸

“Naturalmente, ofende no mais alto grau aquele senso comum ou razão natural de que Deus, por sua mera vontade, abandone, endureça e condene os seres humanos, como se encontrasse deleito nos pecados e nos tão grandes e eternos tormentos dos míseros, [logo] ele, de quem se prega que possui tamanha misericórdia e bondade, etc. Ter tal opinião de Deus pareceu iníquo, cruel e intolerável; por isso também se ofenderam tantos e tão grandes homens por tantos séculos. E quem não se ofenderia? Eu mesmo me ofendi mais que uma vez até a profundeza e o abismo do desespero, de sorte que desejei jamais ter sido criado como ser humano antes que soubesse quão salutar aquele desespero seria, e quão próximo da graça.”

Enquanto que Calvino defende uma dupla predestinação em sentido absoluto e na forma de decreto eterno, Lutero prefere abordar o assunto no

128 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 125.

horizonte da *incompreensibilidade* do agir de Deus em sua onipotência e do desespero que ela causa no ser humano. Lutero não harmoniza a dureza da predestinação, nem a racionaliza, mas a deixa intacta no profundo impacto existencial que ela exerce.

3.2.3 Deus opera tudo em todos – As diferentes dimensões da onipotência divina

a) Deus opera tudo em todos

Lutero defende em *De servo arbitrio* um conceito *atual*, e não meramente *potencial* de “onipotência” divina.¹²⁹ Deus é Todo-poderoso ou onipotente não apenas porque ele *poderia* fazer tudo, mas porque ele realmente *opera tudo em todos*.¹³⁰ “Deus a tudo move e atua em tudo”.¹³¹ Toda a criação existe a partir da força e da potência divina, não permitindo que a realidade criada caia no nada. Tudo o que acontece, acontece porque o poder de Deus faz com que isso aconteça. Se Deus não atuasse, nada existiria e nada aconteceria. Enquanto que Erasmo tinha dificuldade de vislumbrar o agir divino por detrás do Faraó e de Judas, por exemplo, Lutero entende que até mesmo as coisas ruins não podem acontecer, a não ser por força da onipotência divina. Lutero insiste que a onipotência divina se estende ao todo da realidade criada, ou seja, se estende tanto aos ímpios como aos justos, tanto às coisas boas quanto às ruins, incluindo inclusive o próprio Satanás:

Visto “que Deus a tudo move e atua em tudo, também move necessariamente a Satanás e o ímpio e neles atua. Porém, atua neles de modo correspondente ao que são e a como os encontra, isto é: já que são desviados e maus, e são arrebatados por essa manobra da onipotência divina, fazem somente o que é contra Deus e mau. ... Aqui vê-se que quando Deus opera nos maus e por meio dos maus certamente o mal acontece, e contudo Deus não pode agir mal ainda que faça

129 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 137: “não chamo de onipotência de Deus aquela onipotência pela qual ele não faz muitas coisas de que é capaz, mas, sim, aquela [onipotência] ativa, pela qual faz poderosamente tudo em tudo, da maneira como a Escritura o chama onipotente. Digo que esta onipotência e presciência de Deus abolem completamente o dogma do livre-arbítrio”.

130 Cf. WA 18,214,11-14: “Omnipotentiam uero Dei uoco, non illam potentiam, qua multa non facit quae potest, sed actuaalem illam, qua potenter omnia facit in omnibus, quo modo scriptura [cf. Dt 32.39; Sl 115.3; Am 3.6; Is 45.7] uocat eum omnipotentem”. Assim Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 158.

131 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 128.

o mal por meio dos maus; pois, sendo ele próprio bom, não pode agir mal, mas faz uso de instrumentos maus que não podem escapar da apropriação e da manobra de sua potência. ... por isso, o mal acontece porque o próprio Deus o põe em movimento. ... Essas coisas são ratificadas e certas se cremos que Deus é onipotente e que, além disso, o ímpio é uma criatura de Deus, a qual, porém, desviada e abandonada a si mesma sem o Espírito de Deus, não é capaz de querer ou fazer o bem. A onipotência de Deus faz com que o ímpio não possa escapar da manobra e da ação de Deus, e, sim, sujeito a ele, obedeça necessariamente. Porém, sua corrupção ou aversão a Deus não permite que possa ser comovido e manobrado para o bem. Deus não pode pôr de parte sua onipotência por causa da aversão dele. O ímpio, todavia, não pode alterar sua aversão. Assim acontece que peca e erra contínua e necessariamente, até que seja corrigido pelo Espírito de Deus”.¹³²

Sem a onipotência divina nem o mal nem o bem atuariam no mundo. Para Lutero, faz parte do ser de Deus que ele esteja sempre em ação e que toda criação seja movida única e exclusivamente por sua onipotência. É esta que move toda a realidade. Nesse sentido, Lutero afirma que é necessário considerar “quão inquieta é a atuação de Deus em todas as suas criaturas e como não consente a nenhuma ter um dia feriado”.¹³³

Outros dois termos usados por Lutero para descrever a onipotência do agir divino são a sorte (*fortunam*) e o destino (*fatum*). Lutero tenta mostrar como pagãos e todas as pessoas de todas as épocas conhecem essas grandezas. Seu interesse não é o de elaborar uma teoria teológica do destino, mas a de mostrar que, de alguma forma, todas as pessoas são confrontadas com a experiência de que, apesar de todo planejamento, previsão e execução elas esbarram sempre de novo em limites insuperáveis, diante dos quais precisam necessariamente se curvar e que mostram que até o que planejaram não está em suas mãos. Lutero entende que os pagãos, quando falam do “destino” ou da “sorte”, experimentam algo daquele agir misterioso e incompreensível de Deus, que ele denominava de *deus absconditus*.¹³⁴

b) A conexão entre onipotência divina e endurecimento do coração humano

É partindo dessa concepção de onipotência divina que Lutero

132 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 128.

133 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 129.

134 Cf. detalhes em Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 167ss.

aborda, então, a triste realidade do endurecimento do ser humano. O endurecimento é uma dinâmica típica da criatura caída, que somente existe enquanto viver da força da onipotência divina e que somente Deus mesmo pode mudar.

“Deus opera o mal em nós, isto é, por meio de nós, não por culpa de Deus, mas por causa de um vício nosso, pois somos maus por natureza, e Deus, ao contrário, é bom; ao apropriar-se de nós por meio de sua ação de acordo com a natureza de sua onipotência, ele, que é bom, não pode agir de outro modo senão fazendo o mal com um instrumento mau, ainda que faça bom uso deste mal de acordo com sua sabedoria para a sua glória e nossa salvação”¹³⁵

Uma vez esclarecido isso, Lutero explica o endurecimento do Faraó:

“Essa sua vontade má não seria acionada ou endurecida por si mesma; mas, como o agente onipotente a impele com um movimento inevitável do mesmo modo que impele as demais criaturas, é necessário que ela queira algo. ... assim acontece que Faraó não pode evitar seu endurecimento assim como tampouco pode evitar a ação da onipotência divina e a aversão ou a maldade de sua vontade.” Lutero entende as palavras do Êxodo e de Paulo sobre o Faraó literalmente, e não figuradamente: “Pois quando [Deus] diz: ‘Eu endurecerei o coração de Faraó’ [Êx 3.19; 9.16], fala de maneira simples, como se dissesse: ‘Eu farei com que o coração de Faraó se endureça, ou que se endureça enquanto eu opero e ajo’”¹³⁶

Também o caso de Judas é visto por Lutero a partir dessa perspectiva:

“Se Deus tinha presciência de que Judas haveria de ser o traidor, Judas tornou-se o traidor necessariamente. E não estava na mão de Judas ou de qualquer criatura agir de outro modo ou mudar a vontade, embora tenha feito o que fez por vontade própria, e não forçado; todavia, esse querer era uma obra de Deus movida por sua onipotência assim como também todas as outras”¹³⁷

Deus deixaria de ser Deus e toda a realidade criada cairia no nada se sua onipotência não fosse o agente, a partir do qual todas as realidades, sejam boas ou más, se movem. Quanto à pergunta, por que isso tem de ser

135 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 129.

136 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 130.

137 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 134.

assim, Lutero responde:

“Resta então que alguém pergunte: por que Deus não renuncia à própria ação de onipotência pela qual a vontade dos ímpios é movida a continuar sendo má e tornar-se pior? Responda-se: isso significa desejar que Deus deixe de ser Deus por causa dos ímpios no momento mesmo em que desejamos pôr termo a seu poder e a sua ação, a saber, pedindo que deixe de ser bom a fim de que aqueles não se tornem piores. E por que não muda ao mesmo tempo as vontades más movidas por ele? Isso faz parte dos segredos da majestade, onde seus juízos são incompreensíveis [Rm 11.33]. E não nos cabe perguntar por isso [Rm 9.20], mas, sim, adorar estes mistérios”.¹³⁸

“Por conseguinte, este é o lugar e o tempo de adorar ... a verdadeira majestade divina em suas temíveis maravilhas e incompreensíveis juízos, e de dizer: ‘Faça-se tua vontade, assim como no céu também na terra’ [Mt 6.10]. Nós, porém, em nenhum lugar somos mais irreverentes e temerários do que quando penetramos e acusamos esses mesmos mistérios e juízos ininvestigáveis”.¹³⁹

Mais uma vez topamos com o caráter anti-especulativo de sua teologia. Um aspecto que chama atenção é que, mesmo defendendo que tudo o que acontece, acontece por força da onipotência divina, Lutero não coloca a “culpa” do que acontece simplesmente sobre Deus. A culpa pela rejeição e pelo endurecimento continua sendo sempre humana. Lutero também não cai no extremo de jogar toda a culpa em Deus e sua onipotência. Mas ele realmente não deixa de ver que essa culpa também é, simultaneamente e sem deixar de ser culpa humana, perpassada por uma dimensão do agir divino que a transcende e que permanece absolutamente inexplicável. Lutero cita sempre de novo, nesses contextos, versículos do trecho de Rm 9-11. Olhando especialmente para Rm 9.16 e 18 (“Não depende de quem quer nem do que corre, mas do Deus que tem misericórdia; quem resiste à sua vontade, se ele tem misericórdia de quem quer e endurece a quem quer?”), Lutero afirma reiteradas vezes que o texto bíblico é claríssimo, embora muitos o distorçam, por encontrarem tropeço nas suas afirmações.¹⁴⁰

No fundo, Lutero empreende todo esse arrazoado para mostrar que o livre-arbítrio humano nada é e que Deus é sempre fiel ao que anuncia

138 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 131.

139 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 136s.

140 Cf. especialmente Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 136s.

fazer e ao que promete. Seu interesse não é especulativo, mas pastoral:

“Moisés ... não se interessa tanto em proclamar a maldade de Faraó quanto em proclamar a verdade e a misericórdia de Deus, e isso para que os filhos de Israel não desconfiassem das promessas de Deus quando prometeu que havia de libertá-los. Visto que esta era a causa maior, prediz-lhes a dificuldade para que não vacilassem na fé, sabendo que tudo isso foi predito e devia ser assim cumprido por disposição daquele que o prometeu”.¹⁴¹

c) Tudo acontece por necessidade

É a partir de todo esse universo conceptual que Lutero pode dizer *que tudo acontece por necessidade*.¹⁴² “Portanto fica estatuído e permanece a sentença invencível: Tudo acontece por necessidade”.¹⁴³ Deus tudo vê e prevê, tudo quer e tudo faz. Ele faz com que os acontecimentos da criação – que são contingentes em relação a Deus – aconteçam por necessidade, para que o seu propósito e sua promessa se cumpram.¹⁴⁴ Com sua ação, com seu querer e com seu poder Deus faz com que suas criaturas ajam por necessidade, embora as coisas, aos olhos destas, pareçam ser mutáveis e casuais. A vontade de Deus sempre prevalece e perpassa toda a criação, de maneira que o que ele quer sempre se cumpre, mesmo em meio às aparentes contingências da criação.

d) Determinismo?

Muitos denominam esse pensamento de Lutero a respeito da “necessidade de consequência” de *determinismo*. Pois para Lutero, o vir e devir necessário da criação depende da liberdade divina, que através de sua liberdade nos impõe a necessidade. Entretanto, o agir livre e vivo de Deus não pode ser apreendido por um sistema de pensamento determinista.

141 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 132.

142 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 122-155 (embora Lutero trate também de outros assuntos no trecho).

143 WA 18,109,35s. Uma abordagem detalhada do uso do conceito de “necessitas” por Lutero pode ser encontrada em Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 160ss. Reinhuber mostra que a Escolástica distinguia entre *necessitas consequentiae* e *necessitas consequentis*, com o propósito de mostrar que nem tudo acontece por necessidade divina, mas que há coisas que acontecem por uma necessidade causada pelo livre-arbítrio humano. A distinção escolástica, partilhada por Erasmo e que tinha por único propósito salvar um espaço livre para a vontade humana no fluxo dos acontecimentos da história e da própria salvação, é criticada por Lutero.

144 WA 18,109,21-36; 27-29.

Embora Lutero esteja consciente dos perigos do uso do termo “necessidade”, fica evidente que o que lhe interessa não é a tese filosófica de que tudo acontece por necessidade e sim, a certeza de que aquilo que Deus promete, ele cumprirá e aquilo que ele determinou e quer, ele necessariamente fará, não podendo mudar e nem podendo mentir quanto a isso, de maneira que podemos nos apegar com toda a firmeza em suas promessas, pois são imutáveis e seu cumprimento é necessário. O interesse de Lutero não é filosófico-especulativo, mas sim, pastoral.

*Nesse sentido, não deixa de ser um pensamento tremendo e imperioso, que o mundo e a experiência humana são perpassados pela complexa realidade de uma soberana e imperscrutável necessidade divina, que o ser humano não tem sob seu controle, muito menos em suas mãos.*¹⁴⁵

e) Deus não coage o ser humano

Para Lutero, existir abaixo da necessidade divina não significa viver sob *coação*. O ser humano, que não é preenchido pelo Espírito de Deus, não é obrigado a fazer à força o mal, ou fazê-lo contra sua vontade, mas ele o faz por motivação própria e de boa vontade – sendo que o faz, entretanto, com forças que vem da onipotência divina. Da mesma forma, também as pessoas tocadas e movidas pelo agir de Deus não fazem o bem por força própria ou por obrigação, mas sim, espontaneamente – agindo igualmente a partir das forças que provêm da onipotência divina. Fica claro assim que o ser humano não é, de forma alguma, uma mera marionete nas mãos de Deus, sendo, antes, sempre muito ativo em suas ações e decisões.

Com coação, isto é, com uma pressão ou violência que alguém sofra de fora dele mesmo, a vontade cativa não tem nada a ver. Quem é coagido, é justamente obrigado a fazer algo contra a sua vontade ou a deixar de fazer algo que muito queria fazer. Deus não coage ninguém, não obriga ninguém a fazer algo contra a sua vontade, não salva ninguém contra a sua vontade, mas atrai a pessoa, conquista e transforma a vontade desta a partir da força poderosa e ressuscitadora de mortos da Palavra pregada. Ou seja, quando Deus age no ser humano, este passa a querer o que Deus quer e toma suas decisões pautadas na vontade de Deus.

Siegfried Kettling descreveu esse agir divino assim:
 “Apenas podemos entender isso de tal forma que o agir de Deus perpassa a nossa obra, todo nosso pensar, sentir, agir, querer, decidir, de modo dimensional, assim como transpassa, inunda, transpulsa – ‘espiritualiza’ [transpassa pelo agir do

145 Argumentos contra a afirmação que Lutero é determinista: Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 162-165.

Espírito] as raízes pré e subconscientes de tudo isso”.¹⁴⁶

Quando Lutero fala da vontade cativa, ele fala, em vez de coação da vontade, em uma *immutabilitas* – imutabilidade – da vontade humana. De um lado, essa imutabilidade significa que, após a queda, o ser humano não consegue mudar a direção e o alvo da sua vontade em relação à salvação. Como um rio com todas as suas ondas violentas e suas águas turbulentas não consegue, com toda a sua força, mudar a direção e o curso da água, i. é, fazer com que a água corra de baixo para cima, do vale para o morro, assim também o ser humano não consegue mudar o curso de sua vontade em relação à salvação por si mesmo. Em todas as suas opções, mesmo as boas, ela acabará optando sempre pela inimizade com Deus. E isso o ser humano não consegue mudar por suas próprias forças, por ser escravo do pecado, por estar morto em seus delitos e pecados. Liberdade cativa é, portanto, justamente essa incapacidade de mudar o curso e a direção da vontade em relação às coisas salvíficas, é a imutabilidade da vontade em sempre optar pelo afastamento de Deus.

“... quando Deus não está em nós com sua obra, todas as coisas que fazemos são más e nós necessariamente obramos coisas sem valor para a salvação[...]. Pois se não somos nós, e, sim, tão somente Deus que opera a salvação em nós, não operamos nada de salutar antes da obra dele, quer queiramos, quer não. Digo ‘necessariamente’, não ‘por coação’, mas como dizem eles, ‘por necessidade de imutabilidade, não de coação’. Isso é: quando o ser humano está sem o Espírito de Deus, não faz o mal por violência, contra a vontade, como se fosse arrastado pelo pescoço, ... mas o faz espontaneamente, com vontade e com prazer. Ora, por suas próprias forças ele não pode abandonar, reprimir ou mudar esse prazer ou vontade de fazer, mas continua tendo vontade e prazer. Mesmo que para fora seja coagido à força a fazer outra coisa, interiormente a vontade permanece adversa e ele se indigna com quem o coage ou lhe resiste. .. É isso que chamamos ... de ‘necessidade de imutabilidade’, isso é, o fato de a vontade não poder mudar-se e voltar-se para outro lugar”.¹⁴⁷

Não está no poder do ser humano, converter-se a si mesmo por

146 Siegfried KETTLING, *Die evangelistische Predigt*, p. 26: “Man kann das nur so verstehen, dass Gottes Tun unser Werk dimensional umgreift, all unser Denken, Fühlen, Tun, Wollen Entscheiden sowie die vor- und unbewussten Wurzeln von all dem durchdringt, durchtränkt, durchpulst, - ‘durchgeistet’”.

147 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 48; cf. também explicações nas pág. 130ss.

força de uma decisão de sua própria vontade. Pois o pecador outra coisa não pode querer do que somente a si mesmo. Ele quer ser seu deus e o seu próprio senhor. Ele quer que a honra, o poder e a glória sejam suas próprias. Assim, para Lutero, a vontade do ser humano caído é pervertida, pelo fato de todo o seu ser estar pervertido.¹⁴⁸ Sob o domínio do pecado, o ser humano não consegue mais dispor sobre si mesmo em relação à sua salvação ou sua perdição. Ele não está livre para isso. Sua vontade não está livre, mas imutavelmente voltada contra Deus.

Por outro lado, quando Deus age no ser humano para sua salvação, Lutero igualmente afirma que isso não se dá por coação e que o ser humano segue e obedece a Deus espontaneamente:

“Por outra parte, se Deus opera em nós a vontade, por sua vez, mudada e blandiciosamente tocada pelo Espírito de Deus, quer e faz por puro prazer, propensão e espontaneidade, não por coação, de modo que não pode ser mudada para outra coisa por nada que lhe seja contrário nem ser vencida ou coagida pelas portas do inferno; antes continua querendo e amando o bem e tendo prazer nele, assim como anteriormente quis e amou o mal e teve prazer nele. Também isso o prova a experiência: quão invencíveis e constantes são os homens santos! Quando são coagidos pela força a fazer outra coisa, são ainda mais estimulados a querer [o bem], assim como o fogo é mais inflamado do que extinto pelo vento. Assim sendo, também aqui não há qualquer liberdade ou livre-arbítrio para voltar-se para outro lugar ou querer outra coisa enquanto perdurarem o Espírito e a graça de Deus no ser humano. Em suma: se estamos sob o deus deste século, sem a obra e o Espírito do Deus verdadeiro, somos mantidos cativos à vontade dele, como diz Paulo a Timóteo [2 Tm 2.26], de modo que só podemos querer o que ele quer. Pois ele é aquele homem forte e armado que guarda sua casa de modo que os seus estejam em paz... E fazemos isso com vontade e com prazer, segundo a natureza da vontade. Se ela fosse coagida, não seria vontade, pois a coação é, antes, uma não-vontade, por assim dizer. Todavia, se vem um mais forte e, tendo o [sc. A Satanás] vencido, nos toma como seu despojo, mais uma vez, por seu Espírito, somos seus servos e cativos ..., de modo que queremos e fazemos com prazer o que ele quer”.¹⁴⁹

148 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 132s.

149 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 48s.

IV. EVANGELIZAÇÃO NO HORIZONTE DA VONTADE CATIVA

O ensino de Lutero levantou e levanta muitos questionamentos até hoje, em especial sobre diversos temas ligados à compreensão teológica da evangelização. Na parte que segue, tentaremos arrolar algumas das principais questões e atentar para os enfoques que o próprio Lutero deu em relação às mesmas ao longo de seu escrito *De servo arbitrio*. Uma das principais intenções que temos é a de mostrar que, ao contrário do que muitos afirmam e pensam hoje, a doutrina da vontade cativa não anula, de modo algum, a necessidade de a teologia e a igreja cristã falarem de evangelização e conversão. Antes, a doutrina da vontade cativa coloca a temática da evangelização sob uma nova perspectiva teológica.

1. A vontade cativa e os imperativos da Bíblia

Uma das primeiras perguntas que quem defende o livre-arbítrio faz é a seguinte: “Será que Lutero faz jus aos muitos imperativos e mandamentos do AT e do NT? Será que estes imperativos não pressupõem, necessariamente, a capacidade do ser humano em cumpri-los? Será que Deus iria exigir algo que o ser humano não estivesse em condições de cumprir?”.

Em Lutero, encontramos como resposta a essa pergunta que, nesse quesito, não devemos interpretar as coisas a partir da lógica humana, mas sim, partir da Palavra de Deus, que nos encontra sempre como *lei e evangelho*.

“... nossa Diatribe absolutamente não distingue entre palavras da lei e do Evangelho... Pergunto-te, porém, o que conseguirá fazer em matéria de teologia ou de Sagradas Letras quem ainda não chegou ao ponto de saber o que é lei o que é Evangelho ...?”¹⁵⁰

“... assim como a palavra da lei se dirige tão-somente a quem não sente nem reconhece o pecado – como diz Paulo em Rm 3.20: ‘Pela lei [vem] o conhecimento do pecado’ –, do mesmo modo a palavra da graça vem unicamente a quem, sentindo o pecado, se aflige e é tentado pelo desespero. Por isso, vê-se que em todas as palavras da lei se indica o pecado, ao se mostrar o que devemos [fazer]. Da mesma maneira, vê-se inversamente que em todas as palavras da promessa se indica o mal com que se atormentam os pecadores ou aqueles que devem ser animados. ... Assim, podes ver que não

150 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 95.

apenas todas as palavras da lei estão contra o livre-arbítrio, mas que também todas as palavras da promessa o refutam completamente, isto é, que toda a Escritura está em desacordo com ele”.¹⁵¹

A lógica humana nos ensina que, quando Deus pede ou ordena algo, o ser humano está em condições de cumprir. Portanto, ele deve possuir um livre-arbítrio, caso contrário, não conseguiria cumprir com as ordens divinas. Já a Escritura, segundo Lutero, mostra que os imperativos e as ordens da Bíblia, em boa medida, fazem parte da Palavra de Deus enquanto lei. E a função da lei é, conforme o ensino do apóstolo Paulo, a de mostrar que somos pecadores e nos conduzir para Cristo: “... por tais ditos se demonstra ao ser humano do que ele é devedor, não do que é capaz”.¹⁵² Eles mostram que somos pecadores e que fracassamos no cumprimento deles:

As “palavras da lei são ditas não para afirmar o poder da vontade, mas para iluminar a razão cega, para que ela veja quão nula é sua luz e quão nula é a força da vontade. ‘O conhecimento do pecado’, diz Paulo, ‘(vem) pela lei’ (Rm 3.20); ... Todo o sentido e força da lei consiste unicamente em proporcionar conhecimento apenas do pecado, mas não em demonstrar ou conferir alguma força. ... Em consequência, caro Erasmo, toda vez que me confrontares com palavras da lei, confrontar-te-ei com esta passagem de Paulo ... Ajunta, pois, a partir das maiores concordâncias, num único montão todas as palavras que estão no imperativo, desde que não sejam promessas, mas exigências e palavras da lei, e direi imediatamente que por elas sempre se indica o que os seres humanos devem fazer, não o que podem fazer ou fazem. E isso até os gramáticos e as crianças nas praças sabem: através de palavras que estão no modo imperativo não se indica mais do que aquilo que deve ser feito. O que é feito ou pode ser feito, porém, precisa ser expresso através de palavras que estejam no indicativo”.¹⁵³

Conclui-se que Lutero tenta corrigir um equívoco na interpretação teológica de Erasmo – equívoco este presente de forma marcante na igreja e na teologia cristãs até os dias de hoje.

151 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 100.

152 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 90. Cf. o contexto das pp. 90ss, onde Lutero faz uma análise de diversas passagens bíblicas (imperativos), das quais Erasmo depreende o livre-arbítrio.

153 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 91s.

2. A vontade cativa e a pregação missionária

Outro argumento em favor do livre-arbítrio reside na pergunta, se para aquele que enfatiza o servo arbítrio ou a vontade cativa, toda pregação da Palavra, toda missão e evangelização, todo estímulo para a leitura bíblica, todo convite para que pessoas venham abaixo da Palavra é, no fundo, sem sentido.

Entendido a partir da teologia de Lutero, esse argumento é um equívoco. Pois se é verdade que o ser humano está totalmente escravizado pelo pecado, e que também sua vontade se encontra sob o pecado, então o único caminho que o evangelho prevê é a pregação missionária. Aprouve a Deus arrancar o ser humano de sua escravidão tão-somente pela Palavra da pregação. O vento sopra onde quer, o Espírito Santo é livre em seu agir, mas quando age, ele age tão-somente por intermédio da Palavra pregada. O ensino da vontade cativa não mata a pregação missionária, mas sim, clama por ela, pois é por meio dela que Deus quer atingir o ser humano com sua dádiva salvífica. Cito aqui uma frase de Siegfried Kettling: “*Não é assim que embora haja uma vontade cativa, mas sim, porque há uma vontade cativa, pregação, missão e evangelização têm o seu lugar!* Justamente porque eu sei que há uma ‘vontade cativa’, eu chamo, ‘Terra, terra, terra, ouve a palavra do Senhor!’”. Ali onde a doutrina da “vontade cativa” faz surgir pessoas acomodadas, impede a missão ou resulta em passividade evangelística ou ética, lá ela foi incompreendida. Pois ela “não é um narcótico, não é um tipo de ‘quietivo’, que faz dormir, mas uma motivação, um impulso divino”.¹⁵⁴

3. A vontade cativa e o chamado evangelístico à fé

O próximo questionamento vai na mesma direção. Se Lutero critica Erasmo ao afirmar que o ser humano tem a liberdade de vontade para voltar-se para a salvação ou afastar-se dela, ainda faz sentido evangelizar e chamar pessoas à fé? Ainda faz sentido convidar pessoas a Jesus, pedir que levantem suas mãos, solicitar que venham à frente para receber a Jesus?

Se olharmos o que Lutero escreve em *De servo*, o chamado para vir a Jesus ainda não quer dizer nada. Ele pode tanto ser entendido sob as premissas da teologia de Erasmo – como apelo ao livre-arbítrio –, quanto sob as premissas da teologia de Lutero. Conforme a teologia luterana, o chamado para aceitar a Jesus, o chamado à fé, não pode ser entendido como apelo à vontade livre da pessoa. Mas precisa ser entendido como o chamado de uma palavra poderosa e eficaz, que é capaz de nos dar fé e nova vida. Para Lutero,

154 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 142.

a Palavra de Deus, ao ser pregada, é palavra criadora, que arranca do pecado e do mal. Assim como Jesus dirige sua palavra a Lázaro, que já jazia morto há quatro dias, fazendo com que o morto ressuscitasse, assim também é com a Palavra pregada em contextos de evangelização. Ela não é apelo ao livre-arbítrio humano, mas sim, expressão da força e do poder da Palavra, que é capaz de ressuscitar pessoas, arrancá-las de seus delitos e pecados, despertar poderosamente nelas a fé salvadora. Assim a frase, típica de evangelizações, “Vem hoje a Jesus!” é, na ótica da Reforma, a mesma frase que Jesus dirigiu ao morto Lazaro: “Lazaro, vem para fora”.

Concluimos que o ensino sobre a vontade cativa não mata o chamado evangelístico à fé, mas o reforça, desde que tenhamos clareza que é Deus quem está fazendo sua obra nas pessoas, operando nelas poderosamente a fé na Palavra pregada. Por outro lado, sempre que entendemos o convite à fé como apelo à vontade humana, estamos incorrendo no erro de Erasmo. *“A reta evangelização e a doutrina da ‘vontade cativa’ se condicionam mutuamente e permanecem, desta forma, saudáveis uma para a outra”*.¹⁵⁵ Quem defende a vontade cativa não só pode, como deve evangelizar e chamar pessoas à fé, pois esta é a vontade clara de Deus para seu povo. Quem acha que as duas coisas se excluem, ainda não compreendeu a inter-relação intrínseca entre elas com profundidade.

Aqui vale acrescentar uma observação sobre o *vocabulário* e a *forma* do assim chamado “apelo” evangelístico. À luz da doutrina da vontade cativa, deveriam ser evitadas formulações que contenham um claro apelo à vontade: “... decida-se hoje por Jesus”; “... você tem hoje a opção: vida ou morte; salvação ou perdição”; “... seu destino eterno está hoje em *suas* mãos...”. Com tais formulações, quase inevitavelmente se evoca a interpretação, nos ouvidos do ouvinte, de que a salvação depende dele, depende da “parte” que ele fizer, é puro ato da decisão humana. Antes, faz-se necessário encontrar formulações que expressem bem que a salvação é obra de Deus, sem deixarem de ser convite ao ser humano: “... se você percebeu que Deus está falando com você hoje, se você percebeu que ele tocou seu coração com sua Palavra, então silencie alguns instantes e agradeça a Deus comigo em oração, pois hoje a graça chegou de modo bem especial a você, hoje Deus lhe concedeu a dádiva da fé e da salvação ...”; “Deus ama e aceita você em Jesus Cristo e fez tudo para que você seja salvo. Se isso lhe ficou claro hoje, levante-se e ore comigo...”; “Jesus está à porta de seu coração e bate. Ele quer salvar você e envolvê-lo com seu amor. Se você percebeu hoje que é com você que ele está falando, faça um sinal com sua mão, para que alguém dos colaboradores possa orar

155 Siegfried KETTLING, *Vom unfreien Willen*, p. 144.

com você e agradecer por sua infinita misericórdia”; “Hoje Jesus chama você para vir após ele e segui-lo. Se você percebeu o seu toque de amor, ...”. Na verdade, existem incontáveis formulações possíveis, nas quais se consegue expressar tanto a gratuidade da salvação quanto evitar que o convite do discipulado seja articulado como apelo evidente à vontade, entendida como obra própria da pessoa. Nesse ponto, faz-se necessário um zelo pastoral maior na elaboração dessa parte tão fundamental da pregação evangelística. Aprofundaremos essa questão abaixo.

4. A vontade cativa e a conversão

Um argumento fortíssimo contra a tese da vontade cativa é o da conversão. Frase como as que seguem o revelam: “Eu me converti”; “Eu me lembro claramente que me decidi por Cristo”, “Eu aceitei o convite, e estive envolvido com meu pensar, minhas emoções, meus sentimentos e minha decisão. Foi uma luta muito grande, mas no fim, eu me decidi por Jesus e aceitei o evangelho”. Não estariam mostrando elas que a conversão é, no fundo, uma decisão bem humana, e que precisamos necessariamente pressupor o livre-arbítrio? Afinal, conversão é um passo ativo que o ser humano dá em direção a Deus ou, no mínimo, uma decisão de não resistir ao agir de Deus.

Uma resposta que se poderia dar a partir das afirmações de *De servo arbitrio*, seria – citando o apóstolo Paulo – a de que Deus efetua ambos, tanto o querer quanto o realizar (Fp 2.13). Justamente essa passagem é um testemunho claro em favor da vontade cativa. Quando alguém deseja ser salvo, quando alguém que ouve o evangelho começa a ansiar pelo perdão e pela graça, quando alguém se sente amado por Deus e atraído por esse amor, passando a querer entregar sua vida a Jesus e a crer – quando tudo isso acontece, esse querer não pode ser esclarecido a partir do livre-arbítrio, pois trata-se já de um novo querer, produzido pelo poder da Palavra de Deus em nós. A Palavra de Deus – como lei – já nos mostrou a realidade do pecado e a necessidade de mudança de vida. E a Palavra de Deus como evangelho já nos revelou o profundo amor de Deus. E esse evangelho é um poder de Deus (Rm 1.16s). Quando Deus fala e o ser humano ouve, então ocorre o mesmo que quando Jesus chamou o morto Lazaro para fora do túmulo. Lazaro não ressuscita por forças próprias, mas pelo poder incomensurável da Palavra criadora e ressuscitadora de Jesus. Com a conversão acontece o mesmo, teologicamente falando, conforme o Reformador, sendo que ele apela para que se distinga entre lei e evangelho:

Isso “deve ser dito a respeito da passagem de Is 45.20,22: ‘Congregai-vos e vinde, convertei-vos a mim e sereis salvos’.

E 52.12: ‘Levanta-te, sacode-te do pó, desata as cadeias de teu pescoço’. Do mesmo modo Jr 15.19: ‘Se te converteres, eu te converterei...’. Com maior clareza, porém, Zacarias indica o empenho do livre-arbítrio e a graça preparada para quem se empenha. Diz ele: ‘Voltai-vos para mim, diz o Senhor dos exércitos, e eu me voltarei para vós, diz o Senhor’ [Zc 1.5]. Nestas passagens nossa *Diatribé* absolutamente não distingue entre palavras da lei e do Evangelho, pois é tão cega e ignorante que não enxerga o que é lei e o que é Evangelho. ... Olha as passagens de Jr e Zc ... Acaso segue-se: ‘Converti-vos, logo podereis converter-vos’? Acaso segue-se: ‘ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração, logo poderás amá-lo de todo o coração’? Que, pois, concluem argumentos dessa espécie exceto que o livre-arbítrio não tem necessidade da graça de Deus, mas tudo pode por sua própria força? Quanto mais correto é, pois, tomar as palavras assim como estão colocadas! ‘Se te converteres, também eu me converterei’ ... Mas disso não se segue que o ser humano se converteria por seu próprio poder, e as próprias também não o afirmam; antes, dizem simplesmente: ‘Se te converteres’, advertindo o ser humano do que deve fazer. ...”. Com isso, “se mostra a forma da lei, o que devemos [fazer], e não o poder da vontade ou o que podemos [fazer], mas sim o que não podemos. ... [D]eixemos de lado as frivolidades. A palavra ‘converter-se’ é empregada mediante um duplo uso nas Escrituras: um uso legal e um uso evangélico. Em seu uso legal, ela é a voz de quem exige e ordena, que não requer um esforço, e, sim, a mudança da vida toda ... Segundo seu uso evangélico, é uma palavra de consolo e promessa divina, pela qual nada se nos exige, mas se nos oferece a graça de Deus[.] ... Toda a lei e a suma da lei estão onde ele [Jeremias] diz: ‘Converti-vos para mim’. A graça está onde diz: ‘Converter-me-ei para vós’. ... Cabe, pois, ao leitor prudente observar nas Escrituras que palavras são lei e quais são do Evangelho, para não confundi-las todas à maneira dos imundos sofistas e dessa negligente *Diatribé*”.¹⁵⁶

Essas citações mostram: quando o evangelho é pregado, ele cria nas pessoas a fé e as forças para que a pessoa se converta, ele efetua tanto o querer como o realizar da própria conversão. Tanto o desejo (querer ou

156 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 95, 96, 97 e 98.

decisão) que conduz à conversão quanto os passos concretos que ela vier a dar no ato – tempo e espaço – da conversão já são, sempre, fruto do agir maravilhoso e misterioso de Deus por meio da sua Palavra como lei e evangelho. A palavra da lei é diagnóstica, mas o chamado da graça é terapêutico e redundante, ao conduzir alguém à fé, em conversão, nova vida, novo nascimento. A conversão descreve de maneira mais intensa o que acontece no ser humano. Já o termo novo nascimento descreve de forma mais intensa o agir de Deus no ser humano. São os dois lados da mesma moeda, teologicamente falando. Ambos não podem ser contrapostos. Conforme o Reformador, nem nosso querer e nem nosso realizar surgem das forças próprias de nosso livre-arbítrio. Eles surgem pelo poder da palavra de um Deus que fala, e as coisas surgem do nada; ... que fala, e os mortos ressuscitam; que fala, e as doenças são curadas, os demônios expulsos, a visão restaurada, e assim por diante.¹⁵⁷ E nisso tudo, diria Lutero, Deus não nos coage, mas atrai. *Non cogit, sed trahit*. Ele envolve o ser humano com toda sua razão, de corpo e alma, com sentimentos, emoções e sentidos. Não há cooperação, não há sinergismo e nem há coação. O ser humano não é, diz Lutero, como “*lâpis et truncus*”, como pedra e o tronco de uma árvore nas mãos de Deus. O ser humano não é mera marionete. Quando Deus age, ele atrai e conquista, transformando o querer, a vontade e todos os sentidos do ser humano, de maneira que um novo querer – antes nunca havido – se manifeste nele. Ele o envolve com o agir do Espírito Santo. Nesse processo, o ser humano permanece passivo – passivo no sentido de sofrer a ação de Deus em sua vida. Toda resposta ativa do ser humano – que também tem o seu lugar concreto e real no evento da salvação – já é fruto de algo maior que está acontecendo, pelo poder da Palavra, nele, que é o sofrer da ação de Deus. No momento em que em nossa auto-percepção parecemos estar ativos, tomando nossas vidas em nossas mãos e decidindo-nos pela salvação, neste mesmo momento – teologicamente – somos passivos: já agimos sob o impacto e sob o efeito do agir de Deus. Mesmo ativos, somos passivos, teologicamente falando. Se olharmos apenas a dimensão antropológico-psicológica, perceberemos apenas que estamos sendo ativos – estamos fazendo algo. Se olharmos a perspectiva teológica, temos que interpretar o que está acontecendo conosco como uma espécie de passividade – sofremos a ação de Deus em nós. O problema surge, pelo fato de – empiricamente falando – não termos como provar o

157 Pano de fundo de toda esta concepção do poder da palavra do evangelho é a assim chamada “descoberta reformatória” da relação entre promessa e fé = *promissio et fides* por Lutero. Lutero passou a conceber a *promissio* como palavra criadora, diríamos, como palavra performativa, que efetua o que promete.

agir de Deus em nós e de conseguirmos detectar na nossa auto-percepção apenas a nossa ação ou atividade, mas não necessariamente o agir de Deus, permeado em nossa decisão, sentimentos, ações. Da mesma forma, outras pessoas que presenciam nossa conversão, não conseguem detectar humana ou empiricamente o agir invisível – mas real – de Deus, detectando apenas que nós dissemos “sim”, que fomos para frente quando convidados a aceitar a Cristo etc. Seja como for, não mais agimos por nós mesmos e a partir de nossa própria razão e forças.

Da mesma forma, temos que afirmar que realmente tomamos – em algum momento no tempo e em algum lugar no espaço – uma “decisão por Cristo”. Entretanto, também essa decisão, teologicamente falando, não pode mais ser qualificada como “obra própria”, mas sim, agir milagroso de Deus, que operou em mim tanto o querer quanto o realizar dessa decisão. O ser humano, mesmo na sua decisão ativa, permanece – teologicamente falando – passivo – i. é, está sob o impacto da palavra criadora de Deus e sob o agir do Espírito Santo. Ele está sendo (antropologicamente-psicologicamente) ativo, mas ao mesmo tempo (teologicamente) passivo. Citamos mais uma vez uma reflexão, a nosso ver clara e precisa, de Siegfried Kettling, que já há muitos anos tem nos acompanhado:

“*Eu vivo, mas não eu, Cristo vive em mim*’ (Gl 2.20). O querer de Deus e o nosso querer não formam algum tipo de coalisão, eles não se complementam mutuamente até somarem 100%...; nosso querer é, muito mais, abrangido, embebido, transpassado espiritualmente de modo ‘dimensional’ [alem. “*dimensional durchgeistet*”] (K. Heim) pelo querer de Deus: *Deus quer de tal modo em mim, que ele me faz querer! Por essa razão é certamente proveitoso distinguir entre a dimensão psíquica exterior e a dimensão pneumática interior: visto de fora, tenho a tendência de vivenciar esse acontecimento como a minha conversão, o meu querer, meu decidir, o meu vir [a Cristo]. [Entretanto,] numa dimensão espiritual mais profunda, isso tudo é total e integralmente agir de Deus, seu milagre, seu mistério. ... [Por isso:] Eu creio, oro, amo, espero, ajo, me arrependo e converto – tudo isso en pneumati, no Espírito de Deus, que é o único que me vivifica. Também aqui a doutrina da ‘vontade cativa’ se confirma como sendo um conhecimento chave”*.¹⁵⁸

Visto assim, temos que aprender a interpretar teologicamente

o que experimentamos psicologicamente em contextos de chamado evangelístico à fé e em momentos de “decisão”. O grande problema da teologia da conversão em muitos setores evangélicos é provavelmente este, que as pessoas se orientam em si mesmas, em seus sentimentos, em sua experiência ao interpretarem o que acontece com elas. Chegam à conclusão que a “decisão” foi, obviamente, um ato ou feito delas. Em sua própria auto-consciência, elas ouviram o convite do evangelho e tomaram a decisão de aceitá-lo. E, com isso, acabam não interpretando o que está acontecendo com elas a partir dos referenciais da Palavra de Deus, mas sim, da auto-percepção, da experiência, da psicologia. Não é por acaso que o Evangelicalismo e o Pietismo foram, muitas vezes, chamados de movimentos subjetivistas, pois se concentram somente no sujeito, na pessoa e acabam, não raro, perdendo nesse ponto os referenciais da Palavra. A experiência subjetiva se torna em critério para descrever realidades, por assim dizer, espirituais. Com isso, a experiência acaba prevalecendo sobre a Palavra de Deus. O aprendizado mais importante que esses segmentos evangélicos têm a fazer com Lutero é aprender a interpretar as coisas teologicamente, e não psicologicamente. Mesmo que a minha experiência seja forte e marcante, somente a Palavra de Deus vai poder me contar exatamente o que realmente aconteceu comigo. É preciso interpretar a experiência própria à luz da revelação. Temos que aprender a nos orientar tão-somente na Palavra, e não em nossa experiência e nem em nossos sentimentos e emoções. Sob essas premissas teológicas, não se precisa negar que a experiência de uma “decisão da vontade” por Cristo não aconteça. Psicologicamente falando, não há outra categoria para explicar o que acontece, senão fazendo uso da palavra “decisão da vontade”. Entretanto, teologicamente falando, toda “decisão” como ato da vontade humana já é sempre fruto do agir inexplicável e milagroso de Deus em nós, e não obra própria.

Vale lembrar que também o chamado evangelístico à conversão não coloca o ser humano num ponto “neutro”, no qual pudesse livremente se decidir contra ou a favor do evangelho. O ser humano, após a queda, nunca mais se encontra em posição neutra, mas já sempre em atitude de oposição velada ou expressa a Deus. Que ele abandona essa atitude, é sempre graça divina. Temos novamente que distinguir entre o ponto de vista antropológico-psicológico e o teológico: no momento da “decisão”, ninguém se encontra – *teologicamente* falando – numa espécie de âmbito neutro, a partir do qual podemos optar livremente pelo “sim” ou pelo “não”, embora, *psicologicamente* falando, tenhamos a nítida e inevitável *impressão* de nos encontrarmos num ponto neutro. Nesse momento,

importa que essa situação seja, toda ela, iluminada pela luz da Palavra de Deus, que nos relata o que estamos experimentando.

Citamos mais uma vez Siegfried Kettling:

“Podemos falar de uma *decisão* no vir à fé de uma pessoa...? Eu me decidi por Jesus? Que a palavra ‘decisão’ floresceu primeiramente no período do Iluminismo, é algo que ainda não quer dizer nada... Se compreendemos sob decisão uma categoria antropológico-psicológica, algo, portanto, que se deixa constatar empiricamente (para a pessoa atingida, que reflete sobre sua vida interior, bem como para o mundo externo que a observa), se compreendemos decisão deste modo como um termo ‘secular’, então não me parece haver nada que deponha contra o seu uso em nosso contexto. Nós dizemos: *Deus* cria pelo seu Espírito em nós o (novo) querer e o realizar segundo a sua boa vontade’ (Fp 2.13). Isto que Deus faz aqui de forma maravilhosa e misteriosa, *se ‘exterioriza’, se manifesta para fora, para o âmbito do empírico.* (Apenas Gnósticos e Docetas poderiam duvidar disso). Isto se torna em algo ‘do mundo’, isso se mostra em fenômenos psicologicamente descritíveis. Quem chega à fé, experimenta isso muitas vezes como uma luta interior, primeiramente como um ir para cá e para lá indeciso [do querer], que somente sossega quando essa pessoa chama a Deus de ‘Pai’ e quando ela diz ‘sim’. Que aqui aconteceu uma ‘decisão’, até um psicólogo ateu conseguirá atestar; a dimensão interior, que permitiu esta exteriorização, entretanto, é algo que somente se abre para a perspectiva da fé. Não me parece fazer, portanto, sentido, se tomamos o conceito ‘decisão’ como descrição para o lado antropológico de um acontecimento pneumático(!) e o difamamos teologicamente. ... Aquilo que – compreendido sob o ponto de vista do agir de Deus – somente podemos denominar de ‘*ressurreição*’ se materializa e toma corpo neste mundo como ‘*decisão*’”.¹⁵⁹

Resumindo: *é possível aderir à doutrina da vontade cativa e, ao mesmo tempo, ter uma teologia da conversão e uma prática evangelística bíblicamente fundamentada, teologicamente equilibrada e praticamente balanceada.* A teologia da conversão só se torna problemática quando tentamos fundamentá-la a partir da própria experiência ou da psicologia. Faz-se necessário à teologia evangélica brasileira abandonar o exacerbado

159 Assim Siegfried KETTLING, *Die reformatorische These*, p. 22s .

antropocentrismo e o exagerado *subjetivismo* em suas reflexões teológicas e em sua compreensão da práxis evangélica. Certamente muitos conflitos teológicos ou práticos seriam evitados nas igrejas cristãs, se esta *distinção entre o aspecto psicológico (subjetivo) e o aspecto teológico (objetivo) da conversão* fosse aplicada de modo mais coerente com as ênfases do testemunho bíblico e – porque não dizer – reformatório. Que alguém aceite o evangelho e a Cristo, continua sempre sendo graça inexplicável e imerecida. Que pessoas rejeitem o evangelho, continua sendo um mistério inexplicável. Tal rejeição continua sendo culpa humana. Mas por que, afinal, determinadas pessoas são arrancadas de sua atitude de rejeição e outras não, é humanamente inexplicável.¹⁶⁰

5. A vontade cativa e a ética cristã

Um último questionamento que costuma ser feito é se a doutrina da vontade cativa não acaba minando a ética cristã, tornando as pessoas passivas, preguiçosas, acomodadas e irresponsáveis, do tipo: “Eu pobre e miserável pessoa luterana: Deus faz tudo por mim. Eu não sou nada, não sei nada, não tenho nada e, por isso, também não faço nada”.

Em seu debate com Erasmo e também em outros de seus embates, Lutero nunca cansou de afirmar que é impossível que a fé criada pela Palavra de Deus em nós seja passiva. Pelo contrário, ela é ativa, e antes que alguém pergunte, ela já fez algo pelos outros. A fé autêntica sempre redundará em obras. A intensa atividade da fé, que Lutero não entendia como obra própria, mas obra que a pessoa faz em Cristo, com Cristo e por Cristo, ele descreveu em seu tratado *De libertate christiana*, de 1520. Isso significa que, se a doutrina da vontade cativa acaba redundando em passividade e acomodação, ela está sendo mal-compreendida. É nesse contexto que se torna relevante a concepção que Lutero tem do ser humano como *cooperador* de Deus:¹⁶¹

“Antes que o ser humano seja renovado para a nova criação do Reino do Espírito, ele não faz nada, não se empenha por

160 No fundo, todas as tentativas de “explicar” o fenômeno do agir de Deus, a imbricação entre o agir de Deus e o nosso agir, permanece presa aos limites do nosso pensar. Siegfried KETTLING, *Die reformatorische These*, p. 23: “Alle Versuche, das *dimensionale Ineinander von Gottes Alleinwirksamkeit* und unserer *Verantwortlichkeit* ‘aus-zudenken’, führen uns an letzte Grenzen unseres Denk- und Aussagevermögens.”

161 Veja acima. Importante é destacar que Lutero via o ser humano como cooperador em diversos níveis, seja no âmbito da criação ou da redenção. No âmbito da criação, todos os seres humanos são cooperadores de Deus, sendo que toda a atividade voltada para a promoção da cultura e defesa da vida está sob esta insígnia. Já no âmbito da redenção, essa cooperação é realizada pelos renascidos.

nada daquilo que ele pudesse preparar para esta renovação; além disso, [mesmo] criado de novo ele não faz nada, [nem] se empenha por nada daquilo que possa fazer com que ele permaneça neste Reino, mas ambas as coisas é somente o Espírito que opera em nós, [que] nos cria de novo sem nós e conserva os renascidos, como também Tiago diz: ‘Ele nos criou conforme a sua vontade através da palavra do seu poder, para que sejamos o princípio de sua criação’... Mas ele não opera sem nós [lat.: *sed non operatur sine nobis*], pelo fato de ele ter nos renovado e conservado justamente para isso, a fim de que ele opere em nós e nós cooperemos com ele [lat.: *ut operaretur in nobis et nos ei cooperamur*]. Assim ele prega através de nós, se apieda dos pobres, consola os aflitos; mas o que podemos atribuir a partir disso tudo ao livre-arbítrio? Pelo contrário, o que lhe é deixado, senão nada? E realmente nada”.¹⁶²

Fica aqui evidente que, sob a graça, Deus envolve o ser humano, de maneira que se torne seu cooperador, passando a fazer tudo a partir das forças de Cristo nele, nada a partir de suas forças próprias. Tanto na nova criação – justificação do ímpio – quanto na conservação dos renascidos na fé e na ética – santificação – não há espaço algum para o livre-arbítrio, mas sim, tão somente para o agir de Deus, que atrai o ser humano e o conquista em sua integralidade, de maneira que este passe a viver de boa vontade no discipulado, no serviço a Cristo e ao próximo.¹⁶³

V. TEODICÉIA, VONTADE CATIVA E PREDESTINAÇÃO: A PERGUNTA PELA JUSTIÇA DIVINA

Com este tema, chegamos a mais profunda das perguntas abordadas em *De servo arbitrio*. Se nas coisas superiores realmente é assim que não há livre-arbítrio, o que dizer dos que “rejeitam” a graça? O que dizer dos que se perdem? Por que a maioria parece permanecer longe de Deus? Como Deus pode condenar os perdidos ao inferno, se eles nem tinham como se livrar dele por força de sua própria vontade? E como fica a justiça de Deus – não está ele agindo de modo injusto para com aqueles que se perdem? Se as pessoas que foram salvas foram eleitas ou predestinadas

¹⁶² Assim Martin LUTERO, *De servo arbitrio* – WA 18,754,8ss. Cf. Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 141s.

¹⁶³ Podemos lembrar aqui da afirmação de Paulo em Gl 2.19-20 e de muitas outras passagens: “... agora, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...”.

por ele, então teria Deus predestinado a outras pessoas – talvez a maioria – para a perdição? E se é assim, que Deus horrendo, sombrio e injusto é este, que em arbítrio decidiu salvar somente alguns? Será que com a doutrina do livre-arbítrio de Erasmo tudo não fica mais fácil, mais lógico e evitamos todos esses problemas? E será que, defendendo a concepção da vontade cativa, não caímos num dilema insolúvel, que só nos causa conflitos, que deixa muitas questões em aberto e que nos causa sempre a impressão de que Deus é muito injusto?

Realmente, se fizermos uma avaliação sóbria, é nessas perguntas que sangra a ferida aberta do mundo evangélico, sim, a ferida aberta da própria teologia, em especial, neste caso, da de Lutero. O teólogo Albrecht Peters descreveu com precisão a profundidade dessa ferida. Segundo ele, o elemento assolador e aterrador na questão da predestinação, em especial na forma como Lutero o defende, é que aparentemente o evangelho não tem como competir com a lei, que parece triunfar. “A lei parece ter uma abrangência mais ampla que o evangelho, a ira toma conta da graça, o *‘deus absconditus’* superou o *‘deus revelatus’*.” Ele pergunta: “Será que o *deus absconditus* terá a última palavra?”¹⁶⁴

Se lemos o livro *De servo arbitrio*, veremos que Lutero se expôs a todos esses questionamentos a partir de um amplo pano de fundo bíblico-teológico, norteando todas as suas esperanças na revelação futura da glória de Deus. Tudo o que escreveu ao longo desse escrito se afunila para esse desfecho. Para ele, é justamente nessa pergunta que se decide, se o critério para a teologia é o que razão humana diz, ou o que a Palavra de Deus ensina. Por isso, queremos trabalhar nesse trecho especialmente a parte final do escrito *De servo arbitrio*, mais especificamente a assim chamada *Confissão de Lutero*.¹⁶⁵ Sua análise – trecho por trecho – nos permitirá retomar os pontos principais que servem de resposta a essas questões.

1. “Constante incerteza” – Síntese da existência humana na catividade

Lutero começa sua *Confissão* resumindo sua visão do ser humano e louvando a Deus:

“Quanto a mim, confesso abertamente: se fosse possível, não gostaria que me fosse concedido o livre-arbítrio ou que me fosse colocado na mão alguma coisa com a qual poderia

164 Albrecht PETERS. *Glaube und Werk. Luthers Rechtfertigungslehre im Lichte der heiligen Schrift*. (AGTL VIII). Berlin; Hamburg: Walter de Gruyter 1967, p. 239, respectivamente 249.

165 A *Confissão* encontra-se em Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 211-215.

esforçar-me pela salvação. Isso não apenas porque não seria capaz de subsistir e garantir aquilo [que foi posto na minha mão] em tantas adversidades e perigos, além de tantos demônios lutando contra mim, visto que um único demônio é mais forte do que todos os homens e nenhum homem poderia ser salvo, mas também porque, caso não existisse nenhum perigo, nenhuma adversidade, nenhum demônio, não obstante me veria obrigado a debater-me em constante incerteza e a dar golpes no ar.”¹⁶⁶

Enquanto Erasmo apostava nas potencialidades do ser humano, Lutero inicia sua confissão apontando para a mais profunda fragilidade do ser humano, visto como alguém ameaçado, inconstante, exposto a perigos, cativo de poderes que estão acima dele. Como pecador, ele é totalmente, e não só parcialmente dominado pelo pecado e pelo mal. Sujeito a tantas forças e adversidades que determinam sobre sua vida, bem como à realidade difusa do mal, Lutero está convencido de que a vida humana é marcada pela “constante incerteza”. Um profundo realismo antropológico caracteriza esse trecho. Não por acaso, Lutero é visto por teólogos que se encontram na tradição de Erasmo e na tradição da teologia católico-romana de cunho mais otimista – seja no passado ou no presente – como sendo defensor de uma antropologia pessimista. Entretanto, o problema básico de qualquer otimismo antropológico reside justamente no fato de não conseguir eliminar essa constante incerteza, pois o ser humano aposta em si mesmo.

2. O arbítrio divino – Único fundamento sólido da certeza da salvação

O segundo momento dessa primeira parte da *Confissão* mostra o quanto esta inconstância do ser humano afeta sua vida e lhe rouba a certeza de sua salvação:

“Pois, mesmo que vivesse e realizasse obras eternamente, jamais minha consciência terá certeza e segurança sobre quanto deveria fazer para satisfazer a Deus. Pois em qualquer obra feita permaneceria a dúvida se ela agrada a Deus ou se exige algo mais, como mostra a experiência de todos os que lutam pela justiça com forças próprias e como eu próprio aprendi suficientemente por tantos anos, para desgraça minha”.¹⁶⁷

Lutero fala a partir de uma experiência de longos anos de lutas, provações e tentações – em especial, de provações relativas à sua

166 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 211.

167 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 211.

predestinação. Ele conclui que o ser humano é tão frágil e inconstante, que não é possível fundamentar nele a certeza da salvação. Olhando para si mesmo, vive em eterna dúvida, sendo arrastado para dentro da realidade de sua profunda inconstância e pecado, que o afeta integralmente. Pois ele nunca saberá, com toda certeza, se ele já fez aquele mínimo que Deus espera da vontade humana, ou não. Pelo fato de ele pecar sempre e sempre de novo e de ser tentado de todos os lados, ele acabará sendo levado constantemente à dúvida sobre a qualidade, a veracidade, a profundidade e a sinceridade de sua própria decisão. A pessoa é levada a olhar o tempo todo para si própria ou a sucumbir diante das provações e forças que a aprisionam, fazendo com que suas convicções de fé oscilem de acordo com seus sentimentos, suas percepções, suas experiências. A dúvida, e não mais a certeza caracterizará sua vida.

Certeza da salvação haverá somente se a salvação estiver no arbítrio de Deus – de um Deus que arranca o ser humano do poder das trevas e de si próprio:

“Agora, porém, que Deus tirou minha salvação do meu arbítrio e a incluiu no seu e prometeu salvar-me não por meio de minha obra e corrida, mas por sua graça e misericórdia [Rm 9.16¹⁶⁸], estou seguro e certo de que ele é fiel e que não me mentirá e que, além disso, é forte e poderoso de modo que nenhum demônio, nenhuma adversidade poderá vencê-lo ou arrebatar-me dele. Ele diz: ‘Ninguém os arrebatará da minha mão, porque o Pai, que os deu, é maior do que todos’ [Jo 10.28s]. Assim acontece que, se não todos, sejam salvos alguns e [até] muitos, enquanto pela força do livre-arbítrio [do ser humano] não seria salvo sequer um, mas todos estaríamos perdidos conjuntamente”.

“Então também estamos certos e seguros de que agradamos

168 Interessante é observar que, em relação a todo o contexto de Rm 9, que é uma das passagens centrais para Lutero, em especial em relação a Rm 9.16-18, Erasmo insiste na relevância da *escolha da liberdade humana*: “A misericórdia de Deus antecede o nosso querer, acompanha o mesmo em seu esforço e lhe concede o desfecho bem-aventurado, entretanto assim, que nós subscrevermos justamente aquilo que é nosso a Deus, ao qual pertencemos por inteiro”. Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, III a 4, p. 97. Seguindo a interpretação de Orígenes de Alexandria, Erasmo afirma, por exemplo, que o Faraó foi criado “bom” por Deus. Mas pelo fato de o Faraó ter se voltado para o mal, Deus o usou para sua própria glória e para a salvação do seu povo. Para uma análise mais detalhada deste tópico, cf. Eberhard HAHN, *Wie (un-)frei sind wir?*, p. 135s. Lutero trata exaustivamente da questão do endurecimento do Faraó em Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 116ss. Lutero critica a interpretação tropológica “forçada” (p. 119) de Erasmo, pleiteando que o texto seja entendido em seu sentido gramatical.

a Deus, não pelo mérito da nossa obra, mas pelo favor da misericórdia que nos é prometida; e se fazemos menos ou fazemos mal, [estamos certos e seguros] de que no-lo não imputará, mas que nos perdoa e corrige paternalmente. Essa é a glória de todos os santos em seu Deus”.¹⁶⁹

Se, portanto, o centro do ser humano, o seu coração, já está sempre ocupado, onde o ser humano encontra chão firme? Chão firme o ser humano encontra apenas fora de seu próprio arbítrio – *extra meum arbitrium*.¹⁷⁰ Um pesquisador de Lutero definiu o Reformador, nesse sentido, como um homem *tentatus quaerens certitudinem* – um homem tentado em busca de certeza.¹⁷¹ Vemos, dessa forma, que aqui, nesta *Confissão*, Lutero combina *a mais profunda convicção de sua própria predestinação com a mais profunda inquietação diante da incompreensibilidade e da injustiça em relação à predestinação de outros*.¹⁷²

Resumindo, antes de tocar na questão da justiça divina propriamente dita, Lutero lembra neste início da confissão que a perspectiva, a partir da qual se deve pensar é a da confissão de pecados e da gratidão pela graça imerecida de Deus. Somente nesta perspectiva ele entende ser possível obter a *certeza da salvação*. Para Lutero, não importa tanto – como veremos a seguir – que o ser humano obtenha certezas de cunho cognitivo ou racional, mas sim, *certezas de cunho existencial*.¹⁷³ No lidar com as horríveis questões em torno da justiça divina, não importa tanto ter conhecimento, mas sim, um terreno firme e sólido, onde sua inconstante existência encontra descanso.

3. A incompreensibilidade da justiça divina

Na segunda parte da *Confissão*, Lutero aborda uma das “preocupações” básicas de Erasmo, que o fazia defender o livre-arbítrio.

169 WA 18,883,17-39 = Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 211s. Cf. Oswald BAYER, *Pecado e vontade cativa*, p. 135.

170 WA 18,288,36.

171 Oswald BAYER, *Theologie*. (HST 1). Gütersloh: Gütersloher Verlag 1994, p. 530. Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 121. A formulação de Bayer é alusão à formulação de Anselmo de Canterbury: *fides quaerens intellectum* – fê que busca a compreensão intelectual.

172 Lutero segue Paulo, que também pula da certeza de sua própria salvação (Rm 8.38s) para a pergunta, como fica com a salvação e a eleição dos outros (Rm 9-11).

173 Um determinado pano de fundo para a busca de Lutero por uma certeza que lhe servisse de fundamento existencial encontra-se na interpretação de Lutero de Is 7.9 – “Se não creeres, não compreendereis” (em latim Vulgata: *nisi credideritis non intellegitis*). Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 121ss.

Diante da dura e incompreensível realidade da perdição de tantas pessoas, para Erasmo, somente a afirmação de que o ser humano é responsável e possui livre-arbítrio, podendo – mesmo que em pequena medida – decidir seu destino, pode comprovar que Deus é justo.¹⁷⁴ Assim, Erasmo postula a culpa do ser humano e de suas próprias escolhas e decisões, para poder livrar Deus de qualquer acusação. Erasmo tenta solucionar de forma *lógica* a problemática da justiça divina. Diferente Lutero, que abre mão da lógica e entende que a justiça divina necessariamente nos será incompreensível:

“Se, porém, causa preocupação o fato de ser difícil defender a clemência e a justiça de Deus, que condena os que não têm merecimento, ou seja, os ímpios que, tendo nascido na impiedade, nada podem fazer por si mesmos para que não sejam ímpios, não permaneçam ímpios e não sejam condenados, e não sejam coagidos a pecar por necessidade da natureza e a se perderem, como diz Paulo: ‘Todos éramos filhos da ira, do mesmo modo como os demais’ [Ef 2.3], visto que foram criados pelo próprio Deus da semente viciada pelo pecado de um só homem, Adão, aqui deve ser honrado e venerado o clementíssimo Deus, naqueles indigníssimos que ele justifica e salva; e, afinal, se deve fazer alguma concessão à sabedoria divina, para que se creia que ele é justo quando nos parece ser injusto. Pois se sua justiça fosse tal que o homem pudesse julgar com sua capacidade de percepção que ela é justa, de forma alguma ela seria divina e em nada se diferenciaria da justiça humana. Como, porém, Deus é verdadeiro e único e, além disso, totalmente incompreensível e inacessível para a razão humana, é conveniente, sim, é necessário que também sua justiça seja incompreensível, como também exclama Paulo, dizendo: ‘Ó profundidade das riquezas e da sabedoria de Deus; quão incompreensíveis são seus juízos e insondáveis seus caminhos!’ [Rm 11.33]”.¹⁷⁵

A problemática é clara: a graça de Deus é totalmente imerecida, fruto de uma iniciativa exclusiva de Deus. Se isso é assim, então não seria a condenação de muitas pessoas totalmente injusta? Lutero, seguindo o testemunho das Escrituras – Rm 11.33 –, entende que a *injustiça* divina

174 Esta é uma de suas principais insistências na 4. parte da *Diatribes* (cf. IV 4,165; IV 5,167; IV 12,179; IV 13s,183s). Sempre de novo Erasmo insiste que, se não houver livre-arbítrio é necessário ver a Deus como sendo profundamente injusto e cruel, como alguém que lhe dá mandamentos que não pode cumprir, pior que um tirano malvado (IV 5,167).

175 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 212.

é só aparente e precisa ser relativizada. As aparências, os sentimentos e a lógica humana, para Lutero, necessariamente nos conduzirão à conclusão de que Deus “nos parece ser injusto”. Chama atenção que Lutero não nega esse fato. Ele não é insensível, muito menos despreocupado diante da questão da “justiça” divina. Ele não é indiferente em relação ao destino dos ímpios. Também a razão do crente permanece solidariamente dilacerada perante a trágica realidade do duplo desfecho do juízo final. Por outro lado, percebe-se um interesse, sim, uma inquietude, em submeter-se ao juízo das escrituras também nessa questão.¹⁷⁶

Ainda assim, o ponto decisivo é que o cristão não vive pela lógica, nem pelos seus sentimentos e nem pelas aparências, mas sim, pela fé. Por isso, cabe-lhe crer que Deus é justo mesmo quando lhe pareça agir de forma injusta. Para a razão humana, o agir divino necessariamente será “incompreensível”. Pois Deus é totalmente incompreensível e inacessível para a razão humana. E se ele é incompreensível, sua justiça inevitavelmente também o será. Primeiro vem a diferença entre Deus e ser humano. Depois disso vem a afirmação, por derivação, da diferença entre a justiça divina e a humana.

Lutero recorre, nesse contexto, a Rm 11.33, e por duas razões. Primeiro, porque é o *locus classicus* da incompreensibilidade de Deus na Bíblia – vale lembrar que todo o arrazoado de Paulo em Rm 9-11 culmina, entre outros, nesse versículo, e que Rm 11.33ss retomam todo o contexto do final do livro de Jó (cap. 38-41, esp. 41.3). Em segundo lugar, porque todo o trecho de Rm 9-11 é de muito peso para Erasmo – Lutero gasta 23 páginas na interpretação do trecho, fora as inúmeras alusões ao longo do livro. Para Lutero, Rm 11.33 é uma passagem que mostra que há uma profunda *diferença entre o ser humano e Deus*. Não há uma relação tão imediata entre o ser de Deus, o criador, e o ser humano, sua criatura, que permita que o agir de Deus se torne naturalmente plausível, lógico

176 Lutero sempre defendeu o duplo desfecho do juízo final em seus escritos. À pergunta, se ao final todos seriam salvos, incluindo o Diabo e seus anjos, ele respondeu com um claro “Não”: cf. WA 26,509,15ss. Para uma abordagem da questão, cf. Claus SCHWAMBACH. *Rechtfertigungsgeschehen und Befreiungsprozess. Die Eschatologien von Martin Luther und Leonardo Boff im kritischen Gespräch*. (Forschungen zur systematischen und ökumenischen Theologie, 101). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 2004, p. 156-158. Embora Lutero tivesse uma estima especial por gentios como Cícero, desejando que viesse a encontrá-los no céu, ele não fez desta sua esperança e desejo pessoal uma teoria da salvação universal (*apocatastasis pantoön*). Cf. Claus SCHWAMBACH, op. cit., p. 157 (com indicações de outra literatura); Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 287ss. Diferente pensa Werner THIEDE. *Luthers individuelle Eschatologie*, in: LuJ 49 (1982), p. 7-49, aqui p. 46-49. Thiede descobre algumas passagens em Lutero a partir das quais, segundo ele, ao lado desta posição básica (duplo desfecho do juízo final), também se poderia eventualmente caminhar em direção a um universalismo.

e compreensível para o ser humano. Tudo isso Lutero tenta explicitar na continuidade de sua confissão:

“No entanto, [os caminhos de Deus] não seriam incompreensíveis se fôssemos capazes de perceber, em todos os detalhes, por que são justos. Que é o homem comparado com Deus? Que pode nosso poder comparado ao dele? Que é nossa força ao lado das forças dele? Que é nosso saber comparado com a sabedoria dele? Que é nosso ser comparado ao ser dele? Em resumo, que é tudo que temos ao lado do que ele tem? Se, portanto, confessamos, ainda que com base no que nos ensina a natureza, que o poder humano, sua força, sabedoria, conhecimento e seu ser e tudo que somos e temos é absolutamente nada se comparado com o poder, a força, a sabedoria e o conhecimento de Deus, que perversidade é então a nossa que impugnamos somente a justiça e o juízo de Deus e arrogamos para nosso juízo uma capacidade tão grande que queremos compreender, julgar e avaliar o juízo divino? Por que não dizemos de modo semelhante: nosso juízo não é nada comparado com o juízo divino? Consulta a própria razão se não é obrigada a confessar convicta que procede de modo estulto e temerário ao não admitir que o juízo de Deus seja incompreensível, quando confessa que todas as demais coisas concernentes a Deus são incompreensíveis”.¹⁷⁷

Entre Deus e o ser humano impera uma profunda ruptura qualitativa. Nenhuma força da razão ou da compreensão pode transpor este hiato entre o ser de Deus e o ser humano. Para Lutero, é a mais pura pretensão e a mais ousada arrogância querer acusar Deus de qualquer injustiça. Se ele, por ser Deus, é diferente do ser humano, a justiça divina também terá que ser diferente. Nisso precisamente reside, para o Reformador, a sua *incompreensibilidade*. Lutero declara assim a falibilidade de toda lógica¹⁷⁸ e de todos os conhecimentos humanos diante do escândalo da justiça divina.¹⁷⁹

Em relação às muitas perguntas humanas que surgem em torno das

177 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 212s.

178 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 126: “Essas coisas, repetirá a razão, não são próprias de um Deus bom e clemente. Superam demasiadamente seu poder de compreensão, e ela nem mesmo pode render-se para crer que é bom o Deus que faz e julga tais coisas, mas deixando de lado a fé, quer apalpar, ver e compreender de que maneira ele é bom e não cruel.”

179 Seguimos aqui a interpretação de Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 112ss.

razões do ser e do agir de Deus, em especial de sua justiça, Lutero dá, no fundo, uma regra bem clara, seguindo o ensino que ele encontra em Rm 9: *Quem és tu, o homem, para que faças perguntas a Deus?* Lutero entende que todas essas perguntas surgem a partir da razão e da lógica humana, que não aceita a Palavra, não admite a diferença entre Deus e homem, mas se coloca como juíza que define o que é e o que não é justo, colocando-se no lugar do próprio Deus. E além de juíza, ela quer defender a justiça de Deus com força própria, argumentos racionais, ajudando a tornar o agir de Deus mais lógico e plausível para as pessoas.

4. A centralidade da fé para nossa existência no íterim

Como já ocorreu ao longo de seu escrito, assim também na *Confissão* Lutero enfatiza que a única maneira legítima de lidar com todo este fato complexo da incompreensibilidade de Deus e seu agir é a *fé*:

“Na verdade, concedemos a Deus a majestade divina em todos os demais assuntos, somente em relação à justiça estamos dispostos a negá-la a ele, não podendo crer que ele é justo, embora nos tenha prometido que assim será quando ele revelar a sua glória, quando então veremos e poderemos apalpar com as mãos que ele foi e é justo”.¹⁸⁰

Importa que se creia que Deus é justo quando nos parece ser injusto. A incompreensibilidade de Deus exige a fé. Tal “fé entra ... em um íterim: Ela entra no fosso [alem. *Kluft*] ontológico entre Deus e ser humano e crê na justiça, onde aparentemente só há injustiça; dessa forma, ela entra também no fosso escatológico entre a não compreensão do presente e a revelação derradeira da glória de Deus, quando todos irão ver e apalpar que Deus foi justo e ainda o é”.¹⁸¹ Nesse sentido, fica evidente que esse fosso ou esse hiato, essa diferença qualitativa permanecerá até a eternidade (cf. abaixo: luz da glória), tendo que ser suportada e agüentada pela fé. Não há como eliminar esse fosso. A ardente pergunta, se Deus, afinal, está sendo justo e agindo de modo justo, permanecerá em aberto para nós até a glória. Em seu agir no contexto da eleição ou predestinação, Deus permanecerá incompreensível, pois haverá um evidente e inexplicável conflito entre a revelação clara de que ele quer salvar a todos e a triste realidade de que muito se perdem. Toda tentativa de banir a incompreensibilidade do agir divino neste *tempus medium* ou neste *íterim* entre a primeira e a segunda vinda de Cristo descambará para a pretensão e a especulação. Nesse

180 Martinho LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 213.

181 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 114. O autor faz uma ampla análise do tema da incompreensibilidade do agir divino na tradição filosófica e na tradição teológica (p. 114ss).

sentido, a teologia de Lutero é profundamente *anti-especulativa*, obrigando o teólogo a se manter dentro do que se deixa sustentar pelas Escrituras. A vida terrena é um lugar cognitivo limitado e, por isso, também a fé não pode ficar presa ao que a razão entende ou considera compreensível.

A fé, para Lutero, não é a chave de todos os segredos divinos. Também a fé é limitada e não pode ser confundida com o conhecer pleno ou o ver. Quem crê, ainda não vê e ainda não conhece plenamente (cf. 1 Co 13). A fé também se encontra numa espécie de íterim – ela está *entre* o empenho da razão em decifrar os mistérios divinos, de um lado, e a promessa da visão da glória de Deus, de outro lado. A fé é caracterizada, simultaneamente, pela *certeza*, voltada para a promessa dada no presente, e a *esperança*, voltada para a promessa voltada para o futuro. Fé e esperança formam, também em *De servo arbitrio*, um binômio inseparável – *Interim credamus et speremus*.¹⁸² A fé já possui uma *certeza*, mas diante do fato de que ainda nos encontramos aqui neste mundo sob o agir do *deus absconditus* ao lado do *deus in Christo revelatus et praedicatus*, essa *certeza é também limitada*. Da mesma forma, o conhecimento ou a compreensão da fé também é limitado. Ele não é, ainda, um ato de conhecimento pleno e ilimitado. Esse conhecimento está reservado apenas para o que Lutero denomina de luz da glória (veja abaixo). Nesse íterim importa continuar distinguindo entre crer e saber, crer e ver, como já o apóstolo Paulo o fez. Sempre que essa distinção é eliminada, cai-se no perigo da especulação. Thomas Reinhuber chama a atenção que, para Lutero, o conhecimento da fé, no fundo, não é tão importante como o “ganho de chão” proporcionado pela fé, pois “mais importante que a certeza cognitiva é a certeza existencial, a certeza inabalável diante das tentações pelo mundo, pelo Diabo e por Deus”.¹⁸³ Nesse sentido, a fé não é um tipo de substituto para a incapacidade de a razão compreender. A fé também enxerga algo – mas não o mesmo que a razão enxerga. Ela enxerga, por assim dizer, a partir do que ela *ouve* na Palavra das Escrituras, sem o ver.

Por isso, a fé precisa *suportar as tensões* inerentes a este íterim: a fé precisa suportar a experiência de que Cristo ainda não venceu – visivelmente – o mal de forma derradeira, embora as Escrituras lhe prometam que o mal já foi vencido. A fé precisa ainda suportar que o *deus abscondito* não foi – ainda – totalmente engolido pelo *deus revelado*. A fé precisa suportar o fato de que a certeza que lhe é dada é limitada, não ainda

182 Cf. WA 18,393,9-11 (*De servo arbitrio*). Cf. as linhas 16-18 deste trecho: “Quia haec est scientia sanctorum, credere contra mendacium in veritatem, contra veritatem manifestam in veritatem absconditam, contra spem in spem”.

183 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 115.

absoluta, podendo ser – ainda – abalada e tentada por experiências terríveis e temíveis com o *deus absconditus*. Tudo isso caracteriza esse ínterim em que a fé se encontra.¹⁸⁴

5. O exemplo da fé diante do problema da teodicéia

Lutero prossegue, exemplificando o papel preponderante da fé:

“Quero dar um exemplo para confirmar esta fé e para confortar aquele olho malvado que considera a Deus suspeito de injustiça. Olha, em coisas externas Deus administra este mundo corporal de tal maneira que, se observares o juízo da razão humana e lhe seguires, estás obrigado a dizer que Deus é nulo ou que Deus é iníquo, como o expressa aquele [aquele]: ‘Muitas vezes me assalta o pensamento de que não existem deuses’. Pois observa como prosperam os maus, enquanto os bons vivem na maior miséria, o que também testemunham os provérbios e a experiência, mãe dos provérbios: ‘Quanto mais criminoso tanto mais afortunado’. ‘Prosperam as tendas dos ímpios’, diz Jó [12.6] e o Salmo 73.12 lamenta que os pecadores alcançam grandes riquezas neste mundo. Acaso não é a maior injustiça, de acordo com o juízo de todos, que os maus são abençoados com fortunas e os bons são afligidos? Mas este é o curso do mundo. Neste ponto inclusive os maiores gênios caíram no erro de negarem a existência de Deus e a concluírem que a sorte determina tudo cegamente, entre eles os epicureus e Plínio. Além disso, Aristóteles opina que aquele seu primeiro ser, para libertar da miséria, nada vê das coisas a não ser a si próprio, por acreditar que lhe seria extremamente incômodo ver tantos sofrimentos e tantas injustiças. Por outro lado, os profetas, que acreditavam na existência de Deus, foram mais tentados pelo pensamento de que Deus é injusto, como aconteceu com Jeremias, Jó, Davi, Asaf e outros. Que achas tu o que terão pensado Demóstenes e Cícero que, depois de terem feito tudo o que esteve a seu alcance, receberam por recompensa um fim miserável?”¹⁸⁵

5.1 A experiência: poetas e histórias, ditos populares e profetas

A teologia de Lutero é uma teologia da experiência. Ele leva a experiência, tal qual os poetas e historiadores, os ditos populares e os

184 Assim Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 196-198.

185 Martim LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 213.

profetas e personagens bíblicos a tiveram, a sério. Para ele, as experiências que estes fizeram, servem de exemplo para a reflexão teológica. Pois o pensar humano se identifica com elas e se move no horizonte das mesmas. Lutero prefere recorrer a todas essas testemunhas mais que aos teólogos sistemáticos da escolástica, que refletem a partir da teoria e da especulação. Poetas, historiadores e profetas (incluídos especialmente os salmistas) experimentaram algo da sabedoria e da tragédia humana em suas vidas e as relataram. As experiências, condensadas na literatura filosófica, histórica e popular que lhes eram acessíveis, deixavam-no perceber como é o “curso do mundo” – sendo que por “curso do mundo” Lutero entendia a soma de todas as experiências humanas. Mesmo que não falassem de Deus, essas experiências refletiam um modo como pessoas, no fundo, experimentavam o agir de Deus no mundo. Assim, ele preferia refletir a teologia em diálogo com esses personagens muito mais do que no diálogo com os filósofos. Ele via muitas verdades que a Bíblia também ensina, ensinadas e ilustradas nesses relatos da experiência humana.¹⁸⁶ O que essas experiências lhe mostravam a respeito do dilema da vida humana? Que o agir de Deus é inexplicável e que não resta muito mais àqueles que experimentam e refletem sobre o curso do mundo a não ser desesperar e a concluir que, se houvesse Deus, este seria injusto. Pois o mal impera em todas as frentes e os ímpios prosperam em todos os cantos. Inclusive os profetas, que sabiam da existência de Deus, sofriam ainda mais com essa discrepância, experimentada no curso do mundo. Lutero topa, assim, com a problemática da teodicéia: como justificar o agir de Deus diante do mal?

5.2 O problema da teodicéia

Para Erasmo, o mal que perpassa a história mundial tinha uma só origem: ele não poderia, de forma alguma, ser atribuído a Deus, mas tão-somente ao livre-arbítrio humano. Toda a 4. parte da *Diatribes* tentava mostrar isso. Erasmo colocava toda a culpa no livre-arbítrio humano para poder desculpar a Deus e afirmar que ele é justo. Injustos são os seres humanos.¹⁸⁷ Lutero, por sua vez, como vimos, não se contenta com a afirmação de que, em última instância, o ser humano é culpado. Isso lhe é muito pouco e minimiza o agir de Deus, enquanto Todo-poderoso. Seria ridículo se Deus assistisse, risonho e distante, ao curso do mundo. Por isso, ele insistiu em afirmar que Deus opera tudo em todos e que também opera nos maus.

Será que o mal vem de Deus ou foi criado por Deus? Embora

186 Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 200ss.

187 Cf. especialmente Desiderius ERASMUS, *De libero arbitrio*, IIIb6, p. 131-133.

haja declarações contraditórias de Lutero ao longo de *De servo arbitrio*, ele defende, de modo geral, o seguinte: Deus não apenas permite o mal, mas age através dos maus e do mal, de modo que o mal aconteça. Ele é onipotente. Entretanto, nessa onipotência, que mantém a criação em funcionamento, ele mesmo não age mal, pois é bom. Se, por um lado, a categoria da “permissão” do mal é muito fraca para Lutero, já a afirmação de que Deus “cria” o mal lhe é, via de regra, muito forte. No fundo, ele se resguarda de entrar em especulações sobre a origem do mal. Por isso, ele repete várias vezes que Deus, o Todo-poderoso, “encontra” o mal e os maus já aí e, por ser onipotente, necessariamente estes agem por força dessa sua onipotência. Uma de suas declarações extremas é – como vimos acima – a de que Deus age no ímpio e em Satanás do modo como os encontra. Ele encontra a vontade ímpia de Satanás, mas não a cria. Por outro lado, sua afirmação de que Deus apenas encontra o mal e age por ele está em contradição com a afirmação radical de que ele é o criador exclusivo e onipotente. Isso mostra que Lutero não tinha essa questão sistematizada. E esse nem era seu interesse. Seu interesse era o de não suprimir a realidade do mal no mundo e, por outro lado, de apontar para a soberania de Deus.¹⁸⁸ A realidade do mal é, de alguma forma incompreensível e indescritível, passada pela realidade do Deus onipotente.

Se Lutero, em última instância, não conseguia atribuir o mal do mundo meramente ao livre-arbítrio, mas via a realidade do *deus absconditus* em sua onipotência por detrás do curso caótico do mundo, como ele lida com a questão da teodicéia? Lutero, como já fez tantas vezes, abre mão de explicações racionais e teóricas. Ele também não domestica a realidade do mal e a inclui automaticamente no sistema. Ao invés disso, destaca que a *incompreensibilidade* do agir divino já se deixa perceber de forma tremenda no curso do mundo. E é esse o ponto em que quer, em verdade, chegar. O agir de Deus no curso do mundo é tão incompreensível, que a razão humana não tem outra alternativa a não ser experimentar e afirmar que Deus, se existe, é injusto. *Lutero não reflete sobre o mal a partir da perspectiva da especulação metafísica, mas desde a perspectiva da experiência gritante e dolorosa da tentação e da provação – seguindo o “exemplo” de incontáveis seres humanos e inúmeros pais da fé.* Como Lutero resolve a problemática da teodicéia?

“Não obstante esta iniquidade de Deus tão provável [que faz o justo sofrer injustiças] e traduzida por argumentos aos quais nenhuma razão ou luz natural pode resistir, é removida com

188 Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 200-234, onde toda esta temática é abordada a partir de diversas passagens do texto de Lutero.

facilidade por meio da luz do Evangelho e do conhecimento da graça, pela qual somos instruídos de que os ímpios, sem dúvida, florescem fisicamente, mas que a alma se perde. A solução para toda esta questão insolúvel se resume numa só palavrinha: depois desta vida existe outra vida na qual tudo o que não for punido e remunerado aqui será punido e remunerado lá, visto que a presente vida nada mais é do que a precursora, ou melhor, o início da vida futura.”¹⁸⁹

Lutero usa aqui o problema da teodicéia, seu agir incompreensível no âmbito do curso deste mundo, como *exemplo* para ilustrar o que realmente pretende abordar, a questão da predestinação. Se o assunto da teodicéia encontra uma “solução” quando a pessoa conhece a “luz do Evangelho”, de maneira que a pessoa *creia* que esta vida aqui é apenas *precursora* da vida futura, então isso pode servir de exemplo para se lidar, *a partir da mesma fé*, com a problemática da predestinação. Lutero relativiza, a partir da fé, o valor da experiência do curso caótico deste mundo, pois a fé começa a se fixar no mundo vindouro de Deus. Lá Deus estabelecerá sua justiça e punirá e recompensará os seres humanos. Ou seja, a partir do momento em que alguém começa a crer no evangelho, algumas questões até lá incompreensíveis para a razão natural do ser humano encontram uma solução e uma resposta. E justamente esse dado é que Lutero pretende usar como trampolim para a segunda e derradeira parte de sua argumentação, quando pretende falar da predestinação. Entretanto, ao invés de partir logo para ela, ele resume o que havia dito até aqui mediante a alusão de um ensino – bem conhecido não só na Idade Média, mas já anteriormente – das 3 luzes ou níveis do conhecimento humano.

6. A distinção das “três luzes” como resposta à pergunta pela justiça divina

Toda a abordagem que Lutero faz em sua *Confissão*, culmina com a menção das três luzes que precisam ser distintas (*luz da natureza, luz da graça e luz da glória*).¹⁹⁰ O texto, certamente uma das passagens principais de todo o livro *De servo arbitrio*, fala por si:

“Se, portanto, a luz do Evangelho, que é forte somente na Palavra e na fé, realiza coisas tão grandes que esta questão discutida através de todos os tempos e jamais resolvida, é dirimida e adequada com tanta facilidade, que achas que

189 Martim LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 214.

190 Sobre o pano de fundo histórico, filosófico e religioso da metáfora das luzes, cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 241ss.

sucedirá quando deixar de existir a luz da Palavra e da fé e quando será revelado por si só o próprio assunto e a majestade divina? Ou acaso não crês que então a luz da glória poderá resolver com facilidade a questão que à luz da Palavra e da graça é insolúvel, visto que a luz da graça resolveu com tanta facilidade a questão insolúvel à luz da natureza? Coloca-me três luzes: a luz da natureza, a luz da graça e luz da glória, de acordo com uma distinção geral e boa. À luz da natureza é insolúvel que seja justo quando o homem bom é afligido e o mau vai bem. No entanto, a luz da graça resolve a questão. À luz da graça é insolúvel como Deus pode condenar aquele que com qualquer de suas forças próprias somente é capaz de pecar e de se tornar culpado. Aqui tanto a luz da natureza quanto a luz da graça ditam que a culpa não é do miserável homem, mas do Deus iníquo, pois não pode haver outro juízo de Deus que coroa o ímpio sem nenhum mérito, e ao outro, menos ímpio, em todos os casos não mais ímpio, não coroa, antes o condena. A luz da glória, porém, dita outra coisa e há de mostrar que Deus, cujo juízo por ora ainda encerra uma justiça incompreensível, é de uma justiça extremamente justa e evidente; apenas que, entretentes, creiamos nisso, admoestados e confirmados pelo exemplo da luz da graça que realiza um milagre semelhante à luz natural”.¹⁹¹

Lutero conclui seu escrito com essas palavras imponentes. A solução derradeira para a questão da teodicéia e para a questão da predestinação divina – pressuposto que a vontade humana é cativa – se encontra na distinção entre as três luzes, que ele aprendeu da tradição e aplicou ao problema em questão. Essa distinção é a resposta bem concreta que Lutero dá à questão da *incompreensibilidade* de Deus e de seu agir, afinilada aos problemas da teodicéia e da predestinação. Tal distinção das 3 luzes sugere, de modo geral, que no passar de uma luz à outra, questões obscuras e insolúveis se tornam cada vez mais claras, até serem plenamente resolvidas. A distinção das luzes promete oferecer – assim poderíamos dizer – aquilo que as tradições ocidentais sempre procuraram: iluminação radical – pensemos na pretensão do Iluminismo! Promete, além disso, oferecer aquilo que as tradições orientais da humanidade mais ansiaram: iluminação plena.¹⁹² O pano de fundo bíblico para essa distinção encontra-se em 2 Co 5.7, que fala da diferença entre a fé e o ver – andamos por fé e

191 Martin LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 214.

192 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 241.

não pelo que vemos – e em 1 Co 13.12 – agora vemos somente como por um espelho, então veremos plenamente.

A *luz da natureza* refere-se ao conhecimento natural do ser humano, ao conhecimento da razão. A *luz da graça* é entendida por Lutero como o conhecimento que vem da Palavra revelada, o conhecimento da fé ou a luz do evangelho - em síntese, o conhecimento que vem da Palavra - que ele entendia em *De servo arbitrio* como lei e evangelho - e que é apreendido pela fé.

Na *luz da natureza* surge o problema da teodicéia. Esta questão, entretanto, que é antiqüíssima, encontra uma resposta na *luz da graça* – sim, uma solução breve e fácil: haverá uma outra vida após esta. Entretanto, também a *luz da graça* apresenta um problema insolúvel – a questão da predestinação. Somente na *luz da glória* haverá uma resposta. Sejam destacados alguns aspectos importantes para a interpretação desse trecho:

6.1 A luz da natureza

A luz da natureza ou da razão – aqui entendida como a soma do imenso espectro das experiências, do conhecimento e do bom senso a partir da observação e da reflexão sobre o curso deste mundo – é vista por Lutero como uma instância que constata as experiências que sofre e descreve o que percebe. Ela sofre e experimenta a realidade, sem poder explicá-la. Ela pode detectar o problema da teodicéia de inúmeros testemunhos ao longo da história, sem poder, realmente, resolvê-lo.¹⁹³ No fundo, fica aqui evidente o dilema humano e a pergunta pela justiça divina, que jamais quis calar ao longo da história humana. O ser humano natural, fora da graça e fora da fé, sem a perspectiva da esperança da glória, jamais conseguirá, de si mesmo, sair debaixo da experiência férrea e inevitável da *incompreensibilidade* de Deus. Se Deus, em sua graça, não o arrancar desta vida, sua vida permanecerá sem sentido algum, o mundo permanecerá lhe sendo um caos e uma incógnita e a divindade lhe permanecerá sendo duvidosa, injusta, difusa e absolutamente incompreensível. Existe, para Lutero, um estar “fora” da graça de Deus, no qual o ser humano permanece sob a ação da onipotência universal divina.¹⁹⁴

6.2 A luz da graça

Lutero entende que, quando uma pessoa chega à fé na Palavra, o problema da teodicéia é facilmente resolvido: a pessoa passa a crer que haverá uma outra vida após esta, no qual todas as injustiças serão sanadas. A eternidade trará castigo para os ímpios e recompensa para os justos. Não

193 Para detalhes, cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 264ss.

194 Assim Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 185.

seria esse consolo barato demais? Não estaria Lutero jogando o problema simplesmente para o futuro, de modo que K. Marx, por exemplo, teria razão, ao afirmar que a religião é o ópio do povo?

Thomas Reinhuber chamou atenção para o fato de que Lutero pensa aqui muito forte a partir do Sl 73, bem como dos Sl 37 e 49. O discurso de Lutero lembra fortemente em Sl 37.34-38 e Sl 73.17-19 e 27. Os salmistas olham, em meio ao lamento por injustiças sofridas nesta vida, para o fim dos ímpios e, ao mesmo tempo, para a certeza de que no futuro estarão em comunhão indizível com Deus. Esse olhar para o futuro lhes traz alento e consolo em meio às provações do aqui e do agora. Nesse olhar para o futuro, que ocorre na presença de Deus, os salmistas obtêm a certeza inalienável da proximidade e de uma comunhão intensiva com Deus (cf. Sl 73.23-26), de tal modo que suas dúvidas e provações, suas preocupações e todos os questionamentos – ao menos para este momento – são suportados. Futuro e presente se misturam nesses salmos e no texto de Lutero. A luz da graça aponta para o futuro, mas faz com que esse futuro encontre a pessoa já no presente, na forma de uma promessa. Dessa forma, a expectativa futura determina a vida presente. Desse modo, a pessoa não recebe um consolo barato, mas em meio à experiência da injustiça ela recebe consolo a partir da mensagem da vida eterna.¹⁹⁵

6.3 A interrupção na distinção das luzes

Lutero afirma que cada luz vai resolvendo questões insolúveis. A luz da graça resolve a questão da teodicéia. E a luz da glória, a questão da predestinação. Importante é perceber que há uma evidente interrupção nesta seqüência de luzes. A luz da graça resolve a questão da luz natural e, ao mesmo tempo, tem de lidar também com um problema insolúvel, a saber, como conseguirá chamar Deus de justo se ele parece ser injusto e agir injustamente em relação aos perdidos? Nessa questão da predestinação, portanto, é interessante observar que, em termos de conhecimento, *também os crentes caem de volta para o mesmo nível que as pessoas descrentes em relação ao problema da teodicéia*. Também eles, apesar de serem, não são possuidores de algum conhecimento que fosse substancialmente maior do que os descrentes na questão da predestinação. Também eles não têm como comprovar que o agir de Deus é justo perante o foro da razão humana, caindo eles mesmos, não raro, em grandes provações e dúvidas. Assim, tanto crentes como descrentes, por assim dizer, são assolados com provações relacionadas ao agir onipotente de Deus em sua abscondicidade.

195 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 267.

Ambos se tornam solidários sob a onipotência do agir divino, uns em relação à teodicéia e outros em relação à predestinação.

6.4 O problema da predestinação e a inquietude escatológica de Lutero

No fundo, a pergunta pela justiça divina em relação à predestinação perpassa toda a *Confissão* e perfaz o transfundo de todo o livro *De servo arbitrio*. A predestinação é abordada exatamente naquela “interrupção” mencionada acima:

“À luz da graça é insolúvel como Deus pode condenar aquele que com qualquer de suas forças próprias somente é capaz de pecar e de se tornar culpado. Aqui tanto a luz da natureza quanto a luz da graça ditam que a culpa não é do miserável homem, mas do Deus iníquo, pois não pode haver outro juízo de Deus que coroa o ímpio sem nenhum mérito, e ao outro, menos ímpio, em todos os casos não mais ímpio, não coroa, antes o condena”.¹⁹⁶

Lutero menciona, a partir do testemunho das Escrituras, a realidade do justo e do ímpio, da salvação e da condenação. Também a perdição é, nesse sentido, vista como um destino derradeiro não só possível, mas também real para o ser humano, ao lado da salvação. O contexto aqui pressupõe, de certa forma, um duplo desfecho da história universal. Além disso, chama atenção que Lutero, muito convicto – como a própria *Confissão* o atesta – de sua própria salvação, não perde sua inquietude em relação à salvação de outros. De um egoísmo salvífico, Lutero está muito distante. Se a pessoa agraciada com a salvação ficasse apenas com sua confissão de que tem certeza da salvação, a predestinação não seria um problema sério para as pessoas que vivem na luz da graça. Mas justamente porque se perguntam – em amor – pelo destino derradeiro de outros, pela predestinação de outros, é que a predestinação se torna um problema incompreensível. Nesse sentido, Thomas Reinhuber chamou a atenção ao fato de que

“o falar de Lutero sobre as três luzes proíbe que tudo na problemática da predestinação seja relacionado com a *lumen gratiae*, com o Deus revelado. A conexão e a solidariedade de uns filhos da ira com os outros filhos da ira permanece e não se deixa reprimir. Esta solidariedade aparece em Lutero assim, que ele tem esperança de que o pagão Cícero, que ele apreciava e amava sobremaneira, alcançasse a bem-

196 Martim LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 215.

aventurança (cf. Rm 9.1-3; 10.1). Ainda assim, Lutero não fez desta esperança pessoal uma teoria geral, uma doutrina da redenção universal ..., mas impõe a si mesmo o limite, de que se deve permanecer na palavra revelada”.¹⁹⁷

Um terceiro aspecto que chama a atenção é que Lutero fala da realidade da culpa. A condenação, de um lado, sempre é culpa humana. Por outro lado, Lutero admite que há, também, um outro lado dessa moeda, que reside no fato de o ser humano já se encontrar sempre, após a queda, sob a desgraça, o destino e fatalidade da culpa. Pecado é culpa e destino. De um lado, sob a perspectiva da Palavra revelada de Deus, sempre é culpa humana quando alguém se perde. Entretanto, Lutero não deixa de ver a questão da culpa humana também sob o ponto de vista do *deus absconditus*, de maneira que a culpa humana é circunscrita dentro do agir onipotente desse Deus. A culpa humana é cercada pela onipotência divina e sua necessidade. No fundo, esse trecho da *Confissão* mostra que Lutero não deixa a questão só na culpa humana. De modo ainda mais ousado do que Agostinho ou até Calvino Lutero ousa formular – e isso mais vezes em *De servo arbitrio*¹⁹⁸ – que Deus condena “inocentes”. A partir da distinção entre Deus abscondito e Deus revelado, ele ousa pensar que há uma contradição na vontade de Deus – ao menos para a percepção humana. O *deus revelatus* quer que todos sejam salvos. Mas a menção da realidade dos perdidos na Bíblia mostra que, de um modo para nós incompreensível, o *deus absconditus* em sua onipotência opera, segundo nossa percepção humana, tudo em todos, salvação e perdição.

Com essa argumentação, fica evidente a *inquiétude escatológica* em Lutero:

“A ‘inquiétude escatológica’ de Lutero, que não se aquietava nem com a *lumen naturae* e nem com a *lumen gratiae* (com os meios da *lumen naturae*), mas que força seu perguntar em direção a *lumen gloriae*, não deixa as perguntas [da predestinação e da justiça divina] ficarem esclarecidas já agora. Ele não deixa a questão estagnada ‘no adorar em silêncio o imperscrutável’. Ela [a inquiétude escatológica] é, na ‘expectativa da auto-identificação futura do Deus revelado (*deus revelatus*) no Deus abscondito (*deus absconditus*), inquieta, voltada ‘para o alvo escatológico’, no qual o amor de Deus será onipotente e a onipotência divina nada mais será que seu amor’. O *deus absconditus* não – ainda não – foi

197 Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 286s.

198 Cf. WA 18,289,5; 226,16s; 227,9.15.21s.26.33.

superado no Deus revelado; a ira não – ainda não – foi superada pela graça. Para Lutero, a luz da graça e a fé não se deixam simplesmente universalizar. Elas possuem certamente uma validade abrangente, mas sempre ainda uma eficácia limitada. ... Uma eficácia universal tem, indubitavelmente, a onipotência do Deus abscondito, e este irá preservar sua eficácia contra a luz da graça e o Deus revelado até a luz da glória”.¹⁹⁹

6.5 A luz da glória – Ponto de referência inalienável para a esperança da fé

Aquilo que Lutero fala da luz da glória se encontra sob a ressalva de todas as afirmações escatológicas: elas falam de algo, sobre o qual mal se pode falar, por serem inacessíveis à compreensão humana. Nas breves frases em que Lutero fala dessa luz, pulsa sua esperança de que aquele Deus onipotente e abscondito, que opera tudo em todos, irá se dissipar no Deus que foi revelado em Cristo Jesus, de maneira que Deus será tudo em todos (1Co 15.28; cf. Ef. 1.23; Cl 3.11). Então o último inimigo será vencido (1Co 15.26) e a contradição que agora experimentamos entre *deus absconditus* e *deus revelatus* terá um fim.²⁰⁰ Até a luz da glória, a luz da graça, entretanto, permanecerá limitada. Até lá, o crer não pode ser dissolvido no ver. Até lá, permanecerá uma tensão inevitável na nossa experiência de Deus e no próprio ser de Deus para nós. Até lá, a pergunta pela justiça divina permanecerá incompreensível para nós – justamente como aqueles que já se encontram no âmbito do crer, sem no entanto, ver.

A distinção entre “graça” e “glória” nos lembra que nosso lugar cognitivo é e permanece até a morte nesta vida pré-mortal. Não podemos antecipar a glória. Temos que suportar as questões não resolvidas da predestinação pela fé. No fundo, Erasmo não conseguiu suportar essa tensão e queria uma solução lógica. Por isso defendeu o livre-arbítrio. Já Lutero quis deixar Deus ser Deus. Abriu mão de uma última explicação lógica. Optou por reconhecer a limitação de seu lugar cognitivo atual – a luz da graça – sem abrir mão da esperança de que um dia, a justiça divina que lhe é incompreensível lhe será plenamente compreensível e evidente.

Lutero conclui com três enfoques:

Primeiro, ele exorta Erasmo e seus leitores a que permaneçam nesta

¹⁹⁹ Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 290s.

²⁰⁰ Cf. as seguintes frases de Lutero, em outras obras: “Der Christus wirt dich bringen ad absconditum Deum” (WA TR 5,294,34). “Halt das festlich und fur gewiss, und wen du revelatum nimbst, wirt er dir den absconditum mit bringen” (WA TR 5,295,5s). Cf. Thomas REINHUBER, *Studien*, p. 294.

fé – ela é a única postura correta que faz jus ao lugar cognitivo em que todos nos encontramos antes da morte, do juízo final e da consumação. Depois, ele insiste em afirmar que há uma diferença qualitativa entre nosso conceito terreno e humano de justiça – ao qual também os cristãos não conseguem fugir – e a justiça divina, que se revelará como sendo “extremamente justa e evidente”. Por fim, ele enfatiza que este conhecimento que haverá na luz da glória terá o mesmo caráter que o conhecimento dado ao crente no âmbito da luz da graça – será um “milagre”.

Ou seja: O *deus absconditus* permanecerá agindo em sua onipotência incompreensível a nós até a luz da glória. Até lá permanecerá um conflito racionalmente intransponível, uma provação inevitável e uma luta interminável entre o *deus absconditus* e o *deus revelatus* na nossa percepção e experiência de Deus. Na experiência que fazemos hoje, no aqui e no agora pré-mortal, terreno e anterior à glória futura, o agir do Deus revelado permanece oculto e misturado com o do Deus abscondido, sendo justamente por isso acessível somente à fé, e não à razão. Lutero, entretanto, é movido pela esperança, baseada na promessa de Deus, de que um dia, na revelação da glória de Deus, Deus abscondido e Deus revelado, finalmente, serão um – um *para nós*. Por ora, nós experimentamos a Deus como se ele tivesse duas vontades, não o compreendemos ou compreendemos apenas parcialmente, mas *cremos* que ele é um só. Lá veremos que ele é, de fato, um só – lá a fé se transformará, finalmente, em ver e em saber. Agora, no ínterim desta vida presente, sua infinita misericórdia e seu amor nos são, ainda, incompreensíveis – precisam ser cridos contra toda experiência e toda aparência. Mas lá, na glória, seu amor, sua misericórdia e, acima de tudo, sua justiça, serão evidentes e compreensíveis. “*Er ist noch ymer vorporgen. Aber am iungsten tag wirt er erscheynen ynn Heller offenbarer klarheyt und ehre, das seyne klarheyt unnd ehre wirtt allen creaturn offinbar seyn und ewiglich also offinbar bleyben*”.²⁰¹

VI. CONCLUSÃO

Chegamos ao fim desta abordagem extensiva do escrito de Lutero. Muitos dos aspectos abordados certamente levantam mais perguntas que respostas. Questionamentos diversos certamente permanecem. Ainda assim, pudemos chegar a diversos resultados concretos em relação aos questionamentos inicialmente levantados. Primeiramente, concluímos que, a rigor, é possível seguir a doutrina da vontade cativa sem que isso mate,

201 WA 101/1,44,8-11 (Kirchenpostille, 1522 – interpretação de Tt 2.13).

necessariamente, a evangelização. Antes, pelo contrário – essa doutrina abre um espaço impressionante e inusitado para a evangelização e nos auxilia a nos libertarmos do exacerbado antropocentrismo e subjetivismo que permeiam muitas de nossas concepções teológicas e nossa práxis evangelística. Em segundo lugar, percebemos que não apenas os referenciais da antropologia bíblica, mas os amplos referenciais de toda a doutrina cristã precisam ser muito mais levados em conta ao refletirmos sobre como a salvação divina nos alcança enquanto pecadores. Percebemos também o quanto é necessário que a teologia se locomova em distinções vitais, que permitam articular a verdade cristã na linguagem do paradoxo. Ficou claro para nós também que somos, em nossas abordagens teológicas, muito mais filhos do racionalismo do que queremos admitir. Permitimos que a lógica humana e o espírito da época determinem nossa teologia e, com isso, consciente ou inconscientemente, acabamos nos tornando especulativos, minimizando a radicalidade do pecado e da graça divina, fomentando uma verdadeira apoteose do ser humano, e roubando a honra e a glória que somente pertencem a Deus. Por fim, percebemos que toda a prática da evangelização e toda a teologia não precisam ser determinadas pela dúvida, mas sim, pela fé e pela esperança – pela esperança na revelação derradeira daquele, “cujo juízo por ora ainda encerra uma justiça incompreensível, [mas se mostrará na luz da glória como sendo] de uma justiça extremamente justa e evidente”.²⁰²

202 Martim LUTERO, *De servo arbitrio* [O. Sel., vol. 4], p. 215 – trecho final da *Confissão* de Lutero.